

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais na Área de
Especialização em Relações Internacionais realizada sob a orientação científica de

Professor Doutor Tiago Moreira de Sá

e

Professor Doutor José Manuel Félix Ribeiro

AGRADECIMENTOS

Uma imensa gratidão àqueles, que no seu momento, partilharam o seu conhecimento numa área que tanto me apaixona.

Ao Professor Doutor Luís Tomé cujo pensamento crítico e clareza de discurso moldaram o meu interesse pela Geopolítica.

À Professora Doutora Teresa Maria Ferreira Rodrigues e à Professora Doutora Catarina Mendes Leal às quais devo o gosto pela cenarização e pensamento prospetivo.

Aos meus orientadores, Professor Doutor Tiago Moreira de Sá e Professor Doutor José Manuel Félix Ribeiro pela disponibilidade demonstrada, extrema paciência e saberes transmitidos. A eles ficarei eternamente grato.

À minha família nuclear, que sem o seu incansável apoio e constantes palavras de incentivo não me teria sido possível completar mais este objetivo.

Síria 2020: Estudo prospetivo da Guerra Civil Síria no contexto regional a um horizonte de 5 anos

João de Campos Nascimento Coelho

O presente trabalho propõe-se a gerar uma visão futura para a Síria, através da aplicação de teoria prospetiva e recorrendo a técnicas de cenarização. A abordagem efetuada tem como premissa que as dinâmicas regionais presentes no Médio Oriente são espelhadas na guerra civil em curso. Para melhor compreendê-la, analisámos não só a sua dimensão interna, como também a região envolvente e o seu macro enquadramento. Nesse sentido, foram definidas estruturas, elencados os seus principais atores e analisado o papel que estes desempenharam no conflito ao longo dos anos. A correlação entre estes elementos possibilitou identificar tendências sobre as quais estabelecemos incertezas, fornecendo assim os fatores cruciais à elaboração de um cenário que após a aplicação de metodologias específicas, permitiu a formulação de um futuro possível, entre muitos.

PALAVRAS-CHAVE: Síria, Guerra, Prospetiva, Cenário

This paper aims to generate foresight regarding Syria's future by employing key concepts from prospective theory and through the use of scenario building techniques. We regarded the topic at hand, the ongoing civil war in Syria, as a microcosm that reflects the full spectrum of those regional dynamics that define the Middle East. Taking this premise into account, we broadened our analysis to include not only the conflict's inner dimension, but also the surrounding region along with other key players capable of global reach. By outlining the regional complex and breaking down each stakeholder's role over time, trends and patterns of behavior emerged along with crucial uncertainties. Correlating both these factors through a specific scenario planning methodology allowed us to anticipate one possible future, out of many.

KEYWORDS: Syria, War, Prospective Study, Scenario Planning

ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I: Conceitos e Metodologia.....	4
I. 1. Prospetiva, Previsão e Estratégia	4
I. 2. Metodologia de Cenarização.....	8
I. 3. Modelo de Análise	10
Capítulo II: Dimensão Externa do Conflito.....	13
II. 1. Macro Enquadramento: E.U.A. e Federação Russa.....	13
II. 2. Ambiente Contextual: Linhas Fraturantes do Médio Oriente.....	23
II. 3. Ambiente Contextual: Tipificação de Atores	31
Capítulo III: A Síria:.....	49
III. 1. Contextualização Histórica	49
III. 2. Perfil Geopolítico	67
Capítulo IV: Dimensão Interna do Conflito	76
IV. 1. O Bloco Moderado	76
IV. 2. O Bloco Salafista	81
IV. 3. O Estado Islâmico	84
IV. 4. O Estado Étnico-Curdo	90
Capítulo V: Elaboração do Cenário.....	95
V. 1. Elementos Pré-Determinados.....	95
V. 2. Incertezas Cruciais	106
Apresentação de Cenários e Conclusão.....	112
Bibliografia	121
Lista de Tabelas e Anexos.....	128

LISTA DE ABREVIATURAS

GBN - Global Business Network

CIA – Central Intelligence Agency

CoNS - Coligação Nacional Síria

CNS - Conselho Nacional Sírio

CGCEI - Coligação Global para o Combate ao Estado Islâmico

NDF – Força de Defesa Nacional

CCL - Comitês de Coordenação Local

RSC – Complexo Regional de Segurança

YPG – Unidades de Proteção do Povo

IM – Irmandade Muçulmana

Introdução

Quando em 2003, o então Presidente dos Estados Unidos da América, George W. Bush tomou a decisão de promover uma mudança de regime no Iraque, acabou, inadvertidamente por colocar termo a um equilíbrio entre dois dos principais blocos étnico-religiosos presentes no Médio Oriente. As consequências desta opção representam um pesado contributo para a conflitualidade que assola atualmente a região.

Da mesma forma, a opção Israelita em deixar cair as fortes restrições contra o fundamentalismo islâmico que imperavam em Gaza, após ocupação daquele território em 1967, contribuiu certamente para o enfraquecimento da então secular Organização para a Libertação da Palestina, mas a mesma escolha permitiu que fossem estabelecidas as bases necessárias à emergência do Hamas, como organização terrorista que hoje se configura uma séria ameaça à segurança de Israel.

Ambos os casos são exemplos do que nas ciências sociais, se apelida de consequências involuntárias: quando uma decisão produz resultados não antecipados que, por vezes, são opostos à intenção original do decisor. Tratando-se de uma problemática generalista, a sua expressão na área das Relações Internacionais é duplamente pertinente, devido à complexidade inerente ao sistema político internacional, e ao impacto que uma má decisão pode gerar na vida de milhões de pessoas.

Em parte, é esta complexidade que impossibilita a erradicação completa do fenómeno das consequências involuntárias, mas a sua incidência pode certamente ser minimizada. Uma solução possível encontra-se no recurso ao estudo prospetivo e à sua componente prática, a cenarização, como forma de projetar futuros possíveis. Estes, ao serem integrados no processo de decisão permitem antecipar consequências e reajustar estratégias de forma a minorar a hipótese de obter resultados indesejados.

É este o contexto que estabelece a premissa base desta dissertação. A abordagem à problemática selecionada não se irá restringir a uma análise retrospectiva,

procurará também inculir um sentido prático ao seu resultado através da formulação de um cenário, passível de ser utilizado em processos de decisão.

Como tema deste exercício optámos pela Guerra Civil em curso na Síria. Em parte, devido à forma singular como espelha, na sua dinâmica interna, as fraturas geopolíticas que definem a região onde se insere, mas também devido ao elevado grau de influência que atores externos exercem, sobre os desígnios do próprio conflito. É a articulação destas duas características, com o objetivo geral de formulação de um cenário que define as grandes questões que este exercício procura responder.

Em que consiste a relação entre o que apelidámos de dimensão regional do conflito e a sua dimensão interna? E como é que essa relação se irá projetar no futuro?

Para adereçar estas questões, sentimos a necessidade de estabelecer uma base metodológica que permitisse alicerçar o exercício, e ajustá-lo ao tema selecionado. Para tal, foi efetuada uma breve abordagem às noções conceptuais do estudo prospetivo, de forma a definir a metodologia específica de cenarização que optámos por utilizar, bem como, o método de análise escolhido para o processamento da informação essencial à sua elaboração.

Quanto ao conflito em si, optámos por tratá-lo de forma holística, reconhecendo que se desenrola num contexto regional muito específico. A análise ao Médio Oriente demonstra-se assim como um passo essencial em todo este processo e, é nesse sentido que definimos três linhas de escrutínio na nossa abordagem: (a) conhecer os principais atores tendo em vista o seu poder relativo na região; (b) identificar padrões de hostilidade e convergência que regem as suas relações; (c) compreender a postura que cada um dos atores selecionados assume perante a guerra civil em curso.

No entanto, a contextualização do conflito não se prende apenas com pressões provenientes do vetor regional. É certamente necessário identificar e compreender as raízes históricas locais que permitiram o reunir das condições necessárias ao eclodir das hostilidades.

Por fim, e face à multiplicidade de fações a operar no terreno, movidas por interesses próprios e sujeitas alinhamentos externos distintos, não consideramos viável a adoção de uma visão monolítica da dimensão interna do conflito. Para descortiná-la será essencial identificar quem são estes grupos, como se relacionam e de que forma são influenciados por atores externos.

Após a articulação destas diferentes dimensões do conflito, contamos contribuir positivamente para a compreensão das dinâmicas que definem a guerra civil na Síria, e através da construção de um cenário, antecipar riscos e contemplar um futuro possível, entre muitos.

I. CONCEITOS E METODOLOGIA

I.1 Prospetiva, Previsão e Estratégia

O conceito de prospectiva está intrinsecamente relacionado com o processo de decisão inerente à condição humana. Nos anos 50 o filósofo Francês, Gaston Berger postulou que quando um decisor era confrontado com uma escolha, esta inevitavelmente era determinada pelo que apelidou de tendência retrospectiva. O decisor baseava a sua ação apenas em experiências passadas para formular a sua opção. Face à rapidez com que o mundo evoluía, esta influência acabava por se revelar manifestamente insuficiente¹. Como resposta propôs que além da componente retrospectiva, o decisor deve procurar complementar o seu processo mental com uma análise prospectiva relativa ao futuro onde as suas escolhas se vão refletir.

A proposta de Berger está na base do que viria a tornar-se na escola Francesa do Estudo Prospetivo, tendo sido posteriormente iterada por outros autores que formalizaram o conceito, através da criação de metodologias específicas à sua aplicação prática. O ímpeto originário que estabelece o estudo prospectivo como vetor de apoio à tomada de decisão mantém-se, contudo, inalterado.

É neste contexto que a prospectiva moderna se apresenta como uma área de estudo integrada nas ciências sociais, fortemente alavancada em disciplinas como a economia, sociologia, ciência política e relações internacionais para atingir o seu objetivo singular: antecipar um futuro. Para tal procura identificar quais as tendências (dinâmicas) existentes no mundo de hoje de forma a equacionar o seu impacto (mudança) no mundo de amanhã (estrutura).

Elencam-se assim os principais elementos sobre os quais se baseia qualquer estudo prospectivo: Tendências e Estrutura. Mas retomando o objetivo da prospectiva - será esta capaz de prever o futuro? Não necessariamente.

¹ Berger, G., Bourbon-Busset, J. d., & Massé, P. (2006). De la prospective: Textes fondamentaux de la prospective française 1955-1966. L'Harmattan.

Prospetiva e Previsão

Para clarificar é necessário observar as diferenças entre a prospectiva e previsão. Estas baseiam-se na metodologia utilizada e na finalidade pretendida. A previsão identifica variáveis mensuráveis e utiliza modelos quantitativos² para extrapolar o futuro *provável* com base na heurística.

A prospectiva, por outro lado, propõe-se a utilizar cenários para testar um futuro *possível*. Esta diferença metodológica do estudo prospectivo, o recurso a cenários em vez de modelos quantitativos, possibilita a utilização da criatividade durante a concretização dos seus processos.

É esta liberdade de pensamento que torna a prospectiva particularmente atrativa em períodos caracterizados por um elevado grau de incerteza pois, ao não estar restrita a probabilidades, é livre para testar diferentes configurações do mundo que não sendo as mais prováveis, são, no entanto, possíveis. Esta mais-valia é amplamente revelada na capacidade que a prospectiva demonstra em integrar na sua análise eventos disruptivos de alto impacto e baixa probabilidade, os denominados *Cisnes Negros*³ ou *Wild-cards*. A previsão por seu lado, não está capacitada para gerir este tipo de eventos, e apresenta dificuldades em assegurar a fidelidade do estudo quando é confrontada com variáveis pouco expressivas, ou seja, cuja interpretação não se revela clara.

Pierre Wack⁴ sumariza elegantemente a diferença entre prospectiva e previsão da seguinte forma: “*A prospectiva procura antecipar diferentes mundos e não diferentes resultados do mundo*”.

² Godet, M. (1991). From Anticipation to Action: A handbook of strategic prospective. Dunod, Paris: UNESCO

³ Teoria desenvolvida por Nassim Nicholas Taleb que descreve eventos pouco prováveis, com alto impacto que tendem a ser incorretamente racionalizados pós-facto.

⁴ Pioneiro no desenvolvimento de cenários aplicados ao mundo empresarial. Antecipou dois choques petrolíferos durante o seu período, na Royal Dutch Shell.

Prospetiva Exploratória & Prospetiva Estratégica

Já o relacionamento entre a prospetiva e estratégia tende a ser substancialmente mais complexo com ambos os conceitos a surgirem frequentemente na literatura de referência de forma interligada. De facto, embora estejam intrinsecamente relacionados mantêm-se como duas entidades distintas. Esta diferenciação é exemplificada por Michel Godet⁵ que atribui um papel específico à prospetiva dentro do domínio da estratégia. Para tal, propôs decompor o processo de planeamento estratégico em 5 fases convertidas em perguntas:

“Q0: Quem Sou Eu?” (Objetivos e SWOT)

“Q1: O que pode acontecer?” (Cenários)

“Q2: O que posso fazer?” (Opções Estratégicas)

“Q3: O que vou fazer?” (Decisões Estratégicas)

“Q4: Como vou fazê-lo?” (Planeamento e ação tática)

(Godet, Durance, & Gerber, 2010, p. 25)

Para Godet, a prospetiva preocupa-se apenas com a questão n.º 1. Assim que que é introduzida a questão n.º 2 – *“O que posso fazer?”* inicia-se o domínio exclusivo da estratégia. Neste modelo, a prospetiva é então parte integrante da estratégia (prospetiva estratégica) mas será que pode ser isolada? Sim, sendo para tal necessário separar a fase relativa aos cenários, tratando-a de forma autónoma e desassociando-a de um objetivo estratégico personalizado⁶. À execução de cenários não integrados num processo de planeamento estratégico, Godet apelidou de prospetiva exploratória.

⁵ Michel Godet é um teórico da Escola Francesa de Prospetiva.

⁶ Godet, M., Durance, P., & Gerber, A. (2010). *La Prospective: Use and Misuse of Scenario Building*. Paris: Cahiers du LIPSOR.

A Prospetiva Aplicada: Metodologias de Cenarização

A perspectiva recorre à produção de cenários como forma de apresentar ao interlocutor o racional que gerou as conclusões concebidas. Caso não o fizesse o resultado final tratar-se-ia apenas de uma mera opinião, sem sustentação científica demonstrável. Mais, o recurso ao cenário permite ao interlocutor visualizar os mapas mentais utilizados durante a sua criação, quais as premissas, quais as inferências, quais as associações que foram influentes no produto final obtido. Esta abertura enriquece o exercício pois permite ao interlocutor interiorizar todo o processo de elaboração do cenário, reforçando assim a sua interpretação pessoal das conclusões.

A metodologia de cenarização não é, contudo, uniforme. A existência de diferentes escolas de pensamento dentro do Estudo Prospetivo providencia um variado leque de técnicas de elaboração de cenários, a quem se propõe efetuar um ensaio nesta área. Esta diversidade proporciona um elevado grau de adaptação do *método* ao *foco* e ao *contexto* sobre o qual se vai basear o cenário.

Uma opção metodológica prevalecente na Escola Francesa de Prospetiva donde proveem a generalidade dos autores até aqui citados, é a aplicação do método designado por MACTOR⁷ para mapear a relação de forças entre os vários atores pertinentes ao cenário. Dada a natureza deste exercício, optámos por recorrer a modelo próprio, que conjuga partes de diferentes processos de análise incluindo uma versão simplificada do método MACTOR, mas que estruturalmente obedece ao método de construção de cenários avançado pela Global Business Network (GBN).

⁷ O Método MACTOR (Método, Acteurs, Objectifs, Rapports de Force) procura avaliar a influência relativa que uns atores detêm perante outros no contexto de um cenário. Nesse sentido são construídas matrizes onde a relação entre os atores é classificada como negativa (-1), neutra (0) ou positiva (+1) em função de objetivos e interesses específicos. O resultado final permite, após tratamento das matrizes por software próprio, visualizar de forma gráfica, o mapa mental subjacente ao cenário.

I.2 Metodologia de Cenarização

A metodologia de cenarização da GBN foi criada tendo em vista a sua aplicação ao mundo empresarial. A sua génese pode ser situada na Royal Dutch Shell no final da década de 60, onde alguns visionários como Pierre Wack iteraram sobre modelos de cenarização militar já existentes, aplicando-os por sua vez ao mercado petrolífero⁸. Foi o trabalho desenvolvido por Wack e outros membros do seu grupo que permitiu à Royal Dutch Shell antecipar o choque petrolífero de 1973.

Nada impede, contudo, que este método seja utilizado em estudos prospetivos enquadrados na área das relações internacionais. Conforme aludido anteriormente, a construção de cenários reflete a aplicação prática da prospetiva, logo, desde de que princípios subjacentes à metodologia de cenarização selecionada sejam devidamente calibrados e ajustados ao *foco* e ao *contexto* de um exercício em particular, o resultado obtido será válido e consistente. É neste sentido que a descrição da metodologia e da sua mecânica implícita, ou seja, dos seus elementos principais e da forma como estes interagem, inclui a transposição da sua aplicação no âmbito original (empresarial) para o deste exercício.

As Três Forças

O modelo proposto baseia-se na determinação de 3 Forças, cada uma com um papel específico a desempenhar na formulação do cenário.

As Forças Motrizes de Mudança são aquelas que moldam e influenciam a narrativa do cenário. Na ótica empresarial, estas forças refletem os fatores que regem o sector onde a empresa se enquadra⁹. A preocupação é com o contexto, e na interação do contexto com o foco.

⁸ Schwartz, P. (1991). *The Art of the Long View*. Estados Unidos da América: Doubleday.

⁹ Idem

Ajustando ao caso em estudo, o conflito na Síria desenrola-se no contexto de uma região, o Médio Oriente, que por sua vez é influenciada pelo ambiente contextual global onde se insere. Identificar as Forças Motrizes de Mudança implica definir esta região e identificar como é que as dinâmicas que a estruturam afetam o conflito. Resumindo, trata-se de definir a dimensão externa do conflito e identificar qual a sua relação com a dimensão interna.

Os Elementos Pré-determinados consistem em forças cujo desenvolvimento futuro é dado como certo. Na ótica empresarial refletem aquelas forças críticas ao negócio no qual a organização se enquadra e cuja evolução é previsível. Por vezes representam quase truísmos, visto refletirem tendências largamente aceites, como a evolução demográfica global ou contínua miniaturização no sector tecnológico. Uma característica específica a estas forças é não estarem sujeitas a nenhum tipo de condicionantes¹⁰. Se o resultado de uma tendência aparenta ser certo, independentemente do cenário, então é considerado um elemento pré-determinado. Já o seu contributo para o cenário é quase normativo pois define condições cuja narrativa, articulada durante a formalização do cenário, tem necessariamente de acomodar.

No caso específico deste exercício, os elementos pré-determinados refletem tendências identificadas em ambas as dimensões, a externa e a interna do conflito, que demonstrem uma forte correlação com estrutura subjacente, ou seja, se a tendência apresentar um elevado grau de coerência com os elementos que constituem a estrutura (dados económicos, capacidades militares, fatores políticos, etc...) então pode ser dada como previsível e classificada como elemento pré-determinado.

As Incertezas Cruciais refletem forças críticas, com impacto transversal a todo o cenário e que demonstram um elevado grau de incerteza. Existe uma relação muito próxima com os elementos pré-determinados, dado que na sua origem encontra-se de

¹⁰ Idem

novo uma tendência¹¹. A sua conversão em incerteza ocorre quando se questiona as premissas implícitas, quer por oposição (o que poderá causar a inversão da tendência) ou por expansão (a tendência é evidente, mas a forma que assume pode divergir substancialmente¹²).

O papel das incertezas cruciais na mecânica de cenarização é porventura o mais relevante, dado serem elas que constituem os eixos estruturantes do próprio exercício (Figura 1). Cada incerteza é constituída por dois polos que representam duas vias opostas de evolução sobre o mesmo tema (opção A ou opção B).

É através da correlação entre duas ou mais incertezas que se produz o leque de cenários passíveis de ser analisados.

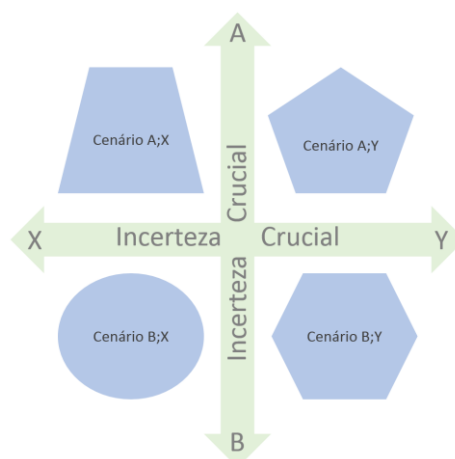


FIGURA 1 MODELO DE CONSTRUÇÃO DE CENÁRIOS COM RECURSO A 2 INCERTEZAS CRUCIAIS

I.3 Modelo de Análise

Até este ponto, parte substancial do exercício tem referenciado certos elementos essenciais à preparação do cenário. A teoria prospetiva estipula a necessidade de identificar tendências e definir estruturas. O método de cenarização selecionado requer que as dimensões interna e externa do conflito sejam diferenciadas. Este subcapítulo pretende expandir sobre estes conceitos, esclarecendo o método de análise utilizado na sua determinação e de que forma se integram no contexto geral do exercício.

¹¹ Ibid.

¹² Exemplo de Peter Schwartz: “Meu General sabemos que o inimigo tenderá a atacar vindo do Leste, mas não sabemos se através da montanha ou da floresta. Aqui tem um cenário para ambos os casos”

O modelo da GBN foi criando tendo em vista o recurso a um grupo de especialistas de áreas diversas, que em sessões conjuntas, recorrem ao seu conhecimento na formulação dos elementos necessários ao processo. Não sendo esse o caso neste exercício, torna-se necessário definir um sistema de análise capaz de processar a informação disponível nas várias fontes bibliográficas, e organizá-la em linha com os dois objetivos essenciais: definir estruturas e identificar tendências.

A solução encontrada é a análise “Iceberg” (Figura 2). Trata-se de uma forma de olhar o mundo, decompondo-o em três níveis: eventos, tendências e estrutura¹³. Os eventos, que frequentemente nos são apresentados sobre o formato de notícias não ocorrem num vácuo. Existe uma estrutura subjacente que providencia a causalidade necessária à sua ocorrência. Atingir estas *causas profundas* requer, por seu lado, que



FIGURA 2 MODELO DE ANÁLISE “ICEBERG”

o evento seja correlacionado com outros na tentativa de identificar uma tendência. Este passo é essencial pois permite minimizar a possibilidade de as particularidades específicas a um evento influenciarem desmesuradamente a análise produzida. Identificada a tendência resta avaliar a relação desta com a estrutura subjacente.

Apresenta-se um exemplo¹⁴ da aplicação deste método: uma notícia reporta que o volume de exportações Japonês atingiu um novo máximo. Descendo um nível para as tendências, verifica-se a existência de um padrão – nos últimos 50 anos o Japão apresentou sempre uma balança comercial positiva. Descendo mais um nível para a estrutura, revelam-se as causas profundas – o Japão tem 120 milhões de habitantes, um

¹³ Heijden, K. V. (1996). *The Art of Strategic Conversation*. England: John Wiley and Sons.

¹⁴ Proposta original de Peter Schwartz, adaptada.

território exíguo composto por 4 ilhas e não detém os recursos necessários para alimentar, aquecer ou transportar a sua população.

Aparte de produzir os elementos necessários à formulação do cenário, este modelo de análise confere outra mais-valia ao exercício, pois permite estruturar e organizar a informação disponibilizada pelas várias fontes utilizadas. Dado que o foco deste trabalho é um conflito relativamente recente e ainda em fluxo, onde ocorrem desenvolvimentos relevantes a um ritmo quase diário, torna-se inevitável o recurso a notícias como fonte de informação. A aplicação do modelo de análise “*iceberg*” permite tratar estas notícias como eventos, enquadrando-os na metodologia anteriormente explanada.

Outro tipo de fonte prevalecente ao longo deste trabalho são os relatórios produzidos por instituições reputadas que procuram adereçar diferentes tópicos relacionados com a guerra na Síria. Estes tendem a providenciar o contexto subjacente aos acontecimentos, abrindo caminho para a formulação de tendências. Por fim as restantes fontes bibliográficas oferecem contributos diretos para a concretização da estrutura, especificamente, dados económicos, culturais, sociais, etc. Esta distribuição não rígida do contributo das fontes pelos três níveis propostos pela análise “*Iceberg*” revelou-se essencial no processamento da informação recolhida durante este exercício.

II. DIMENSÃO EXTERNA DO CONFLITO

II.1 Macro Enquadramento: Estados Unidos da América e Federação Russa

Na ótica da análise concêntrica, o macro enquadramento é definido pela ação desenvolvida por aqueles atores que extravasam a região e que influenciam o desenvolvimento da Guerra Civil na Síria. Optámos por seleccionar dois atores estatais, Estados Unidos da América e Federação Russa, tendo em conta a relevância que ambos detêm no contexto mundial, o seu elevado grau de influência na região e o impacto direto na evolução do conflito.

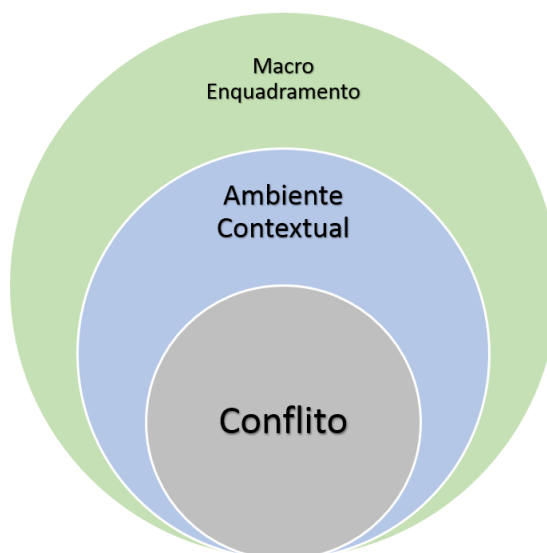


Figura 3 Análise Concêntrica

Dadas as limitações inerentes a este exercício, não se enquadra no seu âmbito aprofundar as particularidades da política externa de cada ator, exceto no que diz respeito à postura de ambos perante o conflito. Também não se revelou necessário aprofundar os objetivos e interesses subjacentes à sua ação neste subcapítulo, relegando essa tarefa, caso necessário, para a fase de construção de cenário, na descrição de elementos pré-determinados que venham a ser estabelecidos tendo por base tendências ou padrões de comportamento aqui identificados.

Pretende-se então sequenciar a ação de cada um dos atores ao longo dos anos, identificando e contextualizando eventos de maior relevância, de forma a formular uma eventual tendência.

Política dos Estados Unidos da América em Relação à Guerra Civil Síria

A política que o Governo dos Estados Unidos da América tem adotado face ao conflito aparenta desenvolver-se ao longo de três vetores em simultâneo.

O vetor diplomático onde se enquadram várias iniciativas desenvolvidas no plano internacional, direcionadas a enfraquecer e isolar o regime de Bashar al-Assad, a promover o reconhecimento externo dos grupos de oposição e a angariar apoio externo na defesa daquela que é a sua visão para o futuro da Síria.

A ação indireta, que consiste em fortalecer os seus aliados regionais de forma a conter o conflito às fronteiras da Síria e a potenciar as capacidades de algumas fações rebeldes que operam dentro do território.

A ação direta, através do uso de poder militar e que até à data de finalização deste exercício foca-se apenas no combate ao Estado Islâmico.

Logo em 2011 e após o eclodir do conflito, o posicionamento dos EUA fica claro através a expansão das sanções que já vigoravam contra o regime de Damasco. Aqui destaca-se o congelamento de bens pertencentes ao Governo Sírio e seus apoiantes e a suspensão da compra de hidrocarbonetos e seus derivados provenientes da Síria¹⁵. Paralelamente o Presidente Obama apela publicamente ao fim do regime, declarando que “(...) *O Presidente Assad tem de liderar uma transição democrática ou libertar caminho (...)*” (Phillips, 2011).

O ano de 2012, por sua vez, é caracterizado pela aposta no vetor diplomático como possível solução face à crescente conflitualidade na Síria. Inicia-se com a concentração de esforços diplomáticos nas Nações Unidas através da adoção de duas resoluções¹⁶ por parte do Conselho de Segurança que apelam ao fim da violência,

¹⁵ Decreto Presidencial n.º 13582 publicado a 17 de Agosto de 2011

¹⁶ Resolução 2042 & Resolução 2043 do Conselho de Segurança das Nações Unidas

procuram criar uma estrutura dentro das ONU direcionada a mediar o conflito e estabelecem os primeiros passos em direção ao fim das hostilidades.

Estes esforços multilaterais direcionados a obter consensos alargados não se restringem ao Conselho de Segurança, exemplo disso é o encontro que ocorre em Genebra onde vários Países¹⁷ com interesses regionais participam. O seu comunicado final apoia a implementação de um plano de paz proposto pelas Nações Unidas e a criação de um Governo de transição constituído por membros do regime e forças da oposição. De forma a assegurar o apoio da Federação Russa, a expressão “*consentimento mútuo*” (Action Group for Syria, 2012, p. 3) foi incluída no parágrafo referente à constituição do Governo de transição, conferido assim ao regime de Bashar al-Assad um efetivo poder de veto sobre o tema.

Todo este processo sai frustrado quando a 19 de julho de 2012, a Federação Russa vota no Conselho de Segurança, uma proposta de resolução que procurava conferir às Nações Unidas maior amplitude de ação em caso de incumprimento das resoluções anteriormente adotadas por parte do regime Sírio. É acompanhada no veto pela República Popular da China e pelas abstenções do Paquistão e África do Sul. Face a este grau de oposição, verifica-se um ponto de inflexão na abordagem dos Estados Unidos à questão Síria. É reconhecida a impossibilidade de avançarem com a sua agenda sobre os auspícios das Nações Unidas e consequentemente é reajustada a sua política.

Uma consequência imediata reflete-se na proposta elaborada pelo *State Department* para providenciar apoio militar a grupos rebeldes a operarem dentro do território Sírio, através de um programa secreto¹⁸ a ser implementado e gerido pela Central Intelligence Agency (CIA). Esta proposta é posteriormente rejeitada pelo

¹⁷ Este conjunto de Países, designado por Grupo de Ação para a Síria, incluiu os Estados Unidos da América, Federação Russa, República Popular da China e representantes das principais potências regionais do Médio Oriente.

¹⁸ MARK LANDLER, M. R. (02 de 02 de 2013). *Backstage Glimpses of Clinton as Dogged Diplomat, Win or Lose*. Obtido de The New York Times: http://www.nytimes.com/2013/02/03/us/politics/in-behind-scene-blows-and-triumphs-sense-of-clinton-future.html?_r=0

Presidente Obama, que opta por manter uma abordagem não militar à Guerra Civil. Em contraponto, o aparecimento de rumores de que o Regime estaria preparado para recorrer ao uso de armas químicas se necessário levou a Administração Obama a declarar que o uso dessas armas constituiria uma “*linha vermelha*”, dando a entender que caso fosse ultrapassada, os Estados Unidos estariam preparados para expandir as suas opções, incluindo possivelmente a ação militar direta contra o regime.

No plano diplomático o foco é colocado na unificação e legitimação das forças da oposição através do reconhecimento da Coligação Nacional Síria (CoNS) como o “*Representante Legítimo do povo da Síria*”.

No plano regional e ainda no final de 2012, é reforçado o apoio a Países aliados como a Jordânia e a Turquia com a o envio de pequenos contingentes militares¹⁹ ou o fornecimento de armamento antimíssil via OTAN²⁰.

No Início de 2013, com o agravamento do conflito, os Estados Unidos iniciam um programa de assistência humanitária através das Nações Unidas e de Países vizinhos. Paralelamente, é anunciado publicamente pelo Secretário de Estado John Kerry que está em curso um programa direcionado a prestar apoio não letal a grupos de oposição seletos²¹, incluídos aqueles pertencentes à CoNS. Este último desenvolvimento ocorre após ter sido revelado que a Federação Russa tinha aumentado a venda de armamento ao regime Sírio, e que organizações como o *Hezbollah*²² estariam no terreno a combater ao lado das forças governamentais.

¹⁹ Alexander, D. (10 de 10 de 2012). *U.S. military in Jordan, has eyes on Syria chemical weapons*. Obtido de Reuters: <http://www.reuters.com/article/us-usa-jordan-syria-idUSBRE8991O120121010>

²⁰ NATO Press Release. (05 de 12 de 2012). *NATO Foreign Ministers' statement on Patriot deployment to Turkey*. Obtido de NATO: http://www.nato.int/cps/en/natohq/news_92476.htm

²¹ John Kerry (Discurso Televisionado). (28 de 02 de 2013). *Kerry pledges \$60m in 'non lethal' aid to Syrian rebels*. Obtido de British Broadcast Corporation: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-21612194>

²² Organização paramilitar, oficialmente classificada como terrorista pelas Nações Unidas. A sua base de poder encontra-se no Sul do Líbano e está fortemente conotada com o Irão e o Xiismo.

É no contexto deste crescendo de atividade que ocorre em junho de 2013 um evento decisivo com a aparente confirmação por parte dos serviços de informações dos Estados Unidos de que o regime terá feito uso de armas químicas em várias operações durante a primavera do mesmo ano. Este evento teve duas consequências quase imediatas: a solicitação ao Congresso, por parte do Presidente dos Estados Unidos, da autorização para o uso da força abrindo assim o caminho para intervenção militar direta, e o reconhecimento, já em setembro do mesmo ano, de que terá sido aumentado o “*o alcance e o volume de assistência providenciada às forças rebeldes*”²³ de forma a incluir fornecimento de armamento.

Na prática o programa com o nome de código “*Timber Sycamore*” que inicialmente tinha sido criado pelo Departamento de Estado para prestar apoio não letal à oposição acaba por ser expandido de forma a abranger o aprovisionamento de equipamento militar, incluindo armamento pesado como mísseis portáteis antitanque. A dinâmica deste programa está fortemente alavancada na relação dos Estados Unidos com os seus parceiros regionais, onde Países como a Arábia Saudita e Qatar providenciam o financiamento necessário à compra do armamento e outros Estados como a Jordânia e a Turquia contribuem com o estabelecimento e manutenção de bases de treino. Aos Estados Unidos recai a responsabilidade de efetuar a gestão global do programa e de providenciar, através da CIA os especialistas necessários ao treino dos rebeldes²⁴.

Este programa, que se mantém ativo no início de 2016, representa um pilar essencial da ação indireta efetuada pelos Estados Unidos. A disponibilização de mísseis antitanque no início de 2014 é largamente creditada²⁵, incluído por representantes do

²³ Transcrição da audiência do Secretário de Estado John Kerry no Comité dos Negócios Estrangeiros do Congresso dos Estados Unidos a 04 de Setembro de 2013.

²⁴ MAZZETTI, M., & APUZZO, M. (23 de 01 de 2016). U.S. Relies Heavily on Saudi Money to Support Syrian Rebels. Obtido de The New York Times: <http://www.nytimes.com/2016/01/24/world/middleeast/us-relies-heavily-on-saudi-money-to-support-syrian-rebels.html>

²⁵ Sly, L. (27 de 04 de 2014). *Syrian rebels who received first U.S. missiles of war see shipment as ‘an important first step’*. Obtido de The Washington Post:

próprio regime²⁶ como um dos fatores responsáveis pela contínua capacidade das forças de oposição em resistir às ofensivas sazonais perpetradas pelo regime, que tendiam a ser fortemente alavancadas no uso de carros de combate.

Consta mencionar um segundo programa iniciado em 2014 e desta vez a cargo do *Department of Defense*, que surge após a emergência do Estado Islâmico em território Sírio. Similar em termos formais à sua contraparte no *State Department*, difere na medida em que reduziu o papel dos aliados regionais em todo o processo e estabeleceu como objetivo o combate ao Estado Islâmico e não o regime de Bashar al – Assad. Este programa não teve sucesso e foi oficialmente extinto em outubro de 2015²⁷.

Apesar deste fiasco, o combate ao Estado Islâmico vem determinar o recurso à ação militar direta por parte dos Estados Unidos em território Sírio: a 3 de dezembro de 2014 e após várias reuniões preparatórias²⁸ é criada a *Coligação Global para o Combate ao Estado Islâmico* (CGCEI) que inclui até à data mais de 60 Países, entre os quais Portugal, e cujo objetivo é “(...) derrotar a ideologia, o financiamento e o recrutamento do Estado Islâmico” (Kerry, 2014). Parte deste esforço tem sido efetuado através da utilização de poder aéreo em território Sírio e Iraquiano. Destaca-se que nem todos os Países membros da coligação colaboram na componente militar. Dos que contribuem verifica-se uma separação clara entre os que estão disponíveis para operar em ambos os teatros de guerra, ou apenas em um deles.

https://www.washingtonpost.com/world/middle_east/syrian-rebels-who-received-first-us-missiles-of-war-see-shipment-as-an-important-first-step/2014/04/27/61ec84d8-0f53-4c9f-bf0a-c3395819c540_story.html?hpid=z1

²⁶ Perry, T. (25 de 09 de 2015). *Syrian army source: rebels make heavy use of TOW missiles*. Obtido de Reuters: <http://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-syria-arms-idUSKBN0TE1KJ20151125>

²⁷ SHEAR, M. D., COOPER, H., & SCHMITT, E. (09 de Outubro de 2015). *Obama Administration Ends Effort to Train Syrians to Combat ISIS*. Obtido de The New York Times: <http://www.nytimes.com/2015/10/10/world/middleeast/pentagon-program-islamic-state-syria.html?&hp&action=click&pgtype=Homepage&module=first-column-region®ion=top-news&WT.nav=top-news>

²⁸ Nicks, D. (05 de 09 de 2014). *U.S. Forms Anti-ISIS Coalition at NATO Summit*. Obtido de Time Magazine: <http://time.com/3273185/isis-us-nato/>

Aparte destes eventos, foram mantidos os contactos diplomáticos no sentido de desbloquear uma solução política para o conflito, mediada pelas Nações Unidas. Este vetor ganhou novo alento com o iniciar de um cessar-fogo a 27 de fevereiro de 2016 após negociações onde o acordo entre os Estados Unidos e a Federação Russa provou ser essencial²⁹. À data do término deste exercício mantêm-se em vigor.

Política da Federação Russa em Relação à Guerra Civil Síria

Durante parte substancial do conflito, ação desenvolvida por Moscovo centrou-se principalmente no plano diplomático, onde procurou efetuar o contraponto às iniciativas promovidas pelo bloco Ocidental nas Nações Unidas.

A narrativa promovida pela Rússia até 2014 contemplava uma eventual saída de Bashar al-Assad do Governo, defletindo alegações de proteção ao regime. Logo em 2011, Mikhail Margelov, representante presidencial para cooperação com os Países Africanos, deixava claro que “(...) Líderes vão e vêm (...)” durante uma reunião com representantes das forças de oposição. O apelo a uma solução pacífica, acompanhada da implementação de reformas políticas por parte de Damasco³⁰ tornam-se características marcantes da diplomacia Russa durante este período. Nas declarações públicas proferidas até 2014, representantes do Kremlin e o próprio Vladimir Putin raramente se excluíram de criticar o regime, chegando a responsabilizá-lo parcialmente pela situação em que se encontra a Síria.

Esta abertura para uma eventual transição de poder estendeu-se às conversações nas Nações Unidas onde viriam a ser adotadas as resoluções do conselho de segurança aqui já mencionadas com o voto a favor da Federação Russa. É no contexto

²⁹ DeYoung, K. (11 de 02 de 2016). *U.S., Russia and other powers agree on 'cessation of hostilities' in Syria*. Obtido de The Washington Post: https://www.washingtonpost.com/world/kerry-searches-for-common-ground-on-the-syrian-conflict/2016/02/11/1bc6482c-d042-11e5-90d3-34c2c42653ac_story.html

³⁰ Khan, A. (08 de 09 de 2011). *How the World Stacks Up on Syria*. Obtido de PBS Frontline: <http://www.pbs.org/wgbh/frontline/article/how-the-world-stacks-up-on-syria/>

da negociação destas resoluções que Moscovo estabelece pela primeira vez aquelas que viriam a ser as duas premissas que regem a sua ação diplomática em relação ao conflito. A ocorrer uma eventual transição de poder esta terá que ser validada pelo povo Sírio, deixando desta forma claro que um resultado imposto força de armas não era aceitável. Por outro lado, também não compactuariam com ingerências externas similares ao que se tinha sucedido na Líbia³¹.

Estes princípios travaram quaisquer tentativas de conferir às Nações Unidas um mandato capaz de impor uma mudança de regime, bloqueando efetivamente o diálogo dentro do conselho de segurança sobre o tema. Os mesmos princípios seriam refletidos em outros esforços diplomáticos através da defesa da inclusão do regime como parte incontornável em qualquer solução política a ser adotada.

A diplomacia Russa seria crucial³² na resolução pacífica do incidente relativo ao uso de armas químicas em 2013³³. Ao estabelecer um acordo com os Estados Unidos que eventualmente levaria à destruição do stock de armas químicas detido pelo regime, evitou o que seria uma provável intervenção militar norte-americana.

Paralelamente aos esforços diplomáticos, e ao longo de toda a duração do conflito, a Federação Russa tem desempenhado um papel crucial no aprovisionamento de armamento militar das forças governamentais. Esta relação comercial é significativa para ambas as partes, rondando os 2 mil milhões de dólares³⁴, que incluem contratos formalizados antes do início das hostilidades. Dado que existe um embargo à venda de

31 A utilização da resolução do conselho de segurança 1973 para legitimar a intervenção da NATO na Líbia em 2011 por parte de alguns Países Ocidentais é tema frequente na argumentação de Moscovo sempre que é colocada a hipótese reforçar as resoluções entretanto adotadas sobre o conflito na Síria, com linguagem passível de justificar uma eventual ingerência militar externa.

33 Uso de Gás Sarin nos subúrbios de Damasco que provocou 502 mortos (estimativa *Syrian Observatory for Human Rights*)

34 Estimativa SIPRI – Stockholm International Peace Research Institute.

armamento ao Governo Sírio, fruto das sanções impostas pelo Bloco Ocidental e aliados, o regime não seria capaz de resistir militarmente na ausência deste apoio.

O tipo de armamento disponibilizado tem também sido utilizado como forma de pressão junto de atores regionais. A hipótese de venda de sistemas de mísseis antiaéreos de última geração constitui uma ameaça permanente à projeção de poder Israelita, que têm vindo a bombardear ocasionalmente posições dentro do território Sírio³⁵.

Em 2015, Moscovo decide intervir militarmente no conflito, alterando de forma decisiva os desígnios futuros da guerra civil. Ao incluir a ação militar direta como opção viável na defesa do regime, é transmitido um sinal claro a todos os atores envolvidos, a transição de poder pela via das armas dificilmente será uma realidade.

Dada a relevância deste acontecimento, urge compreender o contexto que o enquadrava à data, bem como o seu possível impacto futuro.

Uma análise retrospectiva permite identificar a tendência para o endurecimento da postura de Moscovo, em defesa do regime ao longo dos anos. Existiram, contudo, eventos específicos que contribuíram para a opção de avançar com ação militar direta.

Durante a primavera de 2015 as forças rebeldes promovem uma ofensiva generalizada por todo o território que obtém algum sucesso principalmente no nordeste do País, bastião do poder Alauita e onde se encontra localizada a base militar Russa de *Tartus*. O súbito avanço da oposição poderá ter levado os analistas Russos a questionar a capacidade de sobrevivência do regime no médio prazo.

Esta ofensiva desenvolve-se num contexto onde os Estados Unidos da América obtêm sucessos diplomáticos junto de importantes atores regionais. Com a Turquia,

³⁵ Levitt, M. (2013). *No Good Outcome: How Israel Could be Drawn into the Syrian Conflict*. Washington: Washington Institute for Near East Policy.

através de um acordo³⁶ para a utilização da base em *Incirlik* na campanha aérea contra o Estado Islâmico, e com o Irão através da celebração do chamado acordo nuclear. Ambos os desenvolvimentos representaram uma perda de influência regional por parte de Moscovo, agravando a sua perspetiva sobre o futuro do conflito.

Por fim, relembramos que o verão de 2015 foi o período onde a crise migratória agravou-se no seio da União Europeia. O impacto deste acontecimento e o reconhecimento generalizado de que a paz na Síria está parcialmente dependente de Moscovo, imprimiu o sentido de urgência na resolução do conflito e consequentemente uma maior abertura a uma solução diplomática, coerente com as premissas negociais propostas pela Federação Russa. Entre estas, a inclusão do regime em qualquer solução política.

Dado este contexto, são claros os incentivos para intervir militarmente. Ao centrar a sua ação no recurso ao poder aéreo, o risco é minimizado e o impacto no conflito é substancial, dado que as forças rebeldes não têm os meios necessários para impedir este tipo de ataque em larga escala. Paralelamente, o alvo da campanha é alargado a todas as forças “terroristas”, que na definição de Moscovo inclui não só o Estado Islâmico, mas também grupos mais moderados.

O resultado foi expressivo. Com o apoio da força aérea Russa, o avanço das forças rebeldes foi travado iniciando-se uma contraofensiva por parte do regime que resultou em ganhos substanciais de território.

Todo este processo termina com o cessar-fogo instituído 27 de fevereiro de 2016 largamente promovido pela própria Federação Russa e os Estados Unidos da América. Esta interrupção das hostilidades ocorre num período onde o regime está revigorado graças à intervenção militar Russa e encontra-se na ofensiva.

³⁶ Sly, L. (23 de 07 de 2015). Turkey agrees to allow U.S. military to use its base to attack Islamic State. Obtido de The Washington Post: https://www.washingtonpost.com/world/middle_east/turkey-agrees-to-allow-us-military-to-use-its-base-to-attack-islamic-state/2015/07/23/317f23aa-3164-11e5-a879-213078d03dd3_story.html

Conjugando estes três elementos: a intervenção militar por parte de Moscovo, a alteração na dinâmica interna do conflito que esta decisão provocou, e o agendamento do cessar-fogo, é possível identificar um elevado grau de coerência da política russa implementada ao longo dos anos.

Caso esteja em curso o primeiro passo para o processo de paz, a Federação Russa terá assegurado as suas premissas iniciais. Não ocorreu nenhuma vitória pela força das armas, e a posição negocial do regime encontra-se substancialmente reforçada, o que poderá ser um fator importante na sua inclusão em qualquer processo de transição política que venha a ser adotado.

II.2 Ambiente Contextual: Linhas Fraturantes do Médio Oriente

Descendo mais um nível na análise concêntrica, chegamos à região do Médio Oriente. Compreendê-la, de forma útil ao objetivo deste exercício, requer que sejam identificados dois elementos. Em primeiro lugar é necessário descrever a sua estrutura, o que por sua vez implica a análise dos principais atores presentes na região e como estes se relacionam entre si. Em segundo lugar, e visto ser indispensável descer mais um nível para a dimensão interna do conflito, é também imperativo conhecer a forma como os mesmos atores afetam os desígnios do conflito.

Neste sentido a nossa abordagem à região foi orientada pelo seguinte princípio teórico: A definição da estrutura foi largamente baseada no modelo de complexos regionais de segurança (RSC) proposto por Barry Buzan e paralelamente complementada por uma breve descrição daquelas que tem sido as políticas de cada um dos atores analisados para com a Guerra Civil na Síria.

O modelo de Buzan define um complexo regional de segurança como *“a set of units whose major processes of securitization, desecuritization, or both are so interlinked*

that their security problems cannot reasonable be analyzed or resolved apart from one another” ³⁷ .

Segundo Buzan, convergência ou divergência dos processos supramencionados permite a formulação de padrões de amizade e inimizade entre os diversos atores ao longo do tempo, com dois resultados previsíveis - a congregação de entidades com problemas securitários similares em blocos e, a consequente revelação dos temas fraturantes que os definem.

Ao estipular que a estrutura essencial de um RSC é definida pela conjugação das relações de poder entre atores e os padrões de amizade e inimizade estabelecidos, Buzan transporta o recupera o de polaridade, sobejamente conhecido do sistema internacional, para a esfera regional.

Já os temas fraturantes, aqui apelidados de linhas, podem a ser baseados em elementos profundos, de elevada permanência ao longo do tempo, como etnicidade, religião ou proximidade geográfica. Podem também ser exacerbados ou de certa forma influenciados, por fatores externos como outras regiões ou ingerência por parte de superpotências.

Em todos os casos o elevado grau de resiliência das linhas fraturantes em termos de projeção futura sobressai como uma característica particularmente pertinente para o caso em estudo. Não sendo certamente estáticas, a sua análise providencia um contributo importante dada a natureza prospetiva deste exercício.

As linhas fraturantes revelam ainda duas outras características específicas ao contexto regional onde se inserem: tendem a ser múltiplas, podendo cruzar, sobrepor ou subdividir diferentes blocos por elas formados e a sua relevância está sujeita a processos de hierarquização por parte dos atores afetados.

³⁷ Opta-se pela transcrição em Inglês dado ser a que melhor transmite o conceito de “desecuritização”, enquanto antónimo de securitização.

Esta contínua hierarquização desempenha um importante papel nas relações entre atores. Mediante a afetação destes aos diferentes blocos estabelecidos, e tendo em conta a importância que cada linha de fratura subjacente detém no presente contexto regional, é possível quantificar a relação individual de um ator para com um outro (Anexo 6; Quadros de Referência; Relação Entre Atores).

Feitos estes dois passos, a definição das linhas de fratura e a identificação dos blocos que dela derivam, resta efetuar uma análise individual de cada ator, de forma a equacionar e tipificar o seu poder inerente. Para tal, incluímos aqui uma breve descrição dos seus principais elementos geopolíticos, corroborada pelos quadros de referência que se encontram localizados no Anexo 6.

Resta apenas salientar o contributo deste modelo metodológico na construção de cenários. Buzan estipula três evoluções possíveis para um RSC:

- a) A manutenção do status quo;
- b) Transformação externa; decorrente de ingerências ou alteração de fronteiras.
- c) Transformação interna, que pode ser despoletada por alterações à polaridade devido a eventos que alterem de forma substancial o poder dos atores regionais, ou ainda por transformações nos padrões de amizade e inimizade, fruto da hierarquização das linhas de fratura tendo por base opções ideológicas ou mudanças de liderança. Contempla ainda a hipótese da integração regional, o que implicaria o fim do contexto anárquico subjacente ao RSC.

Este modelo de progressão irá desempenhar um papel revelante durante a fase de formulação dos cenários, particularmente na aferição do impacto que a evolução do conflito terá no complexo regional.

Papel da história na promoção de antagonismos

A carga histórica da região não se traduz propriamente numa linha de fratura, mas sim numa base sobre a qual estas podem ser alavancadas. Existem certamente divergências históricas entre o Estados do Médio Oriente, mas ao serem específicas ao próprio ator, são apenas relevantes nas relações bilaterais. Caso estas divergências históricas englobem vários atores, então deve ser estabelecida uma linha de fratura independente, baseada no elemento histórico subjacente.

Mas no seu todo é certamente relevante para o contexto regional referir a natureza artificial das fronteiras nele existente, a formulação das quais decorre não só de ingerências externas, como o acordo Sykes-Picot ³⁸, como de um passado caracterizado pelo domínio imperial – sejam dos califados árabes, do império otomano, ou dos impérios britânico ou francês.

A criação de fronteiras artificiais, que incorporaram sobre a mesma bandeira povos diferentes, com identidades muito próprias, determinou que parte dos Estados que daí emergiram fossem tendencialmente autoritários, baseados em modelos monárquicos ou ditatoriais, de forma a conseguirem assegurar a coesão das suas populações. São estes Estados que se traduzem nos palcos de maior instabilidade no Médio Oriente atual. Síria, Iémen, Iraque, Líbano e Bahrein são alguns exemplos de atores com populações heterogêneas a nível étnico ou religioso e cuja estabilidade interna foi posta em causa, quando o modelo autoritário falhou ou era inexistente.

Estes dois fatores, etnia e religião vão-se converter numa linha de fratura relevante para o caso em estudo.

³⁸ O acordo de Sykes-Picot foi efetuado em 1916 entre o Reino Unido e a França no sentido de definir as esferas de influência de ambos os Países no Médio Oriente após o fim da I guerra mundial e o colapso da Império Otomano. Este acordo é parcialmente responsável pela artificialidade das fronteiras que hoje existem no Médio Oriente.

Linha de Fratura Étnico-Religiosas

São quatro os grandes blocos étnicos presentes na região – Árabes, Persas, Turcos e Curdos, sendo que os três primeiros detêm no seu passado períodos de hegemonia imperial de expressão variável no Médio Oriente. Contudo, e independentemente de antagonismos históricos existentes entre estes três blocos, o seu papel na conflitualidade que lavra na região tende a não ser por si só crucial. Este facto advém da disparidade étnica populacional não ser um fator particularmente relevante nos atores em análise. Pelo contrário, verifica-se um alinhamento entre cada Estado e uma maioria étnica o que reduz o impacto da etnicidade como possível vetor de instabilidade interna.

Trata-se claro de uma generalização. A etnia curda que aqui não foi considerada devido à análise centrar-se em atores Estatais, é certamente um fator desestabilizador em qualquer demografia onde esteja presente, dadas as suas aspirações de autonomia. Por outro lado, a existência de uma qualquer minoria étnica que seja afeta um outro ator regional de relevância pode sempre se configurar num fator de divergência entre Estados. Um exemplo será o recurso da Turquia à proteção da minoria de turcos étnicos presentes na Síria, para justificar uma eventual intervenção naquele conflito.

Mais pertinente é o vetor religioso que acaba por ultrapassar a etnicidade como a principal linha de fratura que define a região.

Tendo por base a cisão religiosa do Islão entre sunitas e xiitas, esbate as divisões étnicas através da incorporação de um número importante de árabes na esfera xiita. Tal é o caso em Estados como o Iraque e a Síria onde a maioria étnica é árabe, mas a aderência a cultos que se enquadram no xiismo é substancial.

A possível colagem da etnia à religião só é exequível através do prisma da centralidade religiosa. No caso da etnia Persa, o Irão emerge claramente como o pilar do xiismo, agregando em si a gestão relativamente unificada dos desígnios desta vertente do Islão. Já a vertente Sunita é francamente diversa no contexto mundial,

englobando a quase totalidade dos 1,5 mil milhões de muçulmanos³⁹. Tal não impede que existam Estados que procurem assumir um papel centralizador no mundo islâmico. Dois deles, a Turquia e a Arábia Saudita são apontados como dos mais relevantes atores nesta esfera, acabando por transpor esta competição também para a dimensão regional. Discutivelmente e nesta dimensão apenas, a Arábia Saudita aparenta emergir como um possível foco da vertente sunita, tendo em conta o controlo que exerce sobre Meca e Medina, dois lugares sagrados para todo o Islão. Também a aderência e propagação ativa de uma das correntes mais conservadoras do Islão Sunita, o *Wahabismo*⁴⁰, reforça a sua capacidade de influência junto daqueles que se reveem nesta opção religiosa.

Assim e neste contexto, é possível formular dois blocos regionais definidos pela cisão da religião Islâmica. O Bloco Sunita que inclui a Arábia Saudita, Turquia, Jordânia e Qatar e, o Bloco Xiita onde se enquadra o Irão, Iraque e a Síria. A competição entre ambos estes blocos representa atualmente a mais relevante linha de fratura em termos de conflitualidade, assumindo um papel fundamental na formulação do RSC.

Resta referir Israel, que embora seja um foco de antagonismo junto de todos os restantes Estados da Região, graças em parte à sua composição étnica e religiosa, não se enquadra em nenhum dos blocos tendo em conta a linha de fratura selecionada.

³⁹ Xiismo representa 12% dos muçulmanos espalhados pelo mundo.

⁴⁰ Baseada nas reflexões de Mohamed ibn Abd al-Wahab no século XVIII, itera sobre a corrente hanbalista originária no século IX e que é contemporânea à fixação da xaria. Representa “a via mais ortodoxa do islamismo” (Chebel, 2007)

Competição dentro do Bloco Árabe: Fontes de legitimidade de poder

O bloco árabe-sunita é fortemente caracterizado pela existência de regimes hereditários, cujas divergências entre as suas cúpulas de poder acabam por definir uma linha fraturante de matriz essencialmente histórica. O passado do Médio Oriente é caracterizado por uma contínua corrente tribalista, fortemente influente na estruturação e organização das suas sociedades. Esta carga histórica acaba por adquirir uma relevância particular na definição contemporânea da região.

É decorrente desse passado histórico que a casa Hachemita, à qual pertence o Rei da Jordânia Abdullah II, consegue traçar uma ligação direta ao profeta. É esta componente hereditária que se revela na principal fonte de legitimação de poder para a casa Real da Jordânia, e que simultaneamente se converte numa linha de fratura perante as restantes monarquias na região como a Arábia Saudita e Qatar. A matriz tribal destas últimas, embora certamente baseada em figuras relevantes no contexto histórico que lhes deu origem, não exalam a mesma *gravitas* perante o mundo muçulmano.

Esta linha de fratura é duplamente agravada na relação entre a Jordânia e a Arábia Saudita, devido à conquista, do Reino de Hejaz. Este território que inclui Meca e Medina esteve, com o devido assentimento da parte do Império otomano, sobre domínio nominal da casa Hachemita desde do século X, tendo obtido brevemente a sua independência como Reino entre 1916 e 1925, data em que a casa de al-Saud o ocupou pela força militar.

Questões territoriais estendem-se também ao relacionamento entre os al-Thani do Qatar e os al-Saud da Arábia Saudita. Ambas as tribos traçam a sua origem à região de Nejaz que se encontra presentemente sobre o domínio do Reino Saudita.

Linha de Fratura: Alinhamento com Potências Externas

A capacidade de influência detida pelas potências globais é de tal forma substancial que lhes possibilita projetar as suas rivalidades para o nível regional. A sua ação pode capitalizar sobre linhas de fratura já existentes, ampliando-as, ou caso necessário, forçar a formulação de novos blocos puramente baseados no alinhamento com a uma potência em particular.

No caso do Médio Oriente, a ingerência externa por parte de grandes potências tem sido fortemente alavancada na existência de reservas substanciais de hidrocarbonetos em toda a região. Embora a relevância destas reservas tenha variado ao longo do tempo, trata-se de um bem essencial a grande parte do mundo moderno o que torna o Médio Oriente particularmente atrativo àquelas potências que não são autossuficientes em termos de produção de hidrocarbonetos.

Independentemente deste fator, a região em si, detém um interesse intrínseco dado a sua localização geográfica entre o leste asiático e o este europeu. Este fator, entre outros, torna-a apelativa a atores de alcance mundial como a China e a Federação Russa, embora neste último caso, é passível de se argumentar que a cooptação de atores regionais decorre principalmente dos relacionamentos estabelecidos durante o período bipolar que perduraram após o fim da URSS, ou por oposição direta ao bloco ocidental de um Estado em particular.

Assim, o alinhamento atual do Bloco Ocidental na região conta entre os seus aliados a Arábia Saudita e outros países que partilham da mesma matriz político-religiosa, como o Qatar. Pertencentes a este bloco, encontram-se ainda monarquias constitucionais como a Jordânia e, ambas as democracias liberais da região – Turquia e Israel. No outro bloco, centralizado em torno da Federação Russa encontramos países como a Síria, Iraque e Irão. De salientar a sobreposição do Bloco Russo ao Bloco Xiita conforme definido na linha de fratura étnico-religiosa. Já no caso do bloco ocidental, este foi capaz de agregar Estados antagónicos na ótica das restantes linhas de fratura, o que é demonstrativo da sua capacidade de influência regional.

II.3 Ambiente Contextual: Tipificação de Atores

Identificadas as principais linhas de fratura que estruturam o RSC, resta abordar os próprios atores que o compõem. Não sendo possível alargar o estudo a todos os Países da região, optámos por seleccionar aqueles que maior impacto tem demonstrado nos desígnios da Guerra Civil Síria. Mediante o ator, a abordagem efetuada deu prioridade ao papel desempenhado face ao conflito, através da sequenciação de eventos ou em certos casos, mediante uma breve contextualização histórica necessária à compreensão da sua atuação.

Paralelamente, e de forma a consolidar a formulação do RSC segundo a metodologia selecionado, procurámos também elencar o poder relativo de cada ator, tendo por base os quadros de referência localizados no anexo 5, além de outras fontes. O resultado final deverá facilitar a identificação de tendências existentes na região, e na postura de cada ator perante o conflito na Síria, providenciado simultaneamente a estrutura necessária à compreensão do RSC.

Turquia

Atendendo às suas forças profundas e no sentido geopolítico, a Turquia revela-se como um verdadeiro potentado regional, ao apresentar números muito expressivos em termos populacionais e de extensão territorial (anexo 6, Quadro de Referência Turquia). No entanto, durante grande parte da sua história mais recente, tem tentado não se imiscuir, naquelas que foram as grandes questões estruturantes do Médio Oriente.

Tal deve-se, em parte, à composição étnica da sua população que a diferencia da maioria árabe predominante (anexo 6, Quadro de Referência Turquia), mas é também fruto de uma orientação política específica assumida por Ancara.

Ao estar localizada na periferia norte da região em estudo, a Turquia representa um elo de ligação estratégico entre a Europa, a Ásia e o Médio Oriente. Este posicionamento alarga o leque de RSCs em que se enquadra, obrigando a equacionar

diferentes escolhas no que diz respeito a possíveis alinhamentos, escolhas essas que ultrapassam o âmbito do Médio Oriente.

Uma dessas escolhas recaiu, durante parte substancial do século XX, pela via da ocidentalização e a defesa do secularismo, mais um fator de distanciamento para parte dos seus vizinhos árabes a Sul. Exemplo desta preferência é a formalização de um acordo militar com Israel, num período em que o Médio Oriente era regra geral hostil àquele país. A aproximação aos Estados Unidos e a sua integração na NATO também condicionaram parcialmente algumas das suas relações bilaterais com outros Países da região.

Não obstante, a chegada ao poder do AKP⁴¹ veio introduzir uma nova orientação na política externa da Turquia que se traduziu numa aproximação⁴² aos países muçulmanos com quem faz fronteira – Iraque, Síria e Irão - o que por sua vez levou a uma rutura com Israel, a favor da causa Palestiniana. Em paralelo, assume uma postura mais rígida⁴³ para com os interesses dos seus parceiros Ocidentais na região, colocando entraves à intervenção dos Estados Unidos no Iraque, em 2003.

É no contexto deste distanciamento das democracias liberais e de uma crescente aproximação e interesse para com o Médio Oriente que se iniciam as primaveras árabes. Em linha com a matriz política do AKP, a Turquia vê na Irmandade Muçulmana⁴⁴ um excelente vetor para influenciar o resultado destas revoltas populares. Esta opção, que

⁴¹ O Partido para a Justiça e Desenvolvimento (AKP) chega ao poder em 2002 e quebra um ciclo político dominado por partidos liberais e secularistas. Tratando-se de um partido ideologicamente afeto ao conservadorismo islâmico, introduziu alterações na dinâmica interna da Turquia, o que têm gerado instabilidade junto da ala mais liberal da população e do sector militar, este último genericamente associado ao secularismo.

⁴² Ribeiro, J. M. (Jan-Jun de 2016). Fronteira e Competições no Horizonte 2030. *XXI, Ter Opinião*, pp. 74-83.

⁴³ Ribeiro, J. M. (2015). *EUA versus Chna: Confronto ou Coexistência. A Globalização e os desafios do novo Milénio*. Guerra e Paz.

⁴⁴ A Irmandade Muçulmana é uma organização transnacional de matriz religiosa, afeta à vertente sunita do Islão.

viria a provar-se insuficiente em cenários como o Egito, é aplicada na Síria através da promoção da Irmandade Muçulmana (IM) dentro das estruturas políticas que entretanto, estavam a ser criadas de forma a agregarem as forças de oposição.

Esta influência acaba por contribuir para a definição das linhas fraturantes. A IM é hostil a Ríade e respetiva estratégia na região.

Na dimensão interna, a sua maior vulnerabilidade remete para a questão Curda. Representando cerca de um quinto da população, a etnia Curda há muito que se insurge contra a alegada adoção de políticas, por parte de Ancara, destinadas a suprimir a sua identidade e limitar os seus direitos. Esta revolta têm uma expressão prática na campanha de Guerrilha que o PKK tem desenvolvido dentro do território turco desde 1984. Este conflito reflete-se para a periferia Curda que se localiza nas zonas fronteiriças do Iraque e da Síria.

As principais preocupações com a guerra civil podem ser sumarizadas da seguinte forma: impacto do fluxo de refugiados decorrentes do conflito e as implicações de uma desintegração territorial face à questão curda.

A nível secundário, encontra-se a manutenção das boas relações com o governo regional do Curdistão iraquiano, que não só é um parceiro comercial relevante, como é uma peça fundamental na estratégia de combate ao PKK dado o antagonismo existente entre este grupo e o partido dominante no Governo Regional do Curdistão.

A nível de projeção de poder, a sua localização estratégica, já referida, torna-a num valioso aliado ao bloco ocidental devido ao papel que a base de *Incirlik* desempenha na projeção de poder dos Estados Unidos da América / NATO tanto no RSC do mar negro, como do Médio Oriente. Aliás, destaca-se a coincidência entre a aprovação por parte do Governo Turco da utilização desta base na campanha aérea em

curso contra o Estado Islâmico e o fim do processo de paz em curso, entre a Turquia e a PKK, o que levou alguns autores a sugerirem⁴⁵ que tenha ocorrido um *quid pro quo*.

Qatar

Numa primeira análise e face à sua dimensão, o Qatar não aparenta reunir as condições necessárias para ser considerado com um interveniente particularmente relevante nas dinâmicas de poder da região. Não obstante, tem procurado implementar políticas direcionadas a aumentar a sua projeção no plano externo, evitando assim, ser ofuscado pela Arábia Saudita, país com o qual partilha uma base étnica e religiosa. Dada a disparidade de poder entre ambos os países, não se pode considerar que exista uma competição pela liderança da esfera árabe-sunita-*wahabista*, mas sim uma tentativa de se manter relevante neste contexto.

As suas opções são certamente limitadas. Ao trata-se, de um "*petro-estado*", incorpora algumas das características mais expressivas dentro desta tipificação. Entre elas o facto de ser um mais significativo exportador de gás natural à escala mundial (anexo 2, Tabela 1), apresentando o mais elevado PIB *per capita* do mundo (anexo 6; Quadro de Referência Qatar), revelando-se assim, como um potentado a nível económico e deixando para trás a quase totalidade dos restantes atores, com exceção da Arábia Saudita. Sofre, contudo, de uma população diminuta e um território exíguo (anexo 6, Quadro de Referência Qatar), com baixa capacidade de diversificação económica, estando particularmente dependente do preço dos hidrocarbonetos. Esta situação incorpora vulnerabilidades relacionadas com a segurança alimentar da sua população, já que a quase totalidade dos produtos alimentares necessitam de serem importados.

A sua projeção de poder baseia-se quase totalmente no vetor económico, não só diretamente (através de investimento direto externo em países terceiros) como

⁴⁵ Salih, C. (2015). *Turkey, the Kurds and the fight against Islamic State*. European Council on Foreign Relations.

indiretamente através do financiamento de grupos de media capazes de amplificar a sua mensagem além-fronteiras. A estabilidade política e ausência de grupos de pressão, sobre o regime, potenciam-no no vetor de *softpower* que tem vindo a demonstrar-se um trunfo para este pequeno país. É também, através do seu poder económico que se desenrola grande parte do contributo deste pequeno estado no conflito em curso na Síria. Através do financiamento de forças beligerantes naquele território, acaba por converter a sua projeção de poder económico numa forma de *hardpower* indireto, não sendo, contudo, esta opinião aceite por todos os intervenientes.

O mesmo padrão de ingerência em conflitos externos, quer através da manipulação da mensagem via controlo de meios mediáticos influentes na região, quer através do financiamento direto de grupos armados, acabam por se consolidar numa eventual vulnerabilidade geopolítica. As tentativas de projeção de poder direccionadas a destacá-lo da sombra da Arábia Saudita, tendem a acompanhar as questões fraturantes promovidas por Riade, especificamente a oposição ao Bloco Xiita. Acontece que o Qatar não detém, nem a dimensão, nem os recursos que o Reino dos al-Saud o que no médio prazo o torna mais vulnerável a potenciais retaliações. Essas podem explorar aquelas que são as suas maiores fragilidades internas: o facto de a sua economia não ser diversificada e estar fortemente dependente de mão-de-obra externa (cerca de 75% da sua população é estrangeira).

Esta dependência do exterior não se limita ao plano económico. Com uma força militar própria particularmente diminuta (anexo 6, Quadro de Referência Qatar), é a presença de cerca de 7.000 militares norte-americanos no país, que confere alguma segurança face a possíveis ameaças externas. Paralelamente, a inexistência de complexo militar interno, obriga a que as suas já exíguas Forças Armadas fiquem dependentes de terceiros, para a aquisição de novos sistemas de armamento e manutenção dos existentes.

Relativamente ao conflito, como já referenciado, o Qatar juntamente com a Arábia Saudita têm sido um dos principais financiadores das forças de oposição. Algumas

fontes indicam que o valor transferido para os grupos rebeldes está entre os mil e os 3 mil milhões de dólares. Seguindo a mesmo modelo de apoio que já tinha sido verificado em outras crises, como na Líbia e Tunísia. Doha opta por apoiar e financiar grupos islâmicos moderados, dos quais se destaca a irmandade muçulmana.

Este pequeno Estado tem estado na linha da frente dos movimentos árabes pró-democracia, utilizando para tal o seu *softpower*, especialmente a cadeia de televisão *Al-Jazeera*, de forma a promover mudanças no mundo árabe. Ao adotar estas políticas, o Qatar aparenta atingir dois objetivos: afirmar-se como um ator relevante no contexto regional e propagar uma visão do islão moderado, como opção política viável, tanto no Médio Oriente como no norte de África.

Nesse sentido o Qatar vê na Irmandade Muçulmana o aliado ideal, e procurou impulsionar o papel desta organização não só no conflito Sírio, através do apoio diplomático e financeiro⁴⁶, mas também no Egito e na Líbia. Esta opção tem gerado repercussões no contexto regional. A Irmandade Muçulmana é tradicionalmente hostil a Riade e o apoio, prestado têm vindo a esfriar as relações entre os dois Países. Também, a Turquia, outro ator regional que promove o islamismo moderado no conflito, vê-se forçado a competir com o Qatar pela fidelidade dos grupos armados no terreno.

Se este tinha sido o caminho traçado pelo Qatar durante grande parte do conflito, recentemente têm-se assistido a uma clara inversão de estratégia. Esta alteração deve-se à chegada do Tamin Al Thani à liderança do Qatar em 2013 que despoletou alterações substanciais na política externa deste pequeno Estado. O novo Emir não se revê nas competições regionais com a Arábia Saudita e Turquia, considerando-a pouco produtiva, tendo vindo a reduzir gradualmente o apoio financeiro aos grupos rebeldes que operam no terreno⁴⁷ e a minorar a cobertura diplomática providenciada aos mesmos grupos.

⁴⁶ Barnes-Dacey, J., & Levy, D. (2013). *The Regional Struggle for Syria*. European Council on Foreign Relations.

⁴⁷ Cockburn, P. (2015). *O novo Estado Islâmico*. Self – Desenvolvimento Pessoal

Republica Islâmica do Irão

A República Islâmica do Irão é um caso particular no contexto da região visto que durante a totalidade da época moderna e pós-moderna se encontrou condicionado, de uma ou de outra forma, por ingerências externas. Esta contínua necessidade de conter uma possível expansão iraniana é justificada em função das suas características, uma vez que este país incorpora as condições necessárias a tornar numa verdadeira potência regional.

Ao atingir o 2º e 1º lugar a nível mundial na exportação de petróleo e gás natural, respetivamente (anexo 2; Tabela 1 & 2), Teerão é um potentado económico, cuja verdadeira expressão ainda está por ser totalmente revelada, devido existência de sanções económicas, que só recentemente foram levantadas. É ainda detentor de uma das mais significativas populações da região (cerca de 81 milhões) e está classificada acima da curva regional em termos de literacia. Também a típica híper dependência de muitos dos países da região face aos hidrocarbonetos não se demonstra tão expressiva no caso Iraniano, que necessitou de diversificar a sua economia tendo em conta as sanções de que foi alvo. Todos estes fatores quando conjugados, traçam uma Nação que reúne as condições necessárias para se afirmar como líder regional.

A nível de projeção de poder, um dos principais pontos fortes reside no vetor religioso. Contrariamente à vertente sunita do Islão, o xiismo reconhece em Teerão a existência de um centro de gravidade capaz providenciar alguma orientação uniforme aos seus praticantes. Esta capacidade converte-se um vetor de projeção de *softpower* e tem vindo a demonstrar-se como uma substancial mais-valia no contexto regional, já que permite a instrumentalização de minorias xiitas em outros países, em prol de interesses Iranianos. A este fator, junta-se a relativa, mas crescente "democratização" do regime, que quando contrastada com as monarquias hereditárias típicas ao bloco sunita-wahabita, confere um certo grau de vanguardismo aquele país, tornando-o apelativo a alguns atores externos que não se reveem nas práticas fundamentalistas que definem esses Países Árabes.

A instrumentalização do vetor religioso traduz-se por seu lado numa vulnerabilidade. A ocorrer instabilidade dentro das minorias xiitas presentes em Países de maioria sunita, esta é imediatamente atribuída a influência Iraniana. Ao ser o centro do xiismo, acaba por ser também o centro de antagonismo do bloco sunita. E, neste contexto, consta referenciar o facto de Teerão fazer parte de uma dupla minoria. É simultaneamente uma Nação maioritariamente persa inserida numa região dominada por árabes e representa o foco do xiismo, em si uma vertente fortemente minoritária dentro do Islão. A conjugação destes dois fatores com a herança de antagonismos históricos decorrentes de ingerências externas de Países ocidentais restringem fortemente as suas relações com outros atores regionais.

É neste contexto de ameaça e contenção, que o Irão tem procurado maximizar o seu potencial estratégico. Desde logo a possibilidade de domínio do estreito de Omã confere a capacidade de embargar o normal fluxo de hidrocarbonetos na região para o mundo, com consequências na economia global. Paralelamente, o Irão é dos poucos países na região que detêm um complexo industrial militar robusto, capaz de produzir armamento de qualidade, reduzindo a sua dependência de terceiros para assegurar a sua soberania nacional.

Independentemente dos esforços desenvolvidos, o Irão ainda apresenta algumas vulnerabilidades. Desde logo, o seu isolamento restringe a sua participação em alianças militares. Contrariamente à generalidade dos seus rivais regionais, em caso de conflito é expectável que o Irão não possa contar com o apoio de terceiros na defesa do seu território. A este facto acresce ainda algumas limitações crónicas da sua capacidade militar decorrente das sanções a que foi sujeito no passado.

Relativamente à guerra civil Síria, o início das hostilidades naquele país veio colocar várias pressões adicionais sobre Teerão. À data ainda sujeito a um regime de sanções particularmente duro por parte do Ocidente, vê no conflito uma potencial ameaça à sua capacidade de projeção de poder, colocando em risco o acesso ao seu aliado no Líbano, o Hezbollah. Paralelamente, a concretizar-se uma transposição da Síria

para a esfera de influência sunita, constituiria uma forte transformação das dinâmicas de poder regionais, isolando cada vez mais Teerão. Também o papel da Síria como força de bloqueio à expansão da influência saudita ficaria em risco.

Dada esta relevância, o Irão tem vindo a adotar uma série de políticas direcionadas a impedir a queda do regime ou, em alternativa, assegurar que qualquer que seja configuração futura da Síria, os seus interesses regionais fiquem assegurados. Estas⁴⁸ incluem apoio financeiro, direcionado a colmatar as sanções económicas impostas a Damasco; apoio técnico especializado, que desempenha um papel relevante não só de na preparação das forças armadas, mas também no treino e orientação das milícias pró-governamentais que, entretanto, foram criadas; e, apoio militar direto, com o envio de uma força especial designada por al-Quds para aquele território, de forma a suportar as operações do regime.

No seu todo, a intervenção Iraniana pode ser enquadrada num processo mais alargado de competição regional em que o seu principal antagonista é a Arábia Saudita. Nesta perspetiva a guerra civil Síria representa uma guerra de proximidade entre estes dois países que juntamente com os seus aliados, transferem para países com disparidades étnicas e religiosas a sua contenda. A probabilidade de alargamento desta dinâmica já se concretizou na abertura de uma segunda frente no Lémen, através do apoio de Teerão à minoria xiita, que já se encontra em conflito armado aberto contra a maioria sunita apoiada por Ríade.

⁴⁸ Fulton, W., Holliday, J., & Wyer, S. (2013). *Iranian Strategy in Syria*. Institute for the Study of War & Critical Threats Project.

Israel

Na região, Israel representa a única democracia liberal existente e como tal, é um aliado natural do Bloco Ocidental. A eterna questão Israelo-palestiniana (antigamente designada como um dos conflitos Israelo-árabe) não aparenta ter no futuro próximo, uma solução plena. Contudo, conforme a própria evolução do nome do conflito assim o demonstra, está cada vez mais circunscrita à sua dimensão interna.

Israel apresenta-se como uma sólida potência económica no contexto regional. A aposta no setor tecnológico conferiu à economia Israelita o dinamismo e robustez necessários para competir de igual pé no mercado global. Desta forma, Israel não padece das limitações que caracterizam outros estados da região cujas economias estão fortemente alavancadas na extração de hidrocarbonetos. No entanto este setor também se configura como uma possível área de desenvolvimento dada a descoberta de reservas de gás natural substanciais e cuja eventual exploração, embora de capital intensivo, acaba por consolidar ainda mais a sua solidez financeira, no médio longo prazo.

No contexto global, o poder Israelita está fortemente alicerçado na sua aliança com os Estados Unidos, do qual depende para a aquisição de parte do seu arsenal bélico e cuja ajuda financeira é indispensável no equilíbrio do orçamento. Esta aliança está fortemente alavancada na tradição democrática Israelita que espelha o modelo político Ocidental e na presença de uma diáspora influente que promove a defesa de Israel junto das cúpulas políticas norte-americanas. A nível regional, a manutenção do conflito Israelo-palestiniano mantém acesos antagonismos que acabam por limitar a capacidade de Tel Aviv em formular alianças com outros atores do Médio Oriente, mantendo-se relativamente isolado. Não obstante e à medida que a divergências étnico-religiosas entre países islâmicos foram adquirindo maior protagonismo, Israel têm beneficiado de um alívio nas pressões externas, conseguido obter algumas concessões de alguns Países do bloco Sunita, como a Jordânia e a Arábia Saudita. Estas pequenas conquistas devem

ser observadas no contexto regional, ou seja, são pouco expressivas e quiçá temporárias.

Ainda sobre o poder Israelita, este é suportado por um fortíssimo complexo industrial militar, que suporta uma máquina bélica das mais modernas e eficientes do globo. Este aparelho militar é ainda complementado pelo facto de Israel ser a única potência nuclear na região. A forte aposta de Tel Aviv em *hardpower* efetivo permite-lhe não só garantir a sua sobrevivência como Estado, mas também projetar poder militar quando necessário.

A dissuasão nuclear impede que seja permeável à ação direta perpetrada por outros Estados, mas esta não se revela da mesma forma eficaz no combate aos grupos terroristas que operam na sua periferia imediata. Aqui destaca-se o Hezbollah, que embora mantenha a retórica anti-Israelita, a envolvimento deste grupo na Guerra Civil Síria tem conferido uma relativa acalmia na concretização de ataques militares contra Israel.

Quanto à postura perante a Guerra Civil, esta tem pautado pela reserva, possivelmente influenciada por alguma ambiguidade quanto à definição de uma estratégia clara para lidar com o tema. Ao longo do conflito têm ocorrido trocas de fogo esporádicas entre forças israelitas e tanto forças rebeldes como forças governamentais ao longo da zona fronteiriça dos Montes Golã. Aparte destas trocas de fogo é difícil de aferir o grau de influência Israelita que Israel exerce nos desígnios daquela região, mas constata-se que com o progredir do tempo o controlo do território sírio que faz fronteira com os Montes Golã está nas mãos das forças rebeldes.

Aqui destaca-se uma particularidade relativa à comunidade drusa, que se tem posicionado, no interior da Síria, como apoiante do regime. Este grupo étnico-religioso que tem alguma expressão no norte de Israel é fortemente oposto, à prestação de apoio⁴⁹ por parte de forças Israelitas a alguns grupos de oposição, especificamente

⁴⁹ Cohen, G. (20 de 07 de 2015). *Israel Halts Medical Treatment for Members of Syria's Nusra Front*. Obtido de Haaretz: <http://www.haaretz.com/israel-news/1.666961>

aqueles cuja matriz ideológica se baseia no fundamentalismo Islâmica. Qualquer demonstração aberta de auxílio será certamente alvo de protestos internos.

Além da gestão da fronteira com a Síria, Israel procurado enfraquecer e travar a transferência de armamento para o Hezbollah. Ao longo de todo o conflito vários⁵⁰ ataques aéreos têm sido perpetrados contra alvos governamentais ou afetos àquele grupo terrorista, por vezes atingindo militares Iranianos⁵¹ e Sírios.

Arábia Saudita

No contexto do Médio Oriente a Arábia Saudita é um dos principais candidatos a potência regional. Esta característica encontra-se fortemente alavancada nas suas reservas de hidrocarbonetos (anexo 3; Tabela 1 & 2) e num complexo industrial capaz de assegurar a extração da maior quota mundial de petróleo. O diferencial da sua produção quando comparada com a dos restantes produtores mundiais é de tal forma substancial que se encontra capacitada para influenciar a regulação do preço, caso assim o deseje. Mais, a conjugação desta riqueza com uma densidade populacional reduzida (Anexo 2; Tabela 3) permitiu a acumulação de largas reservas conferindo a Ríade a resiliência necessária para suportar períodos de baixa no valor do barril. Esta característica é duplamente reforçada devido ao baixo custo de extração do seu petróleo que se localiza entre os mais baixos do mundo.

Configura-se assim um primeiro vetor de projeção de poder. A capacidade de influenciar o preço dos hidrocarbonetos, permite à Arábia Saudita condicionar uma fonte de riqueza essencial a um número relevante substancial dos seus rivais geopolíticos. Esta estratégia de manipulação do preço foi utilizada no passado como

⁵⁰ Levitt, M. (2013). *No Good Outcome: How Israel Could be Drawn into the Syrian Conflict*. Washington: Washington Institute for Near East Policy

⁵¹ Ravid, B. (19 de 01 de 2015). *Iranian General Killed in Reported Israeli Strike on Hezbollah in Syria* . Obtido de Haaretz: <http://www.haaretz.com/israel-news/1.637874>

mecanismo para pressionar aliados e limitar a liberdade de ação de inimigos tendo obtido alguns sucessos significativos.

Independentemente destas mais-valias, a sua dependência de hidrocarbonetos configura-se também como uma vulnerabilidade. A fraca diversificação da sua economia e o elevando grau de dependência do exterior em todos os sectores que não o petrolífero, restringem as oportunidades de emprego, fomentando a criação de uma larga massa de jovens sem ocupação que por sua vez está fortemente dependente de generosos subsídios Estatais.

No entanto é no vetor religioso que se revela na principal fonte de poder Saudita. A origem do Reino está intrinsecamente ligada à emergência de uma corrente fundamentalista do Islão que está na base do modelo de organização social que impera naquele País. A permeabilidade de uma população jovem e sem oportunidades às interpretações mais extremistas desta vertente religiosa produzem um duplo efeito, mantêm a coesão social e facilitam processos de radicalização. A reforçar este vetor encontra-se ainda o facto da gestão dos santuários de Meca e Medina estar a seu cargo. A relevância destas duas localizações para todo o Islão acaba por conferir à Arábia Saudita alguma autoridade religiosa no mundo muçulmano embora com consequências limitadas.

É a conjugação destes dois vetores, o financeiro e religioso que estrutura o *softpower* saudita.

Esta dependência do vetor religioso configura-se simultaneamente como um promotor de vulnerabilidades desde logo porque não existe completa homogeneidade a nível religioso dentro do seu território (anexo 2; Tabela 2) dada a presença de minorias xiitas, na região leste do País, a zona mais rica em termos de reservas petrolíferas. Por outro lado, a variante do sunismo promovida por Ríade é fortemente antagónica ao xiismo, o que por inerência é um foco de conflitualidade com os Países onde esta vertente do Islão é predominante.

Já no que diz respeito a *hardpower*, a vasta capacidade financeira do Reino aliada do bom relacionamento com os Estados Unidos da América tem permitido às suas forças armadas adquirir um vasto leque de sistemas de armamento de última geração. Estas são consideradas como das mais bem equipadas e preparadas a nível regional. Este relacionamento com os Estados Unidos representa ainda outra grande valência estratégica do Reino no contexto regional. As elevadas trocas comerciais e o papel de Ríade na estabilização do preço do petróleo permitem obter alguma cobertura diplomática às suas pretensões a potência dominante do Médio Oriente.

Relativamente à Guerra Civil na Síria, a Arábia Saudita é largamente creditada⁵² pelo financiamento de vários grupos rebeldes a operar no terreno, optando por promover fações cuja matriz ideológica mais se aproxima do fundamentalismo religioso. Paralelamente, participa na campanha aérea contra o Estado Islâmico, providenciando meios militares que participam em missões sobre território Sírio.

A sua ação no conflito Sírio é coerente com o papel que Ríade tem vindo a assumir na manutenção das estruturas de poder dos seus aliados regionais. Nesse sentido têm desempenhado um papel importante na contenção de revoltas de minorias xiitas, recorrente para tal ao poder militar, como no caso do Bahrain em 2011, e presentemente no Iémen, onde está envolvido na supressão dos separatistas de etnia Houthi.

República do Iraque

O Iraque representa outro palco onde as fissuras étnico-religiosas se converteram em conflito armado. Finda a intervenção dos EUA em 2003 que provocou a queda do regime sunita de Saddam Hussein, o país nunca conseguiu recuperar a estabilidade interna, tendo sido palco de uma insurreição latente que gradualmente se converteu em guerra aberta.

⁵² Moniquet, C. (2013). The Involvement of Salafism / Wahabism in the Support and Supply of Arms to Rebel Groups Around the World. European Parliament - Directorate-General for External Policies.

As divisões sectárias espelham o que se passa na vizinha Síria, com a estratificação de três blocos: o curdo, o sunita e o xiita. Já os padrões de conflitualidade entre estas fações divergem no sentido em que os curdos, embora detentores de um elevado grau de autonomia, revêm-se no Governo de Bagdade coordenando militarmente na supressão da sublevação Sunita. Estes últimos nunca aceitaram o seu estatuto minoritário após a transferência de poder para a maioria xiita, razão pela qual as regiões sobre o seu controlo foram palco de instabilidade e resistência. A última iteração desta oposição sunita assume presentemente a forma do Estado Islâmico.

Devido ao conflito em curso, o Iraque tem um papel limitado no contexto regional. A sua economia está fortemente marcada por mais de uma década de instabilidade e conflito, focando-se principalmente na extração de hidrocarbonetos. Nesta área, o Iraque encerra em si um forte potencial ao ser detentor da 3ª maior reserva regional de petróleo, ligeiramente abaixo do Irão. A localização dos seus principais campos petrolíferos longe das linhas de fratura sectárias permitiu ainda a esta indústria manter-se em funcionamento, conferindo alguma estabilidade em termos de fontes de rendimento ao País.

Já a sua localização estratégica, torna-o particularmente relevante nas dinâmicas regionais de poder. Como peça essencial do crescente xiita, a sua manutenção na esfera de influência iraniana representa uma prioridade para Teerão, que tem vindo a prestar apoio financeiro e militar ao Governo de Bagdade.

Se é certo que devido a este contexto interno, a capacidade de projeção de poder esteja bastante limitada, já a proximidade geográfica com a Síria ditou que ambos os conflitos se encontrem fortemente interligados. É neste sentido que o papel do Iraque tem vindo a desenvolver na guerra civil em curso no País vizinho, não pode ser observado como uma ação monolítica desenvolvida por um Estado. Pelo contrário, requer a sua decomposição em linha com os diferentes blocos sectários existentes, e cujos contributos variam mediante filiações étnicas e religiosas. Desde logo destaca-se o Estado Islâmico, cuja emergência está fortemente alavancada nas regiões tribais

sunitas localizadas no oeste iraquiano. Trata-se da base de poder deste ator, e foi a partir desta região que a sua influência se expandiu, inicialmente no Iraque, e depois para o palco Sírio. Já o bloco xiita tem permitido, através da sua posição dominante no Governo do Iraque, a utilização do seu território para transferir material bélico entre o Irão e o regime de Bashar al-Assad. Paralelamente algumas milícias xiitas iraquianas operam no teatro Sírio. Quando Governo do Curdistão Iraquiano, embora não pertença à mesma filiação política que o Governo do Curdistão Sírio, têm, em certas ocasiões⁵³ providenciado armamento e combatentes, embora em números pouco expressivos.

Reino Hachemita da Jordânia

A Jordânia apresenta-se como uma pequena potência no contexto regional, cuja relevância encontra-se fortemente alavancada na sua localização estratégica, no centro do Médio Oriente.

A legitimidade do seu líder, Rei Abdullah V, representa simultaneamente uma mais-valia para o Reino e um vetor de antagonismos no contexto regional. Ao traçar as suas origens diretamente à família do Profeta, a linhagem Hachemita pode chamar a si a uma autoridade religiosa única na região, tendo membros desta casa real assumido uma posição de destaque⁵⁴ nas várias configurações políticas que no Médio Oriente assumiu ao longo do tempo. Destas, destaca-se o período do Império Otomano durante o qual, a gestão religiosa de Meca e Medina, duas cidades sagradas para o Islão, esteve entregue a um membro da família Hachemita durante mais de 500 anos⁵⁵. Mesmo após o fim deste império, os Hachemitas emergiram como líderes naturais da região, assumindo o controlo⁵⁶ de vários proto estados que se formaram após a partição

⁵³ Batalha de Kobane. O Governo do Curdistão Iraquiano enviou 500 combatentes via Turquia para impedir a perda da cidade para o Estado Islâmico.

⁵⁴ Department of Defense, United States Government. (2011). *Jordan in perspective: Orientation Guide and Jordanian Cultural Orientation*. Progressive Management Publications.

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ Ibid.

Otomana, entre estes, o Reino de Hejaz (que incluía Meca e Medina), a Grande Síria, o Iraque e a Transjordânia. As vicissitudes do tempo determinaram que apenas o Reino da Jordânia se mantenha sobre o seu controlo, mas esta carga histórica configura-se como uma ameaça à legitimidade dos restantes líderes regionais, nomeadamente às casas reais de origem tribal que presidem à Arábia Saudita e Qatar. É também o mesmo racional que define a Jordânia como uma ameaça ao Estado Islâmico após a declaração de Califado.

Os sólidos laços diplomáticos com o Ocidente também constituem uma vantagem para o reino. A manutenção deste relacionamento é crucial dada a dependência de ajuda externa que País exhibe para equilibrar financeiramente as contas as suas contas. Destaca-se que o Reino da Jordânia é dos poucos Países árabes que assinaram um tratado de paz com Israel (para além do Egito).

Já no que diz respeito a vulnerabilidades, estas são várias, mas sublinha-se a relevância do vetor económico. Dada a inexistência de reservas petrolíferas significativas no seu território, encontra-se fortemente dependente do exterior para aprovisionar a quase totalidade das suas necessidades energéticas. Este facto torna a Jordânia particularmente suscetível às variações do preço de hidrocarbonetos no mercado internacional.

Estas dificuldades tendem a ser exacerbadas, por vagas de imigração despoletadas por conflitos regionais. Palestínianos, iraquianos, líbios e recentemente sírios encontraram na Jordânia um porto de abrigo, no entanto, o elevado número de imigrantes quando conjugado com uma taxa de desemprego jovem substancial⁵⁷ (30%) e a fraca performance económica do País, potencia riscos instabilidade interna.

⁵⁷ Central Intelligence Agency. (22 de 11 de 2014). *The World Factbook*. Obtido de Central Intelligence Agency: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>

Neste contexto, sublinha-se ainda a uma forte disparidade entre a maioria da população, adepta do conservadorismo religioso e as suas elites, marcadamente ocidentalizadas.

Quanto à sua postura perante a guerra civil na Síria, a Jordânia procurou não intervir de forma ostensiva contra o regime de Bashar al-Assad e ambos os países mantêm relações diplomáticas. Já no que diz respeito ao Estado Islâmico, o Reino participa na coligação internacional que combate esta entidade, através da disponibilização de meios aéreos e de campos de treino direcionados à formação técnica de forças militares iraquianas.

III. A Síria

No contexto deste exercício, a Síria é, simultaneamente, um importante ator na ótica regional, o palco da conflagração e parte beligerante na guerra civil em curso.

Dada esta relevância, optámos por consolidar toda informação pertinente sobre a Síria, num só capítulo, de forma a efetuar a transição entre a dimensão externa e a dimensão interna do conflito.

III.1 Contextualização Histórica

A elaboração de qualquer estudo prospetivo na área das relações internacionais tem como premissa um elevado grau de conhecimento dos atores e das dinâmicas que regem as suas relações. No caso em estudo, compreender a violência atual que lavra na Síria obriga, antes de mais, a uma interpretação cuidada do seu passado de forma a identificar *causas* que elucidem ou de certa forma influenciam eventos atuais.

Estes temas comuns são posteriormente testados quanto à sua resiliência ao longo da história e quanto à sua consistência, contrastados com a narrativa atual. Com base no resultado obtido deste estudo, pretende-se testar eventuais *tendências* identificadas que permitem muitas das divergências que hoje se evidenciam e refletem antagonismos históricos, condicionantes da vivência das populações que residem naquele território. Este passado, o da República Árabe Síria apresenta-se como uma crónica milenar rica em impérios, traições, religião e guerra. De facto, se existe um traço marcante em toda a história da Síria antiga é a contínua atração que aquele território exerce sobre Conquistadores e Impérios. São inúmeros os atores que de uma forma ou de outra, ocuparam ou ali exerceram o seu domínio.

A região que hoje constitui a Síria moderna é detentora de duas características que em muito condicionaram a sua evolução histórica. Por um lado, o território está localizado entre o mediterrâneo e os rios tigre e Eufrates, tornando-se ponto de passagem obrigatório para as civilizações originárias do crescente fértil que pretendiam

aceder ao oceano. Por outro lado, a disposição do território representa uma encruzilhada entre 3 blocos civilizacionais - o Ocidente Europeu, o Oriente Asiático e a África do Norte - traduzindo-se numa linha de fratura, sujeita a invasões e ocupações fruto das pressões normais entre impérios. Assim, o território Sírio foi sucessivamente ocupado por Fenícios, Hebreus, Aramaicos, Assírios, Babilónios, Persas, Gregos, Romanos, Bizantinos e durante 3 gerações, cruzados Cristãos que estabeleceram naquela região o reino de Jerusalém.

Foram vários os povos Semitas provenientes do deserto da arábia que se estabeleceram na região da Síria entre o período que inclui a idade do bronze e o princípio da antiguidade. Desta migração surgem duas cidades importantes: Damasco e Alepo.

Localizado no Médio Oriente, o berço da civilização humana, o território que hoje constitui a Síria contemporânea encontra-se situado no centro do que era, em tempos antigos a principal artéria comercial do continente euroasiático – a rota da seda. Esta localização estratégica transformou cidades como Damasco e Alepo em centros de cultura, conhecimento e riqueza. Fiel à natureza humana, esta riqueza atraiu não só comerciantes como conquistadores e foram vários os impérios que ao longo da história procuraram exercer o seu domínio sobre este território, desde Egípcios, Alexandre o Grande, Roma Imperial, Califas, Mongóis, Otomanos, Britânicos e Franceses.

Damasco uma das cidades mais antigas do mundo a ser continuamente habitada, chegou a ser a capital do Califado *Umayyad* cujas fronteiras se estendiam, das Astúrias na Península Ibérica, ao moderno Turquemenistão.

Foram os Gregos que designaram a região como Síria. Ao longo dos séculos, esta região refletiu diferentes territórios, com fronteiras e tamanhos distintos.

A Grande Síria, presente durante o mundo antigo inclui a Síria moderna juntamente com o atual Líbano, territórios palestinos, Israel, partes da Turquia, Jordânia e Iraque.

No período romano, a província da Síria era dos territórios mais ricos de todo o império, tendo sido construídos monumentos substanciais, como o complexo de templos de *Balbeque*, um dos maiores de todo o império, representativo da relevância que esta detinha no contexto de Roma Imperial. A adoção do cristianismo como religião oficial do Império romano no século IV teve um impacto substancial na Síria antiga. As conversões forçadas estenderam-se à totalidade do império e o cristianismo tornou-se na religião predominante do Médio Oriente, colocando a província da Síria no centro do mundo Cristão.

Do século XIII até ao início do mundo moderno, a Grande Síria foi controlada por dois grandes impérios islâmicos: o primeiro oriundo do Egipto e o segundo sobre os auspícios dos Turcos otomanos.

A estabilidade só seria obtida em 1516, com a chegada do Império Otomano que assumiu o controlo da região durante os 400 anos seguintes, até ao final da primeira Guerra Mundial. De salientar a subdivisão do território em várias regiões administrativas⁵⁸ efetuada pelo aparelho Estatal Otomano. É com base nestas subdivisões que a distribuição étnica-religiosa da população se vai sedimentando ao longo dos séculos (anexo 1 – Mapa 1).

No período da queda do Império Otomano é quando as primeiras raízes da Síria moderna começam a tomar forma. A captura de Damasco a 30 de Setembro de 1918 foi fruto de um ação conjunta entre forças Britânicas e irregulares Árabes. No contexto da 1ª Guerra Mundial, o Reino Unido procurou aliar-se às populações árabes da região do Médio Oriente, tornando-os partidários no combate ao império Otomano. Como incentivo, o Reino Unido promoveu noções de uma futura independência junto destes líderes árabes. Paralelamente, o mesmo Reino Unido e França negociavam

⁵⁸ O império Otomano utilizava uma gradação faseada do território para fins administrativos com a seguinte estrutura hierárquica – *Vilayet* / *Eyalet* equiparados às modernas províncias e *Sanjak* para distritos.

secretamente o acordo de *Sykes-Picott* que viria a repartir o Médio Oriente em duas zonas de influência alocadas às duas potências europeias (Fromkin, 1989).

Neste período, fazia parte do Império Otomano, aliado da Alemanha no conflito mundial. Para o combate, procuram aliados junto das tribos árabes que aspiravam por independência. Um dos principais líderes destas tribos era o Príncipe Faisal (mais tarde, Al-Saud). Tendo obtido o seu maior sucesso com a captura de Damasco, até à data reconhecida como o centro de poder do império otomano na região. Para os rebeldes árabes, a conquista de Damasco seria início de um novo império de matriz árabe e muçulmana que incorporava a velha província romana da Grande Síria e teria aquela cidade como sua capital. Esta era a expectativa, previamente acordada com os aliados Ingleses. Estas aspirações seriam contudo frustradas pela Grã-Bretanha que tinha também prometido parte da região, aos franceses. Este acordo secreto entre as duas grandes potências seria firmado por um representante da Coroa Britânica, Sir Mark Sykes. O Acordo de Sykes- Picott é particularmente relevante à luz do conflito atual. Sir Mark Sykes é referido como pouco conhecedor das particularidades da região. Reza a descrição de que a definição das fronteiras do Médio Oriente contemporâneo nasce de uma tentativa atabalhoada de criar uma linha entre a cidade de Acre e Kirkuk, entre o mediterrâneo e o golfo pérsico. Este corte artificial do Médio Oriente ao meio quebrou o modelo da antiga Grande Síria e é um ato representativo de um imperialismo pouco iluminado e cujas consequências viriam a ser devastadoras. O Príncipe Faisal chegou a fundar um Estado Sírio independente. Este durou, contudo, pouco mais de 2 anos. A França imperial rapidamente ocupou o território e arrefeceu, momentaneamente, as tendências nacionalistas no seio da população árabe.

A leitura do cenário político à altura revela que nunca existiu uma real intenção de promover a autodeterminação das populações locais. A expectativa Britânica passava pela criação de Estados – Cliente, subjugados à sua vontade, frustrando assim as intenções Francesas sobre a região. Para tal, recrutaram os esforços da casa real

Hachemita, na pessoa de Faisal I para assumir a liderança do futuro estado⁵⁹ Árabe. É neste enquadramento que surge um terceiro ator externo – os Estados Unidos da América. Sem influência na região, vê nas possíveis independências Árabes um veículo para travar a expansão Europeia na região e ganhar autoridade⁶⁰ no Médio Oriente. Convencido de eventuais apoios Britânicos ou Americanos, Faisal avança para a independência e rapidamente vê as suas intenções goradas devido à pressão Francesa. Sem auxílio externo e sobre ameaça militar, o rei aceita a subjugação sem que contudo parte do seu reduzido dispositivo militar ignore as instruções da Coroa e tente travar o avanço Francês. Os esforços Árabes não obtiveram sucesso⁶¹, tendo o Rei sido expulso da Síria e um governo fantoche instaurado na região pelas autoridades vitoriosas. A queda do Reino da Síria é um momento charneira nas relações entre Árabes e Ocidentais. O seu simbolismo é determinante na forma como a população Síria observa ingerências externas.

No interregno, França opta por dividir o território Sírio em várias regiões, criando inicialmente uma federação de Estados e evoluindo para uma república em 1930. De notar a opção em manter a separação administrativa entre os vários grupos religiosos, garantindo alguma autonomia parcial aos Alauitas e Drusos (Anexo 1, Mapa 2).

A gestão francesa revela-se particularmente sectária. Emulando modelos de gestão imperialista (*Divide and Rule*) aplicados em outras partes do globo (exemplo Congo Belga). A França iniciou um processo de transladação de populações em linha com as suas raízes étnicas e opções religiosas, fomentando divisões dentro da própria população, de forma a exercer controlo sobre a mesma. A importante Trípoli e a cidade de Tiro foram atribuídas às populações cristãs aliadas da potência francesa, retalhando nesse sentido parte do território envolto da Grande Síria para a criação de um novo

⁵⁹ Teitelbaum, J. (2001). *The Rise and Fall of the Hashimite Kingdom of Arabia*. London: C. Hurst & Co.

⁶⁰ Ibid.

⁶¹ Batalha do estreito de Maysalun (Montanhas Antilíbano) resultou uma derrota clara das forças independentistas árabes.

estado – o Grande Líbano. O que restava da Síria foi de novo subdividido de forma a alocar grupos religiosos como os Alauitas na província de Latakia, a norte do Líbano, ou etnias como os Drusos a sul, junto à fronteira com a atual Jordânia.

Desta forma a França procurou subverter intenções nacionalistas árabes. Uma consequência direta destas alterações é a descontinuidade do território face ao mediterrâneo. Na literatura nacionalista árabe, a Síria deste período é frequentemente equiparada a um tronco sem ramos devido à desconexão artificial com ambos os extremos que historicamente faziam parte do território.

No período interguerras, a França sofreu substanciais convulsões sociais. Dificuldades económicas do Império tiveram como consequência uma forte pressão fiscal, sobre as colónias, não sendo a Síria exceção. A este cenário, acresce várias secas substanciais que degradam o tecido económico da região, juntamente com a depressão global e alta inflação. O ressentimento árabe na região, associado a estas pressões económicas, viriam rapidamente a revelar-se na primeira grande revolta que ocorre logo em 1925, liderada por Sultan Pasha al Trash. Esta revolta durou dois anos, ficando conhecida na história como a Grande Revolução Síria e, é reconhecida pelos Sírios como um primeiro momento no Amanhecer Nacionalista.

Estas visões nacionalistas têm um reflexo no conflito atual, parte do racional sunita revê no domínio Alauita uma continuação do poder colonialista. Neste argumento, o processo de emancipação nacionalista que se iniciou em 1925 ainda está em curso e só terminará após o afastamento do poder daqueles que representavam os interesses do império na região.

A supressão da revolta árabe por parte dos Franceses foi caracterizada pela sua brutalidade e violência. O combate pela cidade de Damasco assumiu contornos particularmente terríveis, com recurso a artilharia pesada, em bombardeamentos indiscriminados. O domínio francês manteve-se durante os 20 anos seguintes.

Com o início da 2ª Guerra Mundial e a eventual queda Francesa, o território passa para administração de Vichy, sendo brevemente ocupado por forças Britânicas até ao fim das hostilidades.

Sobre pressão contínua de independentistas Sírios, França abdica de pretensões sobre o território e abandona a Síria em Abril de 1946, deixando o poder nas mãos do governo republicano que entretanto tinha sido formado para gerir o País.

A população Árabe representa 90%, enquanto os Curdos, Arménios, Drusos, representam o legado desta longa história de conquistadores e impérios.

Das minorias religiosas, aquela que detém maior expressão é a Alauita. A sua base de poder está localizada na costa do mediterrâneo na província de Latakia. Representam 12% da população Síria.

Os Alauitas são muçulmanos embora só tenham sido aceites na religião no século IX. Considerada uma vertente do Islão Xiita. Durante séculos foram sujeitos a restrições decorrentes da sua condição de minoria. A maioria Sunita não os considerava verdadeiros membros do Islão e existe um substancial reportório de atrocidades cometidas pela maioria Sunita contra a minoria Alauita.

Exemplo disso é o massacre de Trípoli ocorrido no princípio do século XIV, onde após um clérigo Sunita ter emitido uma *fatwah*⁶² condenando várias seitas do Islão que o próprio considerava pouco ortodoxas. Entre estas os Alauita foram particularmente visados, declarando o clérigo que eram mais heréticos que os judeus e que os cristãos. Seguiu-se o massacre da população residente Alauita. Fontes apontam como 20.000 o número de mortos.

Após o massacre os sobreviventes retiraram-se para as montanhas a norte de Trípoli que ainda hoje é o centro de poder Alauita sendo particularmente representativo na região fronteira do norte do Líbano com a Síria contemporânea.

⁶² Opinião Jurídica emitida por uma autoridade religiosa Islâmica.

Este receio de perseguição violenta por parte da maioria Sunita é parte integrante da identidade Alauita. O refúgio forçado nas montanhas é referência frequente em textos provenientes desta comunidade.

A exploração destas divisões sectárias entre a população Sunita e os Alauitas por parte das autoridades Francesas procurou a supressão da maioria sunita, substancialmente nacionalista. Os métodos utilizados passaram pela criação de uma componente militar composta unicamente por membros da comunidade Alauita - a *Troppe Speciale du Levant*. Este corpo militar procurou ser a extensão local das autoridades imperiais, mantendo a população sunita sobre um controlo apertado.

Este evento representa o primeiro passo num processo de *empowerment* económico desta minoria, que a transformou de relativamente pequena comunidade que subsistia da agricultura, nos principais detentores do poder económico-financeiro do país. Esta capacitação económica permitiu à comunidade Alauita estar particularmente bem posicionada aquando da independência da Síria em 1946.

A Síria sofre a primeira tentativa de golpe militar logo em 1949 ao que se seguem anos de instabilidade política que culminam com a chegada ao poder do Coronel Adib Shishakli em 1951. A contínua luta entre as várias facções presentes no espectro político não permite a estabilização da jovem Nação. Elementos pertencentes ao grupo étnico-religioso Drisp em conjunto com Pan-Arabistas e Nacionalistas Árabes ameaçam iniciar uma guerra civil. Em 1954 Adlib Shiskli abdica do poder, deixando o País numa situação instável. Sem um claro vencedor da última contenda e com o poder diluído entre as várias facções, o Governo central entra em declínio, recaindo sobre as antigas estruturas provinciais a responsabilidade da governança. É neste contexto que emerge em força o Pan-Arabismo de Nasser na região. Reforçado com o resultado da Crise no Canal do Suez, reaviva a ideia de uma única entidade política de matriz Árabe e em 1958 é declarada a união entre o Egipto e Síria, através da criação da República Árabe Unida.

O período pós-independência foi caracterizado pela instabilidade política e social. A classe política vigente maioritariamente sunita, conservadora e detentora de

uma riqueza principalmente baseada na exploração agrícola (detenção de terras) vê-se assim ameaçada. No vetor político, a chegada ao poder destas minorias implicava um reajustamento das estruturas existentes. O poder tribal perdia influência para um estado centralizado. No vetor social, existe o contraste entre a sociedade tribal, tradicionalista e religiosa e a chegada de uma nova visão, moderna, quase ocidental que rejeitava o conservadorismo que tanto tipifica as sociedades árabes. Finalmente no vetor económico, onde a promoção de uma mensagem socialista, minava as bases tradicionais de poder económico que à data se centravam na detenção e exploração de terreno agrícola.

Cerca de quatro anos após esta União inicia-se um novo período de instabilidade, de novo liderado pelo Exército Sírio através de uma sucessão de golpes militares. Estes culminam em 1964 com a criação do Conselho Nacional do Comando Revolucionário por oficiais do Exército afetos ao movimento Nacional – Socialista Árabe. Esta corrente ideológica era representada por um Partido, transnacional, de nome Partido Socialista da Ressurreição Árabe, também conhecido por *Ba'ath*⁶³. Cerca de um mês após o golpe militar na Síria, o mesmo partido promove novo golpe militar desta vez no Iraque⁶⁴. Rapidamente, iniciam-se negociações sobre a formulação de uma nova entidade que integrasse a Síria e o Iraque numa só Nação. Estes desígnios caem por terra em 1963 com novo golpe militar no Iraque, desta vez, intrapartidário e que repõe a facção *Nasserista* na liderança do partido *Ba'ath* no Iraque⁶⁵.

⁶³ Partido Pan-arabista que tinha por objetivo a recriação da antiga Grande Síria, liderada por árabes, mas inclusiva das minorias existentes na região – incluído os Alauitas. Regrava-se mediante princípios ideológicos como o socialismo, o secularismo, o nacionalismo árabe e a igualdade de género (no contexto da época).

⁶⁴ Revolução do Ramadão – Tomada de poder por um grupo de militares de esquerda socialista afeta ao partido *Ba'ath* no Iraque

⁶⁵ Golpe de Novembro – Levado a cabo por oficiais afetos pertencentes ao partido *Ba'ath*, levou ao afastamento da ala radical dentro do mesmo partido e à criação da Guarda Republicana Iraquiana

Três anos após o golpe no vizinho Iraque, a Síria sofre nova ação similar. A ala mais radical é afastada da liderança do partido *Ba'ath*, por um grupo de oficiais que dissolvem o Conselho Nacional do Comando Revolucionário e instauram novo governo de matriz regionalista, com o intuito de satisfazer os vários grupos existentes no território e minimizar fricções internas. Não seria este o “reajustamento” final dentro do partido. As linhas de divisão existentes que opunham a componente civil de cariz radical, promotora de uma intervenção mais ativa na contenda com Israel e a defesa das organizações palestinas, e a ala militar do partido, mais moderada e cautelosa que pretendia “suavizar” o ímpeto revolucionário que caracterizava o partido.

A derrota dos Egípcios e Sírios na guerra de junho de 1967 com Israel enfraqueceu a ala radical do partido, e a 13 de Novembro de 1970, o ministro da defesa Hafez al – Assad assume o papel de primeiro-ministro através de uma tomada de poder sem violência.

Hafez al-Assad: o Leão da Síria

A carreira política de Hafez al-Assad iniciou-se cedo. Aos 16 anos já era um ativista nas convulsões políticas pós-independência, onde a maioria Sunita dominava o governo. Associa-se ao Partido *Ba'ath*.

Os Alauitas, devido à sua história durante o período do protetorado francês, incorporaram-se facilmente na carreira militar da recentemente independente Síria. O próprio Hafez al-Assad optou pela força aérea, terminando a sua formação como piloto-aviador na antiga União Soviética. A longa ligação do regime à Rússia pode ser traçada a este período.

É em 1970 que Hafez Al-Assad conquista definitivamente o poder através de um golpe militar. Apesar da disparidade étnica existente no território, verifica-se a aceitação por parte das estruturas de poder sunita, deste novo paradigma político. A chegada de um líder forte, proveniente de uma minoria com forte representação nas forças militares, prometia a estabilidade e paz social que não tinha sido obtida até ao momento.

Dado o histórico de instabilidade, a prioridade do agora primeiro-ministro era impor uma estrutura governamental sólida e resiliente. Nesse sentido criou o Conselho do Povo, um corpo legislativo com 173 membros, 89 dos quais pertencentes ao seu partido. Os restantes lugares estavam alocados a representantes regionais ou partidos de fraca expressão. Cria assim um veículo onde as estruturas regionalistas e sectárias possam ventilar as suas opiniões, sublinhando que o partido Ba'ath é a única opção que mantém a unidade da Nação Síria. Como forma de legitimar a sua chegada ao poder promove ainda a realização de um referendo no em 1971, que confirmou a sua permanência, como presidente por um mandato de 7 anos. Dois anos passados, realizam-se eleições legislativas na Síria, as primeiras desde 1962.

Paralelamente inicia um processo de transformação da Síria, que iria abalar as suas bases. Foi efetuada uma forte aposta na educação, tornando o acesso à educação básica possível, principalmente para a população feminina. No plano económico apostou-se na modernização do sector agrícola. Permitiu a “*modernização*” do Estado Sírio. A resistência à mudança determinou um Estado substancialmente alavancado no sector securitário, onde os serviços de informações, o vetor militar e o governo, tinham a primazia do poder em detrimento de vozes dissidentes.

Embora oficialmente semipresidencialista – o Conselho do Povo nunca foi visto como um órgão independente - esta nova Síria era indiscutivelmente um Estado Policia onde as liberdades políticas dos cidadãos eram fortemente suprimidas, mas onde as minorias étnicas e religiosas viram no Governo de Assad uma fonte de proteção e possíveis benefícios.

Embora Hafez al-Assad tenha procurado estruturar o seu regime de forma aparentemente inclusiva, o claro domínio dos Alauitas e a postura secular do partido Ba'ath, não permitiram a completa adesão do mesmo por parte do sector sunita, que por sua vez era representativo de grande parte da população. Esta Síria secular nunca foi aceite pelas correntes mais tradicionalistas que emergiam dentro da maioria Sunita. Entre estas destaca-se a irmandade muçulmana. O próprio Hafez al-Assad na sua

juventude chegou a ser parte interveniente em combates físicos, com representantes da irmandade muçulmana, tendo sido apunhalado nas costas. Este pequeno evento é representativo da inimizade pessoal do agora líder da nação Síria contra a irmandade muçulmana.

Entre 1976 e 1982, a Síria sofreu uma guerra de guerrilha de cariz sectário e ideologia religiosa desencadeada pela Irmandade Muçulmana que proclamava Assad como herege. Esta guerrilha foi intensa, mas genericamente circumspecta à cidade de Hama no centro-oeste do País, núcleo de poder sunita. As técnicas utilizadas pela irmandade muçulmana para destabilizar o regime de Hafez Al-Assad, podem ser equiparadas ao terrorismo moderno. Na sua campanha de terror que durou 6 anos, centenas de Sírios foram mortos por ataques bombistas, carros armadilhados e assassinatos. Os alvos desta campanha refletem o seu cariz sectário, Alauitas, Cristãos e outras minorias, principalmente quando associados às estruturas de poder existentes. Também os defensores de políticas seculares eram frequentemente marcados como alvos a abater.

Foram vários os atentados que marcaram este período, mas destes destaca-se o atentado bombista ocorrido em Aleppo em 1979 que teve por alvo cadetes militares de origem Alauitas. Este evento viria a ser espelhado⁶⁶ anos mais tarde em novo massacre desta vez no Iraque. Após uma tentativa de assassinio do próprio Hafez al-Assad onde este escapou por pouco, o regime endureceu a sua postura. A repressão política aumentou de intensidade.

O centro do poder da irmandade muçulmana localizava-se na cidade da Hama, um contínuo foco de instabilidade. Em 1982 uma onda de protestos culminou numa insurreição urbana generalizada que se espalhou por toda a cidade. Representantes do poder central e minorias foram assassinados nas ruas durante esta insurreição. A reação do regime foi dura com as notícias de extermínio em massa da população. Foram

⁶⁶ Massacre do Campo Speicher, onde o Estado Islâmico executou de forma sistemática 1566 cadetes da força aérea xiitas na cidade de Tikrit, Iraque.

reportados entre 10 e 20 mil mortos. Este massacre quebrou a ascensão da irmandade muçulmana, mas a sua brutalidade deixou fortes marcas na corrente tradicionalista árabe que se refletem nos eventos atuais.

A manutenção de Hafez Al-Assad no poder não se podia basear apenas nas minorias étnicas, dada a disparidade numérica existente. Assim o governo procurou satisfazer uma clientela dentro da própria comunidade sunita constituída por grupos influentes, principalmente em termos económicos. A troca era clara, o governo providenciava a estabilidade necessária para o florescimento económico e obtinha a paz social e o assentimento político para se manter no poder. Este compromisso foi genericamente aceite por muitos Sírios e é uma das principais razões porque grupos importantes da população sunita não se revê na revolução em curso.

Outro elemento de legitimação do governo junto da população advém do plano externo. Durante a guerra de 1967 com Israel, que teve como consequência a derrota completa dos exércitos combinados das nações árabes e a eventual ocupação dos Montes Golã, Hafez-Al-Assad era ministro da Defesa. Seis anos depois, já como Presidente, a Síria participou na guerra de Yom Kippur, em 1973. Embora esta guerra tenha terminado com uma vitória militar para Israel, Hafez al-Assad promoveu uma narrativa interna de redenção da dignidade do povo Sírio, fruto das conquistas territoriais ocorridas no início do conflito. Esta imagem de um líder Árabe forte, capaz de interpor-se à crescente influência de Israel na região, converteu-se numa pedra basilar do regime. Este conflito, entre a Síria e Israel, viria a ter repercussões no vizinho Líbano.

No auge da Guerra Fria, as superpotências dividiram-se entre o apoio da ex-União Soviética, ao então denominado eixo de resistência composto por Teerão, Damasco e Líbano que representavam à data o único obstáculo credível à expansão da influência ocidental na região através de Israel.

Os anos 90 trouxeram um fundamental volte de face nas relações externas do Governo Sírio. A sua participação na coligação multinacional que se opôs ao Iraque de

Saddam Hussein em 1991 colocou um ponto final nos laços políticos que ligavam os dois Países. Também a contenda com Israel foi minimizada através de conversações bilaterais durante toda a década.

Hafez Al-Assad morre em junho de 2000, ao fim de 30 anos no poder, deixando para trás um legado de estabilidade, finalizado com uma promessa de abertura ao ocidente, embora obtido com um pulso de ferro. A sua morte abre o caminho para o seu filho Bashar al-Assad, assumir a liderança da Nação Síria. Assim aconteceu, através da realização de um referendo onde concorreu sem oposição e ganhou com 97% dos votos.

Bashar al-Assad:

A chegada de Bashar al-Assad ao poder trouxe consigo a esperança de uma nova abertura política. Médico de profissão, formando em Londres e casado com uma representante da comunidade Sunita, aparentava pretender quebrar as velhas divisões sectárias e promover reformas democráticas para um Síria futura moderna e integrada no sistema mundial. Este período foi denominado pela primavera de Damasco onde a diminuta corrente Democrata Liberal viu a abertura necessária para propor reformas ao regime. Concretamente foram aliviadas as restrições à livre discussão política com a criação de fóruns de discussão pública onde se verificava tolerância sem precedentes a criticismo ao regime. Esta abertura liberal, contudo, não durou muito tempo. As expectativas do ocidente de que Bashar al- Assad era um líder reformista que iria democratizar o regime no curto prazo saem frustradas. É o regime que o transforma a ele. Em menos de um ano as reformas sociais são abandonadas e repressão política juntamente com as práticas de tortura a ela associadas voltam a ser a norma na sociedade Síria.

No entanto o ímpeto reformista só não foi travado no campo económico. A Síria assistiu a um processo de liberalização da sua economia que beneficiou a classe média urbana. Como é frequente em processos de liberalização económica repentina em sociedades não democráticas, esta deu origem ao estabelecimento de uma classe social

emergente, fortemente alavancada nas ligações ao regime, que rapidamente procurou assumir o controlo de recursos que anteriormente pertenciam ao Estado.

A uma situação já de si tensa entre a classe urbana, economicamente favorecida e socialmente cada vez mais ocidentalizada, e a população rural, tradicionalista e inteiramente dependente do sector agrícola, soma-se uma seca catastrófica que assolou o território durante quase uma década e devastou a economia rural. Este evento rapidamente exacerbou as tensões existentes com centenas de milhares de migrantes urbanos a acederem às cidades em busca de emprego. Mesmo neste contexto a Síria apresentou uma taxa de fertilidade das mais altas em todo o mundo o que colocou mais pressão sobre economia em termos de emprego.

A falta de ação por parte do regime em acomodar a explosão populacional que se verificou na Síria durante a primeira década do século gerou uma enorme massa de jovens descontentes.

Em paralelo, no plano externo, o relacionamento de Damasco com o Ocidente foi reforçado, com os eventos ocorridos a 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos. A Síria iniciou uma cooperação limitada com o governo Norte-Americano na área do contra terrorismo⁶⁷. Este alinhamento com o Ocidente seria travado com a invasão do Iraque em 2003, ação militar que a Síria se opôs veementemente. Trata-se de um momento charneira no relacionamento entre a Síria e o Ocidente. A sua localização estratégica entre o Iraque e o Líbano permitia controlar o fluxo de armas e guerrilheiros que cruzavam a fronteiras. Este facto quando conjugado com a contínua ingerência na política Libanesa, e o seu apoio operacional às milícias Xiitas presentes no sul do Líbano determinou o que o Regime Sírio fosse classificado como hostil aos interesses dos Estados Unidos. Em 2004 a administração norte-americana de George W. Bush impõe várias sanções económicas⁶⁸ à Síria, iniciando assim um período de antagonismo que

⁶⁷ British Broadcasting Corporation. (16 de 09 de 2014). *Syria profile - Timeline*. Obtido de BBC News - Middle East: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-14703995>

⁶⁸ Sanções aprovadas no âmbito da lei “*Syrian Accountability and Lebanese Sovereignty Restoration Act*”: Limitação de exportações dos Estados Unidos para Síria a produtos alimentícios e farmacêuticos,

perdura até hoje. Esta inimizade evoluiu em crescendo, sempre em torno de questões relacionadas com o Iraque e o Líbano, tendo o seu auge em 2005 com o assassinado do Primeiro-Ministro Libanês Rafiq Hariri, supostamente executado com o apoio dos Serviços Secretos Sírios. Nesta fase, o governo Norte-Americano e a França submeteram ao Conselho de Segurança uma resolução direcionada à retirada total de militares estrangeiros no Líbano, numa referência direta ao exército Sírio que mantinha militares naquele País desde 1976. A Síria retirou a totalidade dos seus militares até ao final de 2005, e sentindo-se cada vez mais isolada no campo internacional, promove uma reaproximação com o Irão, o que se traduziu num reforço do seu apoio ao Hezbollah. De sublinhar que a reaproximação foi limitada, já que durante o conflito entre Israel e o Hezbollah em 2006, a Síria optou por não intervir diretamente.

Bashar al – Assad é reconfirmado⁶⁹ como presidente em maio de 2007 e com a chegada ao poder de uma nova administração Norte-Americana começa a esmorecer o isolamento internacional Sírio. A participação da Síria em conversações com Israel através de mediação Turca, e a retificação de um acordo sobre a questão Libanesa com mediação do Qatar, são os primeiros indícios de uma nova aceitação dentro da Sociedade Internacional. Esta viria a ser confirmada com a participação, a convite do Presidente Nicolas Sarkozy, de Bashar al-Assad na cimeira Euro-Mediterrânea realizada em julho de 2008 na cidade de Paris. O relacionamento entre os Estados Unidos e a República Árabe Síria também é gradualmente reatado⁷⁰ durante esta fase. Inicialmente através de uma série de visitas de altos dignatários do aparelho político Norte-Americano à Síria⁷¹, culminando na reposição do Embaixador em Damasco em 2010.

proibição de aterragem de aviões de bandeira Síria em território Norte-Americano, Proibição de operações financeiras que envolvam o Banco Central Sírio e congelamento de bens de altas figuras do regime de Assad.

⁶⁹ Referendo a 27 de Maio de 2007. Eleito com 97% dos votos.

⁷⁰ A Embaixadora Norte-Americana na República Árabe Síria Margaret Scosby foi chamada para consultas urgentes na sequência do assassinato do Primeiro-ministro Libanês Rafiq Hariri em 2005

⁷¹ Nancy Pelosi – Líder da maioria democrata no congresso visita a Síria em 2007

Embora tenha sido anunciado como um reformador, Bashar Al-Assad não efetivou grandes mudanças no plano interno durante a primeira década do século XXI. Aparte de alguns avanços tímidos na liberalização da economia, como a abertura da bolsa de valores em 2009, pouco foi feito no sentido de adereçar o crescente sentimento de insatisfação na comunidade sunita, fruto da supressão de direitos políticos básicos. Bashar al-Assad sempre demonstrou uma ambiguidade quase forçada na gestão da dissidência, exemplo disso, é a libertação de mais de 600 presos políticos dias depois da sua chegada ao poder, seguida por uma vaga de detenções de deputados reformistas e outros ativistas no ano seguinte. Este ciclo de detenções e amnistias iria ser um marco do novo Presidente. É desta forma que o ano de 2010 vê as tensões existentes na Síria transformarem o País num barril de pólvora. Uma população rural empobrecida e descontente, elevados níveis de desemprego nas cidades e aspirações democráticas frustradas com o endurecimento político do regime.

No fim desse ano, iniciam-se as primaveras árabes por toda a região. Tunísia, Líbia, Iémen são exemplos onde levantamentos populares contra regimes ditatoriais conseguem implementar alterações no sistema político. Este sentimento de protesto rapidamente se espalhou à Síria onde as condições necessárias estavam amplamente reunidas.

Das primeiras instâncias de protesto generalizado destaca-se a que ocorreu em Damasco, exatamente na mesma região que tinha sido previamente devastada pelo bombardeamento francês em 1925. Em fevereiro de 2011 um ato de violência por parte da polícia para com um vendedor ambulante, despoletou um protesto generalizado que rapidamente apontou o dedo às políticas repressivas do regime. Foi a primeiro foco de uma onda de protestos que rapidamente se espalharam por todo o país durante os meses seguintes.

Numa repetição de eventos passados, é em Hama que em julho de 2011 centenas de milhares de habitantes se reúnem para exigir o fim do regime. A reação inicial do regime é limitada, deixando nas mãos da polícia de choque a reposição da

ordem. O agravamento dos protestos provoca o aumento da agressividade das forças do regime que recorrem a armas de fogo. Num espelhar de eventos passados, oficiais do governo central começam a ser alvo de ataques retaliatórios, escalando rapidamente a situação, que por sua vez leva o regime a recorrer ao exército para pacificar a situação na cidade.

A conversão de protestos pacíficos em insurreição armada dá-se a um ritmo acelerado. No verão de 2011 já existem focos de resistência armada em várias partes do País. Constituídos por centenas de pequenos grupos armados, detentores de um elevado grau de autonomia, mas unidos por um objetivo. Depor o regime.

Estes pequenos grupos tendem a ser constituídos por sunitas provenientes de zonas rurais empobrecidas. Nos meses seguintes, com o País a entrar em guerra civil, ocorre uma transformação do conflito. Diminui o ímpeto reformista que poderá ter impulsionado os primeiros protestos, em favor do revanchismo sectário. Massacres de ambas as partes tornam-se frequentes com milícias sunitas e alauitas a cometerem atos de genocídio nas suas zonas de influência. Em paralelo ocorre uma segunda conversão do conflito. Desta vez impulsionada pelo vetor religioso. A antiga fatwa emitida pelo clérigo sunita à 700 anos atrás é de novo revitalizada para introduzir fervor religioso no conflito. Toda uma narrativa de negação dos alauitas como membros do Islão, que estes procuram subverter o islão por dentro, é de novo promovida por pregadores radicais nas várias comunidades sunitas. Estas alterações ao conflito promovem, pelo seu lado, a reação alauitas que veem o ressurgimento de ódios passados e da possível repetição da perseguição a que foram sujeitos.

O conflito representa assim um eco passado da longa história da Síria. Encontra-se de novo no centro de uma disputa sectária, que irá envolver potências globais e regionais pelo controlo do seu futuro.

III.2 Perfil Geopolítico

Geografia, Clima e Demografia

A República Árabe Síria apresenta-se como um ator intermédio no contexto deste subcapítulo, dado que nem a sua geografia, clima ou demografia são particularmente marcantes, quando comparadas com outros atores regionais. A área total do território⁷² fica aquém dos valores obtidos por alguns Países com aspirações a potência regional (Turquia, Irão e Arábia Saudita) não se enquadrando, contudo, no grupo de Países de território exíguo (Israel, Líbano e Qatar). Apresenta um elevado quociente de continentalidade com apenas 8,5% de fronteira marítima. A Norte perfaz uma extensa fronteira com a Turquia caracterizada por regiões montanhosas a Noroeste e, a Nordeste com o deserto. A Este faz fronteira com Iraque, e a Sul-Sudeste com a Jordânia. Ambas as fronteiras se enquadram em vastas extensões desérticas com fracas vias de acesso, exceção feita às ligações entre Damasco e Omã. A Oeste faz ainda fronteira com o Líbano e com Israel em terreno montanhoso e irregular.

O rio Eufrates atravessa no nordeste da Síria e constitui o principal recurso hídrico do País. Dado que a sua nascente está localizada em território Turco, persiste alguma tensão quanto à gestão do caudal entre as Nações, embora a Turquia tenha unilateralmente declarado assegurar 60% do fluxo na fronteira o que se traduz em cerca de 15,75 km³ de volume por ano⁷³. Para contraste, os restantes recursos hídricos existentes na Síria representam um volume de 4,1 km³ / ano. Na tipificação do território sobressai a diversidade existente entre as planícies litorais, as regiões montanhosas de *Jabal an Nusayriyah* e Antilíbano, o planalto oriental que é intersectado por zonas de baixa montanha e uma área substancial de deserto de areia conhecida por *Hamad*. A pluviosidade do território é média para a região, com valores na ordem dos 45,6 km³ /

⁷² 88º Maior do mundo.

⁷³ Aquastat - Turkey. (1997). Obtido de FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations: <http://www.fao.org/nr/water/aquastat/countries/turkey/index.stm>

ano e reflete a diversidade geográfica existente, obtendo variações substanciais entre a zona litoral e o *Hamad*.

A possibilidade de prática agrícola é substancial, contudo a Síria nunca atingiu a autossuficiência, estando dependente do exterior para assegurar a alimentação da sua população. Durante o Séc. XX o peso do sector agrícola foi diminuindo, acompanhando o crescimento da taxa de urbanização, que antes do conflito se situava nos 56,1% da população. O setor foi alvo de revitalização na sequência de um plano Estatal durante a década de 80 e 90. Neste último período, a produção interna atingiu os valores necessários a assegurar 80% do consumo interno, tendo declinado substancialmente após o início do conflito em 2011⁷⁴.

A diversidade e extensão do seu território justifica que sempre tenha apresentado uma densidade populacional substancial no contexto da região onde se integra. Excluindo os Países de território exíguo como Israel, Qatar e Líbano, a Síria com os seus 97 habitantes por quilómetro quadrado⁷⁵ atinge o 2º melhor valor dos Países do Médio Oriente, imediatamente atrás da Turquia. A população, perto dos 18.000.000 (Anexo 2; Tabela 3), é maioritariamente jovem, em linha com a generalidade dos Países pertencentes à esfera árabe, apresentando uma média de idades que ronda os 23 anos. A esperança média de vida têm sido severamente afetada graças ao eclodir da Guerra Civil, situando-se nos 68,41 anos em 2014 (estimativa), o que corresponde 161º lugar no ranking mundial. Não obstante o saldo de fertilidade é positivo (2,68 filhos / Casal), facto particularmente relevante dada a taxa de prevalência no uso de contraceptivos (58,3% em 2006)⁷⁶.

⁷⁴ Saul, J. (17 de 06 de 2013). *Syrian grain imports pick up despite worsening war*. Obtido de Reuters: <http://www.reuters.com/article/2013/05/17/syria-food-idUSL6N0DR1V920130517>

⁷⁵ O mesmo estudo atribui a Portugal valor similar.

⁷⁶ Central Intelligence Agency. (22 de 11 de 2014). *The World Factbook*. Obtido de Central Intelligence Agency: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>

Cultura, Religião e Etnia

A República Árabe Síria é declaradamente um País de religião muçulmana, que conta com cerca 1,5 mil milhões de seguidores mundialmente, e de língua árabe que tem cerca de 422 milhões de falantes, sendo a língua maioritária em 22 países. A nível étnico-religioso, o subgrupo com maior expressão é composto por árabes-sunitas e representa 59,1% da população⁷⁷. Exceção feita a este subgrupo e dependendo da metodologia de análise, o grau de uma confluência entre ambas as dimensões, a étnica e a religiosa, diverge substancialmente e são raros os casos onde existe uniformidade. Neste sentido optamos por analisar separadamente cada dimensão. A nível étnico existe um claro domínio da etnia árabe que representa cerca de 90% da população (anexo 2, Tabela 1). Neste grosso inclui-se toda a população que traça as suas raízes étnicas à região central da Síria e que têm por língua primária o árabe. Exclui-se a população curda (8,9%), detentora de uma identidade muito própria e outras pequenas etnias (1,1%) cuja expressão é diminuta: Turcomanos, Arménios, Aracenos, entre outros. Estes conglomerados de Curdos étnicos estão localizados no Norte – Nordeste do País, nas cidades de *Kobane*, *Qamishili* e *Malikiya*, junto à fronteira com a Turquia e Iraque.

Já no que diz respeito ao relacionamento entre os Sírios e a Religião, na sua generalidade e no período antecessor ao conflito, pautava-se pela tolerância e moderação, decorrente em parte do seu passado histórico e da sua localização geográfica que sempre potenciou as trocas interculturais. A diversidade religiosa é aliás uma característica que demarca a Nação Síria no contexto regional, incluindo-a no restrito⁷⁸ grupo de Países do Médio Oriente onde a população Cristã⁷⁹ atinge valores

⁷⁷ Izady, M. (22 de 11 de 2014). *The Gulf/2000 Project*. Obtido de Columbia University: <http://gulf2000.columbia.edu/maps.shtml>

⁷⁸ Outros Países são Egipto (10%) e Líbano (40%)

⁷⁹ Cristandade na Síria divide-se em dois grupos étnico-religiosos: Levantinos, de etnia árabe e azeris, de etnia Curda. Existem também subgrupos de menor expressão Assírios, Arménios e Aramaicos que no seu total não chegam a 3% da população.

que rondam os 10%. Esta variedade estendia-se à convivência, nem sempre pacífica entre diferentes cultos do Islão, à semelhança da disposição religiosa no Iraque.

Se existe alguma homogeneidade a nível étnico, na dimensão religiosa verifica-se uma pulverização substancial de cerca de 40% da população. Destes, parte substancial observa cultos diversificados cuja origem enquadra-se na vertente Xiita do Islão. Embora exista esta matriz comum no Xiismo, as diferenças entre estes diferentes subgrupos são substanciais. Como corolário, dificilmente podem ser tratados como um grupo unitário. A distribuição religiosa no território tende a seguir padrões históricos e a reforçar correntes sectárias, através da formação de aglomerados populacionais de acordo com a religião ou etnia. A região costeira a Nordeste é a sede de poder Alauita (11,9%), o segundo maior grupo religioso após os previamente mencionados Sunitas e inclui os importantes centros populacionais de *Tartus* e *Latakia*. O contacto com o mediterrâneo e o seu estatuto de religião minoritária na região facilitou a permeabilidade da população que reside neste território à cultura e valores ocidentais. O acesso aos portos contribuiu também para o enriquecimento geral da região, sendo das mais ricas áreas do País, excetuando Damasco, capital da Nação Síria. O terceiro grupo religioso com maior expressão são os Levantinos – Árabes que observam a doutrina Cristã. No território estão primariamente localizados no Noroeste do País, entre o litoral Alauita e o oriente Sunita, existindo ainda uma substancial comunidade Drusa a sul de Damasco, centrada na região de Jabat al-Druze, perto da fronteira com Israel.

Recursos Naturais e Economia

Embora seja membro da OPEC, a Síria pertence ao grupo de Estados do Médio Oriente cuja produção de Petróleo é pouco expressiva. Com reservas situadas nos 2 500 000 milhões de barris e uma produção de 400 400 milhões de barris (0,5% da oferta mundial), ambos os valores inferiores aos avançados para o Egipto (anexo 4, Tabela 2), as mais-valias económicas obtidas pelo petróleo, sempre complementaram as finanças da Síria, sem nunca as terem dominado por completo. Historicamente o tipo

de petróleo existente em território Sírio⁸⁰ não era favorável à autonomia do ciclo produtivo, dada a necessidade de importar petróleo de tipologia “*light sweet*” para agilizar o processo de refinação. A descoberta de novos jazigos desta qualidade na região Este do País durante a década de 80 permitiu majorar o valor providenciado por este recurso⁸¹. Em linha com as novas descobertas, o Governo de Damasco procurou fortalecer a indústria pesada necessária à extração de petróleo, transformando a Síria num dos Países da região com maior capacidade de conversão de reservas em petróleo transacionável, superando potentados como a Arábia Saudita e Qatar nesta capacidade (anexo 4, Tabela 2). Trata-se de um dado relevante devido à localização geoestratégica e acesso ao mediterrâneo pois pode permitir complementar a capacidade de refinação existente com produtos petrolíferos oriundos de outros Países (Iraque e Irão) a caminho do mercado Europeu.

No seu todo, a exportação de petróleo tende a representar, no contexto pré-conflito, cerca de 20% a 25% do PIB, variando mediante flutuações de preço. Com o conflito e com a perda de controlo dos campos petrolíferos na zona Este do País, a capacidade de extração e refinação ficou seriamente comprometida, não existindo dados oficiais capazes de substanciar o grau do declínio na produção.

O segundo grande pilar da economia Síria é a agricultura. Esta foi diminuído a sua representatividade durante grande parte do século XX em linha com a crescente taxa de urbanização e tentativas de industrialização do País. Nos anos 80 ocorre um reajustamento da estratégia económica com a aposta pelo Governo Central na revitalização da agricultura através de programas de incentivo⁸² e na implementação de uma reforma agrária. Graças a este investimento o setor agrícola acabaria por

⁸⁰ *Heavy Crude*: Tipo de Petróleo particularmente denso, que incorpora custos adicionais de extração e refinação.

⁸¹ US State Department. (11 de 03 de 2010). *Country Background Information - Syria*. Obtido de Bureau of Near Eastern Affairs: <http://www.state.gov/outofdate/bgn/syria/158703.htm>

⁸² Saul, J. (17 de 06 de 2013). *Syrian grain imports pick up despite worsening war*. Obtido de Reuters: <http://www.reuters.com/article/2013/05/17/syria-food-idUSL6N0DR1V920130517>

representar cerca de 25% do PIB empregando 25% da força de trabalho. Estes valores só viriam a alterar-se já na década de 2000, fruto de secas prolongadas, atingido um valor mínimo de 17% do PIB e recuperando ligeiramente para os 20% em 2007 (US State Department, 2010). O declínio da produção agrícola foi em parte compensado com a subida do preço do petróleo (Anexo 4, Gráfico 2). Esta diversificação sectorial conferia alguma resiliência económica à Síria, assegurando que não ficaria inteiramente dependente das variações no preço do Petróleo, situação comum em Petro-Estados da região.

O impacto do conflito armado na economia Síria foi severo. O País foi alvo de sanções económicas por parte da União Europeia, Estados Unidos e outros Países pertencentes à esfera de influência ocidental. O embargo Europeu adotado em maio de 2011 centrou-se na proibição de compra de produtos petrolíferos e na imposição de séries restrições à exportação de produtos de bem duplo, tecnologia direcionada à indústria de gás e petróleo bem como alguns bens de luxo e equipamento de telecomunicações. Paralelamente foram adotadas medidas direcionadas a restringir a movimentação de capitais de origem Síria e a travar o financiamento seja ele público ou privado de projetos naquele País por instituições Europeias⁸³.

Segurança Interna e Defesa Nacional

Face ao contexto atual de Guerra Civil, a diferenciação clássica entre segurança interna/policiamento civil e Defesa Nacional/Instituições militares encontra-se fortemente esbatida. Não obstante, pretende-se explanar a dimensão factual das organizações policiais e instituições militares afetas ao Governo Sírio e qual o seu espectro de ação face à ameaça interna e externa.

A Defesa Nacional do Território Sírio está reservada às Forças Armadas Síria que incluem os 3 ramos tradicionais (Exército, Marinha e Força Área) e dois ramos

⁸³ Minuta das conclusões. (23 de 05 de 2011). *3091st FOREIGN AFFAIRS Council meeting*. Obtido de Council of the European Union:
http://www.consilium.europa.eu/uedocs/cms_data/docs/pressdata/EN/foraff/122168.pdf

semiautónomos – Forças de Defesa Antiaérea e o complexo de informações militares. Acresce um complemento de forças paramilitares e milícias que embora não se enquadrem totalmente na estrutura organizacional militar, têm vindo a ganhar alguma proeminência na defesa territorial pós 2011. A nível de efetivos o valor para 2011 dos três ramos clássicos encontrava-se relativamente fixo nos 300.000 militares no ativo – 1,8% do total da população com a seguinte distribuição: 220.000 incorporados no Exército Árabe Sírio (SAA) e cerca de 100.000 elementos na Força Área⁸⁴. A representação da Marinha é simbólica e em linha com o elevado rácio de continentalidade do País – cerca de 4.500 militares. Depois de 2011 estes valores sofreram uma redução substancial que ronda os 40% a 50% devido a deserções, baixas e mortos em combate. O número de efetivos estimado para 2014 não ultrapassa os 180.000, entre os três ramos oficiais. Este declínio não só é demonstrativo das realidades inerentes à tipificação étnica-religiosa do conflito que lavra presentemente no País como das divisões sectárias inerentes à Síria que já se faziam representar no complexo militar pré-conflito. De facto, existia uma maior concentração de Alauitas no corpo de oficiais de carreira - cerca de 70% distribuídos por todos os ramos das forças armadas, mas com maior incidência na força aérea, encontrando-se ainda o aparelho de informações militares totalmente dominado por membros pertencentes a este grupo étnico-religioso. Face a esta realidade, o regime tem procurado promover⁸⁵ o exército como um pilar estruturante de união da Nação Síria. Para tal, têm sido desenvolvidos esforços no sentido de formular uma narrativa que projeta uma imagem inclusiva forças armadas, sem contemplações de divisionismo sectários. A promoção destes esforços associado ao extremar das ideologias que sustentam os movimentos de oposição, e juntamente com a sua polarização acabou por estancar a sangria de militares,

⁸⁴ Westall, S. (18 de 11 de 2014). *Assad's army stretched but still seen strong in Syria's war*. Obtido de Reuters:<http://www.reuters.com/article/2014/09/18/us-syria-crisis-military-idUSKBN0HD0M420140918>

⁸⁵ Canais propagandísticos associados ao regime Sírio centram a sua em ação na promoção do Exército Sírio.

estimando-se que o grau de deserções, que teve o seu pico em 2011, tenha estabilizado em 2013⁸⁶.

Independentemente destas evoluções cedo se reconheceu a necessidade do desenvolvimento de novos veículos capazes de complementar a ação das forças armadas no terreno. Esta necessidade advém da distribuição territorial dos focos de conflito, que não se restringem a uma frente de combate singular sendo compostos por diferentes centros de gravidade distribuídos por todo o território, e pela natureza subversiva e difusa da ameaça. A resposta do regime traduziu-se na formação de várias organizações paramilitares, cujo papel e grau de ligação à estrutura militar oficial é substancialmente variado. Destas a que maior expressão recolhe é a denominada Força de Defesa Nacional (NDF) que resultou da agregação de centenas de comités populares no início de 2012 e encontra-se oficialmente integrada no Exército Árabe Sírio. Com um complemento estimado nos 80.000 efetivos representou um salto qualitativo no *modus operandi* da ação militar efetivada pelas forças governamentais afetas ao regime de Bashar al Assad – ao ter a seu cargo missões de presença e patrulhamento bem como operações de contrainsurgência de baixo grau de intensidade em territórios recuperados - a NDF libertou o Exército Sírio, que por sua vez ficou melhor capacitado para centrar a sua ação em operações de maior grau de perigosidade.

Para além da NDF, existe ainda uma série de outros grupos com níveis diferenciados de afetação ao regime. Estes tendem a estruturar-se em torno de uma localização geográfica específica ou de uma matriz sectária comum o que condiciona o grau de filiação para com as autoridades de Damasco.

No plano externo – a principal ameaça histórica centra-se num país vizinho em particular, Israel e num território em específico – os Montes Golã. A RAS teve um papel

⁸⁶ Ohl, D., Albrecht, H., & Koehler, K. (24 de 09 de 2015). *For Money or Liberty? The Political Economy of Military Desertion and Rebel Recruitment in the Syrian Civil War*. Obtido de Carnegie Endowment for International Peace: <http://carnegieendowment.org/2015/10/24/for-money-or-liberty-political-economy-of-military-desertion-and-rebel-recruitment-in-syrian-civil-war/ilqf>

ativo nos três principais conflitos⁸⁷ entre Israel e a esfera Árabe tendo perdido a soberania operacional do território supracitado em 1967. Neste sentido e reconhecendo que não detêm a capacidade necessária para responder ao *hardpower* Israelita, a modernização das forças armadas Sírias efetuadas no final dos anos 70⁸⁸ procurou centrar-se na interdição aérea, através da aquisição de sistemas para esse efeito e no reforço da componente terrestre – aqui com um objetivo duplo. Manutenção da paz interna através de um forte dispositivo militar e repulsa de qualquer ingerência executada por via terrestre.

Por último, consta referenciar uma componente securitária civil – a “secreta” do Governo Sírio denominado Diretório Geral de Segurança. Composta quase na sua totalidade por Alauitas têm-se demonstrado um importantíssimo pilar do regime, no que diz respeito ao controlo e gestão do sentimento populacional das zonas sobre domínio governamental⁸⁹. A nível de financiamento, verifica-se que tem sido efetuado um investimento real no complexo militar ao longo do tempo – contudo este incremento não acompanhou o crescimento do PIB tendo declinado do seu pico de 10% em 1991, para 3% em 2008 subindo ligeiramente para 4% em 2010, data dos últimos dados fidedignos (anexo 5, Gráfico 1). Por seu lado, a importação de material bélico tem vindo a crescer substancialmente (anexo 5, Gráfico 3), o que contrasta com o decréscimo do PIB alocado à despesa, que representa um potencial salto qualitativo na gestão do orçamento militar, reduzindo custos operacionais, e disponibilizando o capital necessário ao investimento em tecnologias militares mais recentes. Resta determinar o grau de sustentabilidade deste investimento, parcialmente efetuado já num contexto pós-conflito e alegadamente através da hipoteca de futuros petrolíferos e aumento de dívida.

⁸⁷ Guerra Israelo-Árabe de 48-49; Guerra dos 6 Dias de 1967; Guerra de Yom Kippur em 1973.

⁸⁸ Pascal, A., Kennedy, M., & Rosen, S. (1979). *Men and Arms in the Middle East: The Human Factor in Military Modernization*. Santa Monica: Rand Corporation.

⁸⁹ Smith, B. (2012). *Syria: No end in Sight*. Londres: House of Commons UK.

IV. DIMENSÃO INTERNA DO CONFLITO

De forma a identificar possíveis tendências subjacentes à dimensão interna do conflito, torna-se necessário tipificar os seus principais atores e avaliar a sua evolução ao longo dos últimos cinco anos. Ao retratar as ações desenvolvidas por cada um dos blocos pretende-se, identificar as dinâmicas de conflitualidade/cooperação entre atores e sua progressão ou regressão em termos de controlo territorial, na expectativa de melhor equacionar uma eventual evolução futura.

IV.1 O Bloco Moderado

Nas tipologias de atores internos esta é a que menos coerência apresenta em termos ideológicos, traduzindo-se no agrupamento de várias forças com diferentes graus de independência e cuja principal característica comum, para além da oposição ao regime, reflete-se na defesa de uma democracia liberal pós-conflito. A diversidade ideológica previamente mencionada advém do facto de neste bloco estarem incluídos grupos diversos que abrangem ativistas seculares, democratas, conservadores e islamitas moderados.

Esta fraca coerência interna, tem origem na própria dinâmica subjacente ao início do conflito. A

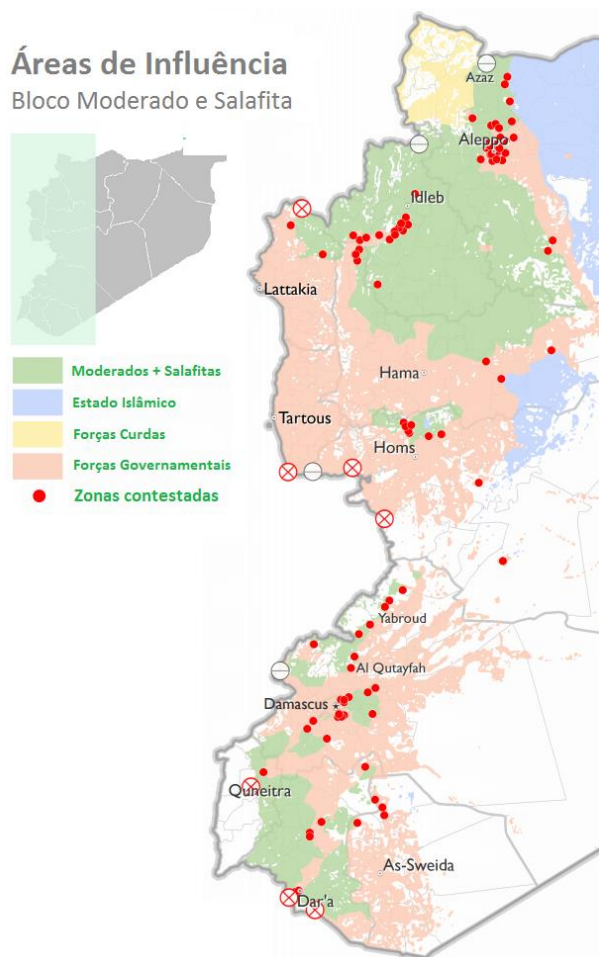


FIGURA 4 BLOCOS MODERADO E SALAFISTA EM MAIO, 2015

(Fonte: Autor tendo por base The Assessment Capacities Project)

discutível espontaneidade das primeiras ações de contestação, a ausência *a priori* de um movimento de protesto único de abrangência nacional, e a rápida evolução dos acontecimentos, determinou que os focos de resistência acabaram por se consolidar localmente, em torno de pequenos grupos fortemente afetos a bairros, vilas ou cidades. O reflexo desta realidade é demonstrado naquela que foi a primeira tentativa de organização do movimento de oposição ao regime: a criação dos Comitês de Coordenação Local (CCL)⁹⁰. Esta característica de resistência local transferiu-se para a componente armada, fixando os grupos rebeldes a zonas de operação restritas às áreas de onde são originários. Este fenómeno tem reflexos na forma como é efetuada a integração vertical da componente armada e política.

Assim, o formato organizacional deste ator pode ser descrita como piramidal: na sua base encontram-se mais de 1000 unidades com diferentes graus de independência que tendem a agregar-se em coligações em função de ideologia ou conveniência operacional. A permanência destes grupos é tênue, sendo constante a sua dissolução, reestruturação, e reorganização dando origem a novos grupos e novas coligações⁹¹. Num segundo nível encontra-se o Exército da Síria Livre (ESL) que procura agregar todos estes grupos, tentando conferir alguma coerência militar no contexto nacional. Por fim, uma cúpula política que efetua a ponte entre a componente militar e os atores externos estabelecendo simultaneamente uma plataforma comum para todos os intervenientes. Convém sublinhar que embora este modelo organizacional facilite a visualização da estrutura inerente ao Bloco moderado, não existe uma ligação hierárquica rígida. Todas as entidades envolvidas reconhecem-se e declaram apoio mútuo, mas retêm um grau substancial de independência.

⁹⁰ Rede de 70 grupos independentes, denominados por *tansiqiyat* principalmente constituídos por ativistas cujo objetivo é reportar acontecimentos dentro da Síria. Esta rede foi crucial na organização de manifestações que ocorreram no arranque da contestação popular ao regime.

⁹¹ Jenkins, B. M. (2014). *The Dynamic's of Syria's Civil War*. RAND Corporation.

De forma a compreender a estrutura subjacente à dimensão interna e identificar possíveis tendências, e dada a relevância deste bloco no conflito, urge analisar com maior detalhe qual a constituição destes dois últimos elementos, a vertente política e militar bem como a sua progressão ao longo do tempo.

Componente Política

A nível de organização e representação política, imediatamente após o início das hostilidades ficou claro que o movimento de oposição era descentralizado, disperso e diverso. Para mitigar este tema tornou-se necessário promover a criação de uma organização de topo capaz conferir uma orientação política unificada ao movimento e a operar como interlocutor único no plano internacional. A criação deste tipo de organismo segue um padrão similar ao que se sucedeu na Líbia⁹² e no Iraque⁹³.

É neste contexto que seis meses após o eclodir do conflito é criado o Conselho Nacional Sírio (CNS) a 23 de agosto de 2011 em Istambul, Turquia. Surge com o objetivo de agregar os diferentes grupos de oposição ao regime de Damasco e operar como um governo “*de facto*” em exílio⁹⁴. Na sua constituição original de 310 delegados é notória a tentativa de inclusão de representantes de todo o espectro étnico-religioso presente na Síria, na constituição dos seus órgãos, concedendo representação a minorias étnicas como curdos e assírios, e acomodando diferentes perspetivas religiosas entre seculares e islamitas moderados.

⁹² O *National Transitional Council of Libya* foi criado durante guerra civil de 2011 e presentemente reconhecido por 104 membros das Nações Unidas como o legítimo representante da população Líbia.

⁹³ O *Iraqi National Council* foi um movimento político, hoje convertido em partido que procurava agregar a oposição ao regime de Saddam Hussein durante a 2ª Guerra do Golfo.

⁹⁴ Lansford, T. (2014). *Political Handbook of the World*. SAGE Publications.

Os estatutos políticos subjacentes ao CNS procuram refletir os princípios de uma democracia liberal⁹⁵, com uma clara separação de poderes entre órgãos de soberania, proteção para as minorias, e respeito pelas liberdades individuais. Não obstante, foram várias as dificuldades que constrangiam o sucesso desta organização. Desde logo o peso da facção islamita moderada, com cerca de um quarto dos lugares alocados à irmandade muçulmana da Síria, e outros 74 reservados para personalidades de relevo dentro do mesmo espectro ideológico, tornou notória a capacidade de influência deste sector nas resoluções adotadas. Por outro lado, a mensagem de inclusão nunca obteve ressonância junto dos grupos de oposição Curdos, dado que os princípios de unidade territorial e políticos propostos pelo SNC são contrárias às aspirações curdas de descentralização substancial/federalismo *de facto*. Por fim a questão do financiamento seletivo dos grupos armados em função da filiação destes junto de atores regionais⁹⁶ acabou por minar a pretensão de representar de forma independente a totalidade das forças de oposição ao regime.

O reconhecimento internacional destas dificuldades ocorre ainda em 2012 com a retirada de confiança dos Estados Unidos da América ao SNC citando para tal a “*falta de representatividade no terreno*”.⁹⁷ A resposta surge com a integração do CNS numa nova organização, a Coligação Nacional para as Forças de Oposição e Revolução Síria, mais conhecida como Coligação Nacional Síria (CoNS) criada em Doha, Qatar, em novembro de 2012. Atribui 22 delegados de um total de 60 a membros do CNS, reduzindo assim a influência dos islamitas moderados nesta nova estrutura política.

⁹⁵ Syrian National Council (27 de 03 de 2012). *National Covenant for a New Syria*. Obtido de Syrian National Council: <http://www.syriancouncil.org/en/issues/item/618-national-covenant-for-a-new-syria.html>

⁹⁶ Abouzeid, R. (18 de 09 de 2012). *Syria's Secular and Islamist Rebels: Who Are the Saudis and the Qataris Arming?* Obtido de TIME Magazine: <http://world.time.com/2012/09/18/syrias-secular-and-islamist-rebels-who-are-the-saudis-and-the-qataris-arming/>

⁹⁷ Declarações da então Secretária de Estado dos Estados Unidos da América a 31 de outubro de 2012 durante visita à Croácia

Esta organização reforça a aspiração de uma maior representatividade dos movimentos de oposição presentes no território, recuperando os Comitês de Coordenação Local, juntamente com outros movimentos políticos que tinham sido marginalizados no CNS.

À data da finalização deste exercício continua a ser a o órgão político com maior aceitação no seio da comunidade internacional, incluído os Estados do Golfo, a Liga Árabe⁹⁸, e mais de 100 Países com assento nas Nações Unidas.

A relação ente o CNS / CoNS com atores estrangeiros é fator crucial na formulação e enfraquecimento de ambas as instituições, contudo optámos por abordar este tema em capítulo posterior dedicado às ingerências externas.

Existem outros grupos políticos de referência enquadrados nesta tipologia “moderados”, que por razões diversas optam por não participar nestes órgãos de topo. Optamos por restringir a análise apenas a estes devido à relevância e reconhecimento internacional que obtêm.

Componente Militar

O organismo de topo para as operações militares deste bloco é o denominado Exército da Síria Livre (ESL). No seu ímpeto originário, procurou agregar elementos das forças armadas do regime que optaram por desertar, permitindo a criação de um contraponto de matriz militar, direcionado a trazer experiência e organização às forças rebeldes. A realidade é que, embora tenham ocorrido algumas defeções notórias, tanto em volume de militares como nas patentes de alguns dos envolvidos, a rápida reação do regime, travou as deserções⁹⁹ em massa deixando esta organização sem bases diretas para um crescimento futuro.

⁹⁸ Excetuando a Argélia, o Líbano e o Iraque

⁹⁹ CNN Wire Staff. (23 de 02 de 2012). *Global meeting on Syria faces pressure*. Obtido de CNN: <http://edition.cnn.com/2012/02/22/world/meast/syria-unrest/index.html>

Ao longo do conflito o ESL tem procurado estabelecer-se como o centro de gravidade para os rebeldes moderados, procurado centralizar em si a coordenação a nível nacional das operações. Dadas as características das forças de oposição previamente indicadas e face à ténue ligação destas com ESL, é controverso quantificar o número de efetivos sobre o seu controlo, existindo, contudo, algumas estimativas que apontam que os grupos que colaboram com o ESL rondam o máximo de 50.000¹⁰⁰ combatentes espalhados por diversos teatros operacionais.

A nível operacional é frequente a sua interação com o bloco Salafista, participando em operações conjuntas contra o regime de Bashar al-Assad e mais recentemente contra o Estado Islâmico. A sobreposição de forças pertencentes a ambos os blocos é de tal forma perversiva que não é possível distinguir, salvo algumas exceções, quais as zonas onde cada bloco exerce controlo exclusivo.

Já o seu relacionamento com o bloco Curdo tem-se revelado pacífico embora raramente cooperem no terreno.

IV.2 O Bloco Salafista

Na generalidade das descrições efetuadas sobre atores internos que combatem na guerra civil Síria, o bloco Salafista tende a ser incorporado juntamente com o bloco moderado na categoria conjunta apelidada de “forças de oposição”. Este facto deve-se à quase inexistência de conflitualidade entre estes dois atores, que cooperam ativamente no terreno para fazer frente às forças do regime.

¹⁰⁰ A dificuldade no cálculo deve-se à inexistência de consenso nas fontes quanto à coerência da ligação hierárquica entre os mais de 1000 grupos que combatem no terreno e o ESL. Críticos argumentam que estes grupos compõem uma rede dispersa de brigadas independentes que por sua vez retêm identidade e agenda própria, não existindo nenhuma forma substancial de controlo operacional hierárquico proveniente do ESL. O valor apresentado provém de um estudo elaborado pelo Brookings Doha Center que coloca o nº de militantes das forças de oposição nos 100.000 elementos sendo que metade destes pertencem ao bloco moderado.

A emergência do Salafismo no contexto do conflito deve-se em parte a três fatores¹⁰¹. O primeiro remete para a dimensão sectária que opõe sunitas a alauitas. A incorporação destas divisões sectárias nas forças que combatem no terreno promoveu a polarização do conflito, com base nas diferenças religiosas desvirtuando o ímpeto político que esteve na origem dos protestos. O segundo fator remete para a influência externa no conflito. A transposição de quezílias regionais para a dimensão interna ditou que fossem os grupos salafistas a beneficiar de um apoio financeiro imediato e consistente, desde do início das hostilidades. Enquanto o bloco moderado, refletia as lutas de poder externas nas suas várias tentativas de organização militar e política, os salafistas apresentavam uma mensagem consistente, de matriz religiosa e unidade de objetivo, apelativa àqueles que pretendiam combater o regime sem estarem sujeitos a condicionamentos provenientes do exterior. A questão financeira é ainda relevante, porque contrariamente ao bloco moderado, os salafistas não estão inteiramente dependentes do patrocínio de atores estatais. Podem recorrer a redes de financiamento informais para aquisição de armamento¹⁰².

Por fim, a narrativa Salafista têm alcance transnacional, o que permite o recrutamento de não nacionais para integrarem as suas fileiras. Estes recrutas são particularmente versáteis no contexto do conflito, dado que não tem nenhuma afetação especial a um local em particular dentro da Síria, podendo combater onde for necessário.

Componente Política

Os grupos Salafistas não respondem perante nenhuma estrutura política organizada. Pelo contrário, a existir uma plataforma comum, esta centra-se na defesa

¹⁰¹ Lund, A. (2012). *Syrian Jihadism*. Swedish Institute of International Affairs.

¹⁰² Moniquet, C. (2013). *The Involvement of Salafism / Wahabism in the Support and Supply of Arms to Rebel Groups Around the World*. European Parliament - Directorate-General for External Policies.

de alguns princípios ligados ao fundamentalismo islâmico, como a implementação de um governo baseado na aplicação da Sharia¹⁰³.

Componente Militar

Os grupos salafistas que compõem este bloco tendem a apresentar um maior grau de coerência interna e permanência ao longo do tempo, do que as suas contrapartes no bloco moderado, contudo em termos da sua organização vertical, verifica-se a mesma tendência para a formação e dissolução de coligações, frentes comuns e outro tipo de agrupamentos. Entre estas, destaca-se o Exército da Conquista (EC) que agrega parte substancial da facção Salafista a operar em território Sírio.

A nível de controlo territorial, dado o já mencionado elevado grau de cooperação existente com grupos associados ao bloco moderado não é viável elencar zonas que estejam sobre o seu controlo exclusivo.

A exceção ocorre a norte na província de Idlib que após ofensiva perpetrada por forças associadas ao bloco Salafista¹⁰⁴, fica sobre o controlo quase exclusivo da Jabaht al-Nusra¹⁰⁵.

Trata-se de um evento elevada relevância devido ao grupo envolvido. A Jabaht al-Nusra surgiu em 2012 na Síria, pela mão de outra organização jihadista que operava a Este em território Iraquiano: o atual Estado Islâmico¹⁰⁶. É oficialmente classificada como grupo terrorista, associada à Al-Qaeda, e dentro do espectro ideológico que caracteriza este bloco está situada na ala mais fundamentalista. A conquista de uma região tão

¹⁰³ Sistema legal de matriz religiosa baseada no Corão e nas Palavras Santas (Hadiths)

¹⁰⁴ Sinjab, L. (01 de 05 de 2015). *Syria: How a new rebel unity is making headway against the regime*. Obtido de British Broadcasting Corporation: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-32540436>

¹⁰⁵ Sherlock, R. (29 de 03 de 2015). *Thousands flee Syrian city Idlib after rebel capture*. Obtido de The Telegraph: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/syria/11502899/Thousands-flee-Syrian-city-Idlib-after-rebel-capture.html>

¹⁰⁶ À data apelidado de Estado Islâmico do Iraque (EII)

significativa pode converter-se em um impedimento na concretização de um eventual processo de paz, dado o radicalismo do grupo e a sua recém-adquirida expressão territorial.

Além da cooperação com o Bloco Moderado no combate ao regime, este bloco é hostil tanto ao Estado Islâmico como ao Bloco Curdo, embora o contacto com este último seja pouco expressivo, e frequentemente mediato por acordos de cessar-fogo¹⁰⁷.

IV.3 O Estado Islâmico

As raízes do Estado Islâmico são assinaladas a um grupo terrorista que operou no Iraque no período pós invasão norte norte-americana em 2004.

Este grupo, coloquialmente conhecido por Al-Qaeda no Iraque (AQI) foi largamente desmantelado, graças à implementação de duas estratégias¹⁰⁸ - a saturação de militares norte-americanos no terreno, vulgarmente denominada por *Troop Surge*, e a cooptação das tribos sunitas que constituíam a base de poder da AQI pelo Governo Iraquiano, com apoio dos Estados Unidos da América.

O mesmo grupo que a dada altura se viu reduzido a cerca de 50 membros¹⁰⁹, viria a ser reconstituído sobre a liderança de Abu Bakr al-Baghdadi, e durante o período de 2010 e 2013, levou a cabo uma luta de guerrilha no Iraque.

¹⁰⁷ Salih, C. (2015). *Turkey, the Kurds and the fight against Islamic State*. European Council on Foreign Relations.

¹⁰⁸ Bunzel, C. (2015). *From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State*. Washington: The Brookings Center for Middle East Policy.

¹⁰⁹ Ibid.

Paralelamente, com o eclodir do conflito na vizinha Síria, patrocinou¹¹⁰ a criação da Jabat al-Nusra, como força paralela a operar naquele teatro. O racional que ditou esta opção, em vez de simplesmente estender as suas operações ao território Sírio não é claro. Algumas fontes¹¹¹ sugerem, contudo, que terá sido influenciada pela liderança da Al-Qaeda, entidade a quem, o agora Estado Islâmico do Iraque (EI) tinha sido jurado *Bay'ah*¹¹², e que não via com bons olhos a potencial emergência de uma nova “superpotência jihadista” na região¹¹³.

Independentemente desta primeira opção, o EI opta, no início de 2013 por expandir as suas operações à Síria, reclamando a (re) integração da Jabat al-Nusra na sua organização, e alterando o seu nome para Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIS).

A Jabat al-Nusra já se encontrava no terreno desde 2011, e tinha estabelecido boas relações com outros grupos rebeldes moderados, com quem cooperava frequentemente. O radicalismo ideológico professado por al-Baghdadi dificilmente era compatível com estas alianças e como tal, esta proposta foi recusada. Paralelamente, a liderança da Al-Qaeda também não se reviu nesta opção, condenando-a e sublinhando que ambas as organizações deveriam manter-se separadas e restringir as suas operações às zonas de influência que lhes eram específicas.

Não obstante desta oposição, em abril de 2013, o EIS avançou para território Sírio, perdendo eventualmente o apoio¹¹⁴ da Al-Qaeda e introduzindo-se desta forma como uma nova facção no conflito.

¹¹⁰ Cailet, R. (27 de 12 de 2013). *The Islamic State: Leaving al-Qaeda Behind*. Obtido de Carnegie Endowment for International Peace: <http://carnegieendowment.org/syriaincrisis/?fa=54017>

¹¹¹ Bunzel, C. (2015). *From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State*. Washington: The Brookings Center for Middle East Policy.

¹¹² Juramento de Obediência na terminologia Islâmica.

¹¹³ Existiam também diferenças doutrinárias como a atitude a ser adotada perante a minoria Xiita.

¹¹⁴ Após várias tentativas de reconciliação, Ayman al-Zawahiri declara o fim da ligação da Al-Qaeda ao Estado Islâmico em fevereiro de 2014

Nesta fase inicial, o EIIA apostou na convivência pacífica, pautada por cooperação operacional esporádica com a larga maioria dos grupos que pertencentes aos blocos Salafista e Moderado. A ocupação de território ocorria apenas quando este era conquistado diretamente ao regime, e contingentes dos seus combatentes foram distribuídos pelos vários focos de conflito, estabelecendo uma presença por todo o território.

Independentemente desta postura inicial, foi-se desenvolvendo uma tensão crescente ao longo do ano que culminou em janeiro de 2014 com uma ofensiva generalizada¹¹⁵, perpetrada por grupos afetos ao bloco moderado e Salafista contra o EIIA.

Esta ofensiva, que nunca cessou oficialmente, provocou uma definição no controlo territorial através da expulsão, pela força das armas de outras fações rebeldes, em zonas onde prevaleceu o Estado Islâmico. Na sequência desta definição de fronteiras, é proclamado a 29 de junho de 2014, o Estado Islâmico e Abu Bakr al-Baghdadi, o seu Califa.

Componente Política

A declaração do Califado, juntamente com o vasto território sobre o seu controlo, tanto na Síria como no Iraque, gerou fortes pressões administrativas. Como resposta o Estado Islâmico tem vindo a desenvolver esforços no sentido de assegurar a prestação de serviços básicos, a uma população que se estima rondar os 8 milhões de pessoas. A recuperação das instituições essenciais ao regular funcionamento da sociedade é em certos casos, sujeita ao prisma ideológico, como a formação de tribunais baseados na Sharia.

¹¹⁵ Cockburn, P. (2015). *O novo Estado Islâmico*. Self - Desenvolvimento Pessoal.

A nível organizacional, o Estado Islâmico apresenta uma estrutura hierárquica centralizada, em torno de Abu Bakr al-Baghdadi, sendo este assistido por um restrito círculo de conselheiros.

Existem três instituições de topo:

O Conselho da Shura, responsável pela implementação das decisões do líder por toda a organização.

O Conselho da Sharia, responsável por assegurar o cumprimento da Lei Islâmica em todo o território. Nesse sentido têm à sua disposição, a polícia religiosa que implementa as suas decisões junto da população. É também, da sua responsabilidade a designação do próximo Califa em caso de morte de Abu Bakr al-Baghdadi.

O Conselho Militar, responsável pelo planeamento militar e supervisão dos comandantes locais que operam em território sobre o controlo do Estado Islâmico.

A nível administrativo, o território está dividido em 12 províncias, cada uma a cargo de um governador (Emir) que tem responsabilidade sobre diversas áreas, como a gestão financeira, policiamento e manutenção da ordem, defesa militar, etc..

No plano financeiro, o Estado islâmico adquiriu em 2014 vastas reservas de moeda durante a conquista de Mossul no Iraque. Estima-se que o valor pilhado¹¹⁶ da delegação do banco central naquela cidade ronde os 425 milhões de dólares. Adicionalmente, a região sobre o seu controlo (Figura 4) inclui zonas ricas em hidrocarbonetos (anexo 4; Mapa 1). O encaixe diário proveniente da exploração e venda clandestina de petróleo encontra-se, entre um a dois milhões de dólares em 2014.

Ressalva-se ainda, que a campanha aérea levada a cargo pela coligação Ocidental têm recentemente focado os seus esforços na degradação das infraestruturas financeiras do Estado Islâmico, este fator, quando conjugado com a baixa no preço de

¹¹⁶ McCoy, T. (12 de 06 de 2014). *ISIS just stole \$425 million, Iraqi governor says, and became the 'world's richest terrorist group'*. Obtido de The Washington Post: <https://www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2014/06/12/isis-just-stole-425-million-and-became-the-worlds-richest-terrorist-group/>

petróleo que se tem verificado no último ano, pode condicionar seriamente a sua sustentabilidade financeira.

No contexto regional, persistem alegações¹¹⁷ sobre atores, como a Arábia Saudita, Qatar e Turquia, que estariam a apoiar o Estado Islâmico, algo categoricamente negado pelos seus representantes oficiais. O teor do alegado apoio tende a ser apontado como passivo, através da permissão do envio de remessas financeiras providenciadas por dadores privados, ou no caso Turco, mediante o uso da sua fronteira com a Síria no transporte de armamento e combatentes. Não obstante, os três Países fazem atualmente parte da coligação liderada pelos Estados Unidos no combate ao Estado Islâmico.

Componente Militar

O número de efetivos que operam sobre a bandeira do Estado Islâmico tem sofrido fortes variações, à medida que foi ampliado o território sobre seu controlo, e expandido as suas operações para outros países. O número apontado pela CIA¹¹⁸ em 2014, para o total de combatentes em ambos os teatros, Sírio e Iraquiano, situava-se entre os 20.000 e os 31.500, metade dos quais estrangeiros.

Esta capacidade de atração de combatentes estrangeiros tem-se revelado como um fator diferenciador na componente militar do Estado Islâmico. Embora o apelo internacional à Jihad não

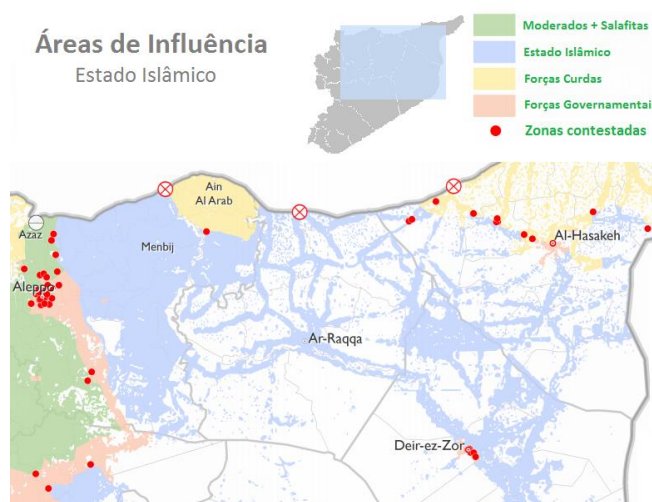


Figura 5 Extensão do Território sobre o controlo do Estado Islâmico em Maio de 2015

(Fonte: Autor tendo por base The Assessment Capacities Project)

¹¹⁷ Cockburn, P. (2015). *O novo Estado Islâmico*. Self - Desenvolvimento Pessoal.

¹¹⁸ Nicks, D. (12 de 09 de 2014). *CIA Says ISIS Ranks May Have Tripled*. Obtido de Time Magazine : <http://time.com/3340662/cia-isis-isis/>

seja propriamente novidade - já al-Zarqawi, o fundador da AQI, era um jordano que tinha combatido no Afeganistão contra a União Soviética – a exploração de mecanismos propagandísticos modernos, juntamente com a criação da estrutura necessária para transportar possíveis candidatos ao território Sírio, revelou-se uma total surpresa para os seus detratores, não só devido, ao volume de combatentes recrutados, como à sua origem que inclui um número considerável de ocidentais.

A capacidade militar dos seus quadros, representa outro elemento relevante que diferencia o ES dos restantes grupos de oposição. A presença de jihadistas veteranos, com experiência no teatro afegão, e de ex-militares iraquianos, desmobilizados pós 2ª Guerra do Iraque, veio conferir um grau de profissionalismo que contribuiu certamente para as vitórias inicialmente obtidas. A influência deste fator tende, contudo, a diminuir com o tempo, à medida que o conflito se arrasta e que as baixas vão se acumulando.

A nível de disposição territorial, o Estado Islâmico controla grande parte do Este da Síria, embora tenha vindo a perder território ao longo do último ano. Os principais recuos têm ocorrido a norte, junto à fronteira com a Turquia, onde após, o já mencionado cerco a Kobane, se têm acumulado as derrotas. Mais a Sul, a cidade de Deir-ez-Zor, tem sido um foco de conflito permanente entre forças governamentais que controlam parte da cidade, e o ES que a têm sitiada desde meados de 2015.

O ES mantém ainda uma presença ligeira no Leste da Síria, nomeadamente em pequenas aldeias localizadas a sul, entre os Montes Golã e a fronteira com a Jordânia.

IV.4 O Bloco Étnico-Curdo

Tratando-se de uma minoria étnica, cuja expressão demográfica não ultrapassa os 10% da população Síria, os Curdos observaram o eclodir do conflito com alguma cautela. A sua relação com o regime de Damasco, especialmente sobre a liderança de Bashar al-Assad foi particularmente hostil, chegando a incluir o recurso ao poder militar¹¹⁹ para suprimir protestos e eliminar dissensão. Não obstante este passado, a possibilidade de uma transferência de poder na Síria a favor de uma maioria árabe sunita, não tranquiliza os Curdos, já que a ocorrer, tenderia a tornar a Síria mais recetiva aos interesses de atores regionais, como a Turquia que não vê com bons olhos as aspirações Curdas a uma maior autonomia governativa.

Paralelamente, a presença e contínua expansão de grupos Salafistas nos movimentos de oposição ao regime, revela-se como outro elemento de preocupação. Embora os Curdos sejam praticantes da vertente sunita do Islão, não se reveem nos princípios fundamentalistas professados pelas organizações mais radicais.

Terá sido este o contexto, que permitiu a manutenção de uma paz relativa nos territórios ocupados pela etnia Curda, durante o primeiro ano de conflito. Embora cidades como *Qamishli* tenha sido palco de protestos em linha com o que se passava em outros locais no País, o regime cedo procurou apaziguar os Curdos, de forma a evitar a criação de uma nova frente militar.

Eventualmente, com o alastrar do conflito aos principais centros populacionais, as forças de proteção Curdas aumentam a pressão sobre o regime que por sua vez abdicou da sua posição de forma genericamente pacífica. Esta opção de não contestar

¹¹⁹ Em 2004, ocorre um motim na cidade de al-Qamishli devido a jogo de futebol entre curdos e árabes. O caos que se seguiu levou à intervenção do Exército Sírio que ocupou a cidade e restabeleceu a ordem através do uso da força.

o avanço curdo, viria a ser confirmada através de um acordo celebrado entre ambas as partes que contemplava a retirada das forças governamentais do Norte da Síria.

Com a tomada de território, as forças curdas tornaram-se numa parte beligerante do conflito e consequentemente foram convidadas a participar nas estruturas políticas que o bloco moderado procurava erguer com o apoio de parceiros regionais. Conforme já mencionado, os Curdos, não se identificaram nas premissas políticas subjacentes a este esforço, que incluíam linguagem sensível quanto à manutenção de uma Síria unitária e centralizada em Damasco.

O baixo grau de conflitualidade versus o regime, e a opção por não integrar o bloco moderado, transformou a minoria Curda num ator independente, com interesses próprios e objetivos muito específicos, que se centram na proteção das suas populações no Norte da Síria e na autogovernarção das zonas, entretanto liberadas.

Componente Política

A organização política do Curdistão Sírio, apelidado de *Rojava*, está a cargo do Comité Supremo Curdo (CSC) que por sua vez é constituído por membros dos dois principais partidos políticos da região: o Partido da União Democrática e o Partido Democrata do Curdistão Sírio. Na prática, trata-se de um governo autónomo¹²⁰ capacitado para administrar a região sobre controlo curdo, que inclui a cidade Quamishli se encontra instalado bem como os cantões de Afrin e Kobane (Ain al-Arab).

Dos eventos mais marcantes na sua breve existência, destaca-se a publicação de uma constituição interina, onde se declara autonomia governativa perante o governo de Damasco. Os seus artigos ficam aquém da declaração de independência, reconhecendo que o Curdistão Sírio se mantém como parte integrante da Síria, aguardando a implementação de um modelo político federalista.

¹²⁰ Lima, B. P. (2015). *A Síria em Pedacos*. Lisboa: Tinta da China.

A nível territorial, persiste uma reduzida minoria Curda na cidade de Aleppo que ao longo do conflito tem procurado manter o isolamento dos bairros onde residem. Em linha com a postura assumida pela generalidade dos Curdos, têm evitado o confronto direto, atuando na prática como uma força de interposição entre as restantes forças de oposição e o regime¹²¹.

No contexto regional, as aspirações de autonomia Curda na Síria são alvo de forte resistência por parte de Ancara. Na base desta oposição estão as alegadas¹²² ligações entre o Partido da União Democrata e o PKK¹²³, organização classificada como terrorista pela Turquia e que declarou recentemente o fim de um cessar-fogo que se mantinha em vigor há dois anos. O regressar das hostilidades entre o PKK e a Turquia pode transpor fronteiras e levar a uma possível intervenção Turca em território Sírio.

Já no contexto internacional, coube ao Estado Islâmico o mérito de impulsionar significativamente o reconhecimento da luta desenvolvida pelos Curdos Sírios. A rápida expansão para norte perpetrada pelo EI durante o outono de 2014, quase eliminou por completo a presença curda no cantão de Kobane (Ain al-Arab)¹²⁴. Subitamente, o mundo tomou conhecimento da desesperada batalha pela sobrevivência que se estava a desenrolar naquela pequena localidade, junto da fronteira com a Turquia.

O cerco a Kobane (Ain al-Arab), transformou-se numa *cause celebre* para os Curdos Sírios e forçou a comunidade internacional a responder. Até à data a campanha aérea

¹²¹ Balanche, F. (07 de 08 de 2015). *Syria's Kurds Are Contemplating an Aleppo Alliance with Assad and Russia*. Obtido de The Washington Institute for Middle East Policy: <http://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/syrias-kurds-are-contemplating-an-aleppo-alliance-with-assad-and-russia>

¹²² Salih, C. (2015). *Turkey, the Kurds and the fight against Islamic State*. European Council on Foreign Relations.

¹²³ O Partido dos Trabalhadores do Curdistão é classificado pela NATO / EU como um grupo terrorista. A sua principal *raison d'être* é a obtenção de autonomia democrática e a defesa dos direitos políticos e linguísticos dos Curdos na Turquia.

¹²⁴ Exceção feita ao Cantão de Afrin no extremo noroeste do País.

levada a cargo pela coligação ocidental tinha-se focado na destruição das infraestruturas do Estado Islâmico, não sendo disponibilizado qualquer tipo de apoio direto às forças curdas. Dada a exposição que o evento obteve na imprensa internacional, tornou-se inevitável uma mudança de orientação, o que levou os Estados Unidos, sobre protesto da Turquia, a providenciarem armamento aos Curdos além de bombardearem as posições do ES que cercavam a cidade.

Até a data, a combinação entre os ataques aéreos provenientes da coligação internacional e a ação terrestre a cargo dos Curdos, demonstraram-se extremamente eficazes no combate ao ES.

Componente Militar

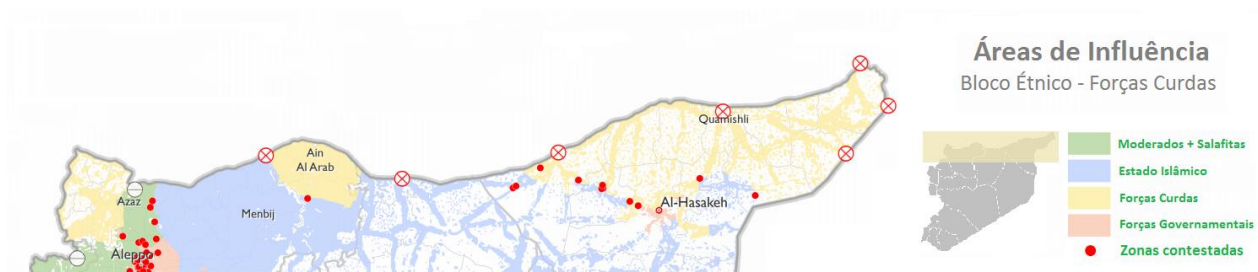


Figura 6 Norte da Síria em Maio de 2015

(Fonte: Autor tendo por base The Assessment Capacities Project)

A defesa do território do Curdistão Sírio está a cargo das Unidades de Proteção do Povo (YPG). Esta organização, traça a sua origem a 2004 após a intervenção militar do regime na cidade de Qamishli, direcionada a suprimir uma sublevação popular que aí se tinha desenrolado.

Presentemente, o YPG representa uma peça fundamental no combate ao Estado Islâmico na Síria. A sua capacidade operacional demonstrada no terreno, quando combinada com poder aéreo providenciado pela coligação, tem permitido infligir sérias derrotas ao Estado Islâmico, que desde meados de 2015 tem vindo a perder largas quantidades de território no norte da Síria.

Estes ganhos levaram recentemente a ligação entre o cantão de Kobane (Ain al Arab) e Qamilish, assegurando o controlo da maioria da fronteira norte da Síria com a Turquia e o estabelecimento de uma possível ligação por terra ao Curdistão iraquiano.

O YPG adotou as mesmas linhas ideológicas dos partidos que representa e nesse sentido, reserva um papel significativo às combatentes femininas. Trata-se de mais um elemento diferenciador das restantes fações que combatem o regime, e mais um fator de antagonismo para com os grupos salafistas.

Outra particularidade deste grupo é a aceitação de combatentes estrangeiros nas suas fileiras. Embora este contributo não seja muito expressivo, têm-se revelado como um excelente vetor para promover¹²⁵ internacionalmente a causa Curda.

O seu número de efetivos é referido, por aproximação, em cerca de 30.000¹²⁶ combatentes.

125 Johnson, H. (17 de 09 de 2015). *Kurdish Fighters: We'd Really Appreciate if you Came to Syria to Help Fight ISIS*. Obtido de Foreign Policy: http://foreignpolicy.com/2015/09/17/kurdish-fighters-wed-really-appreciate-if-you-came-to-syria-to-help-fight-isis/?wp_login_redirect=0

126 Observatório da Síria para os Direitos Humanos

V. ELABORAÇÃO DO CENÁRIO

V.1 Elementos Pré-Determinados

Terminada a fase preparatória, onde procurámos agregar a informação necessária à construção do cenário, resta iniciar o processo propriamente dito, através da definição dos elementos pré-determinados. Estes são baseados na metodologia anteriormente explanada que procura, converter tendências provenientes do estudo preparatório em assunções, cuja validade se aplica em qualquer dos cenários a serem formulados.

a) Contínua indisponibilidade dos Estados Unidos da América em intervir militarmente no conflito contra o Regime.

Embora a intervenção dos Estados Unidos da América na guerra civil Síria tenha sido alvo de reajustes ao longo dos últimos cinco anos, deve-se ter em mente, aqueles que foram os seus dois objetivos declarados no arranque do conflito: forçar a saída do Presidente Bashar al-Assad e promover o processo de transição política para um sistema de Governo Democrático.

Compreender até que ponto este ator está disposto a ir para atingir estes seus objetivos, obriga à sua interpretação sobre o prisma regional. Isto porque o conflito em si não é representativo de nenhum interesse estratégico vital para os EUA. Pelo contrário, ao tratar-se de um Estado inicialmente afeto à esfera de influência da Federação Russa, a dimensão interna do conflito é primariamente uma preocupação de Moscovo.

Embora existam argumentos a favor de uma política mais intervencionista, em linha com a R2P¹²⁷, o que verificámos até à data é uma clara aversão a um maior envolvimento, particularmente com recurso ao vetor militar.

John Mearsheimer, proponente da abordagem realista às relações internacionais, identifica a livre circulação dos hidrocarbonetos como o principal interesse estratégico dos E.U.A na região do Médio Oriente. O corolário desta proposta implica, não só estabilidade regional, mas a impossibilidade de um ator ou conjunto de atores controlarem por completo o recurso ou limitarem o seu acesso ao mercado mundial. O conflito na Síria não coloca nenhuma destas premissas em jogo, pelo contrário, ao negociar o levantamento de sanções com o Irão, os Estados Unidos apostam na diversificação das fontes, minorando o papel da Arábia Saudita como mediador do preço mundial do petróleo.

Embora redutora, esta análise é relevante na determinação do grau de compromisso que os EUA estão dispostos a assumir, para fazer valer a sua posição face ao conflito. Enquanto estes interesses regionais estratégicos se mantiveram assegurados, não é expectável a afetação de recursos excepcionais à situação, particularmente através da mobilização de forças militares terrestres para aquele teatro. Tal não implica que, dada oportunidade, os EUA não procurem explorar e promover opções capazes de conferir mais-valias à sua posição no contexto regional ou global, apenas define um teto quando ao grau de envolvimento que estão dispostos a assumir.

A presença de forças Iranianas no terreno e a disponibilidade de Moscovo em prestar apoio militar direto ao Regime, veio também, alterar a dinâmica do conflito, adicionando novas barreiras que teriam de ser negociadas antes de avançar militarmente. Ressalva-se que este elemento pré-determinado foca-se apenas na

¹²⁷ “*Responsabilidade de Proteger*”. Proposta de norma que desvirtua a soberania dos Estados nos casos onde estes não se demostram capazes de proteger a sua população face a atrocidades ou crimes contra a humanidade, permitindo a ingerência de terceiros, com recurso à força se necessário.

atitude de Washington versus o regime de Damasco. A hipótese de uma intervenção militar mais musculada junto do Estado Islâmico não está aqui contemplada.

b) A Federação Russa não recuará nos seus objetivos face à Síria

Contrariamente aos Estados Unidos da América, a Federação Russa tem interesses vitais em jogo na Guerra Civil Síria.

Destes, destaca-se de imediato a importância estratégica da base naval de Tartus, que é presentemente único porto¹²⁸ de águas quentes disponível à marinha Russa, capacitado a operar durante todo o ano. Este, além de representar uma peça importante na projeção de poder da Federação Russa no mediterrâneo, permite condicionar eventuais desígnios regionais que outros atores locais possam ambicionar. Destaca-se o efeito dissuasor decorrente da disponibilização de sistemas antiaéreos de última geração no norte da Síria.

Paralelamente, a Síria é um parceiro económico de relevo, no que diz respeito à indústria de armamento Russa.

Por fim existe a preocupação, avançada pelo próprio Vladimir Putin de que a consolidação de movimentos fundamentalistas naquele território traduzir-se-ia numa base de apoio para lançar ataques contra a Federação Russa. Esta argumentação é consistente com a presença no Estado Islâmico, de muçulmanos do Cáucaso, especificamente chechenos.

A sequência de eventos permite identificar um elevado grau de coerência na postura assumida pela Federação Russa, que desde do início, não se opôs a uma eventual transição democrática, mas que simultaneamente, não aceita a exclusão do seu Aliado nas negociações. O crescente apoio prestado ao regime de Bashar al-Assad que culminou com a intervenção militar direta através do vetor aéreo, consubstancia a

¹²⁸ A Federação Russa abandonou a base de Cam Ranh no Vietnam em 2004, embora mantenha algum acesso limitado com o consentimento do governo local.

afirmação de que está disponível a consignar parte substancial do seu aparelho militar na defesa dos seus interesses na região.

Esta asserção é suportada por fatores estruturais afetos à dinâmica interna de Moscovo. Ao defender agressivamente os seus interesses no exterior, incentiva à formulação de uma atitude de “*nós versus eles*” junto da sua população. Este recurso ao patriotismo como veículo para minorar tensões internas não é recente, tendo sido também utilizado em outros cenários, como a Ucrânia para consolidar um regime político que em 2011 era alvo de protestos populares contra a falta de liberdade democrática.

É neste contexto que não se equaciona um recuo face às suas premissas iniciais estipuladas por Moscovo para a resolução do conflito, principalmente depois de demonstrada a disponibilidade para intervir militarmente, se necessário. A acontecer significaria o esvaziar da narrativa promovida internamente e desvirtuaria todo o esforço até agora efetuado.

c) A Jordânia como promotor regional da luta contra o Estado Islâmico.

Os apelos à contenção do ES, provenientes de Amã destacam a Jordânia dos restantes atores árabes regionais pela dureza e sentido de urgência transmitido. A manter-se esta tendência, a Jordânia será o principal evangelista no mundo árabe contra a rápida destruição do ES, impulsionando uma resolução do conflito entre forças moderadas e regime, de maneira a concentrar o esforço da comunidade internacional, na supressão desta nova ameaça. Isto, porque embora o Estado islâmico represente uma ameaça para generalidade dos atores regionais, é-o duplamente no caso da Jordânia.

Os elementos estruturantes desta tendência centram-se na fraca performance económica que este estado tem vindo a demonstrar, parcialmente agravada pelo elevado número de refugiados que a Jordânia tem recebido, fruto da Guerra Civil. Estes,

por sua vez, vieram aumentar o já de si grave problema demográfico decorrente do elevado número de refugiados palestinos que residem neste País.

A este quadro, acresce a questão da legitimidade. A formulação de um qualquer califado representa a antítese da legitimidade regional que a casa real Hachemita personifica. O esvaziar desta mais-valia representa uma ameaça vital quando conjugada com os outros elementos aqui elencados.

d) Israel tentará evitar a fragmentação da Síria

Israel encontra-se numa situação particularmente ambígua em relação à guerra civil, já que nenhuma das resoluções prováveis do conflito lhe é favorável.

No presente contexto, a manutenção do *status quo*, tem-se revelado como a melhor opção, pois permite manter acesa a fratura entre o Islão, relegando a questão palestina para segundo plano. O conflito tem também ocupado e enfraquecido o Hezbollah, possivelmente a maior ameaça à segurança de Israel nos últimos anos, e finalmente tem permitido a Israel efetuar as ingerências necessárias à manutenção da sua segurança, sem grande risco de retaliação.

No entanto, as resoluções que se configuram para o fim do conflito, não lhe são favoráveis. A queda do regime e a sua substituição por uma democracia liberal colocaria em jogo a legitimidade da contínua ocupação dos Montes Golã. Também a chegada ao poder de islamitas, sejam eles moderados ou fundamentalistas, significaria a manutenção de um regime hostil na sua fronteira norte, trazendo consigo novas incógnitas quanto ao grau de agressividade e filiação regional.

É, no entanto, a hipótese da partição da Síria que maior ameaça representa à segurança de Israel. A ausência de um estado central, passível de ser simultaneamente responsabilizado pelo controlo da sua população e penalizado em caso de agressão, criaria as condições necessárias à repetição do que se passa no vizinho Líbano. Abrindo assim, portas à expansão da influência do Hezbollah pela minoria alauita presente na Síria e criando as condições necessárias à formulação de novas milícias hostis a Tel Aviv.

Destaca-se que até ao eclodir do conflito, a sede oficial do Hamas estava localizada em Damasco.

É assim, expectável que Israel procure influenciar qualquer resolução futura, no sentido de impedir a fragmentação da Síria. Na incapacidade de atingir este objetivo, a eventual criação de uma zona de segurança para lá dos Montes Golã, não ultrapassa os contornos da realidade.

e) Incapacidade de qualquer Bloco atingir uma vitória completa pela força de armas.

Nenhum dos blocos detêm a capacidade necessária para atingir uma vitória completa sobre a totalidade do território. Os fatores estruturais subjacentes a esta tendência, recaem não só força militar de cada grupo, mas em parte na própria diversidade de blocos a operar no terreno, que numa lógica de equilíbrio de forças, tendem a centrar esforços, de forma a contrariar aquele que momentaneamente está a obter maior sucesso, no plano bélico.

Por outro lado, as ingerências externas atuam como um fator moderador da dinâmica do conflito. Sempre que uma facção se encontra a perder terreno, o ator externo que a suporta aumenta o seu apoio. Tal ficou evidenciado na disponibilização de mísseis antitanque às forças da oposição, durante a ofensiva governamental, ocorrida em 2014, e no reforço do apoio por parte dos aliados externos às forças governamentais durante 2015.

Por fim, resta ainda a dificuldade de erradicar completamente movimentos armados com fortes bases de apoio locais. A componente étnica-religiosa do conflito confere um elevado grau de resiliência aos seus combatentes, que têm à sua disposição uma eventual linha de recuo naquelas comunidades com quem partilham a mesma identidade. À exceção de processos de limpeza étnica que dificilmente seriam aceites pela comunidade internacional, a pacificação absoluta destas comunidades, representa uma tarefa hercúlea, e particularmente difícil de encetar por qualquer um dos Blocos.

No mesmo sentido, a presença de fronteiras amigáveis a alguns dos blocos beligerantes, podem também funcionar como base de retaguarda para uma eventual continuação da luta de guerrilha, em caso de perda total de território. Esta permeabilidade foi demais evidenciada ao longo do conflito no caso do Iraque, tanto com os curdos Sírios, como com o Estado Islâmico, e no caso da Turquia com o bloco Moderado e o bloco Salafista.

f) Agravamento e internacionalização das linhas de fratura étnicas-religiosas no seio das populações.

Partindo da discutível premissa que o início da contestação ao regime teve por base a oposição ao modelo político em vigor, passados cinco anos de conflito é clara, a sua conversão numa guerra sectária, quase existencial, que transcende opções políticas. A entrada de combatentes externos no conflito é primariamente motivada por ímpetos religiosos ou de natureza étnica. A motivação para um saudita ingressar nas fileiras da Jabat Al-Nusra não é defender os princípios da democracia liberal, mas sim puramente religiosa. Por outro lado, um combatente do Hezbollah não morre em solo sírio para assegurar a manutenção de Bashar al-Assad na presidência, fá-lo sim, em defesa dos santuários xiitas que existem naquele território.

Este fogo sectário tenderá a agravar-se na medida em que o conflito se prolonga, gerando rancores que perdurarão para lá da geração atual. Mais, o ódio faccioso acompanha o individuo quando este se torna em refugiado de guerra, assegurando que irá transportar estas feridas para além-fronteiras.

Note-se que este elemento está fortemente alavancado no sentimento popular e não na ação Estatal. Pelo contrário, se é um facto que alguns Estados recorreram à promoção interna de propaganda sectária, com o intuito de angariarem o apoio necessário à promoção dos seus interesses, são agora esses mesmos Estados que veem a sua ação condicionada, pelas mesmas pressões sectárias que ajudaram a criar. Veja-se, o exemplo do Iraque, que no pico da crise com o Estado Islâmico, recorreu à divisão

religiosa para mobilizar militarmente a sua população. O corolário desta ação hoje, reflete-se na intransigência de cúpula religiosa xiita em aceitar a cooptação substancial de sunitas, em eventuais soluções governativas.

g) A diversificação dos grupos armados no interior da Síria tenderá a erodir instituições atuais.

Dada a multiplicidade de grupos armados independentes que exercem poder direto sobre o território que dominam, a Síria tem vindo a transformar-se numa manta de retalhos, em termos de organização política e controlo territorial. Mesmo com o cessar das hostilidades, será complexo ditar a um grupo, que administrou *de facto* uma pequena aldeia, vila ou região, que terá de abdicar desse poder em detrimento de instituições nacionais existentes.

O mesmo se aplica, embora de forma menos evidente, ao território controlado pelas forças governamentais. A criação de forças paramilitares confere, em certo grau, alguma autonomia à gestão do território sobre o seu controlo. O desmantelamento destas estruturas, após a cessação do conflito, acarretará dificuldades ao regime que poderá não estar em condições de superar.

h) Contínuo esvaziamento dos grupos armados seculares em detrimento do Bloco Islamita

É notório ao longo do conflito, a diminuição da influência no terreno daqueles elementos que se identificam como seculares. No sentido inverso, grupos islamitas têm vindo a assumir gradualmente maior protagonismo. O arrastamento do conflito é certamente um dos principais promotores para a radicalização das forças em torno de movimentos extremistas, contudo, argumentamos que a origem desta tendência, pode também residir ao início do conflito, nas ingerências efetuadas pelos demais atores externos. Ao tentarem cooptar as forças de oposição para a sua esfera de influência,

atores como o Qatar, Turquia e Arabia Saudita acabaram por transpor a sua competição regional para a vertente interna do conflito, o que por sua vez colocou impedimentos à consolidação das forças de oposição em torno de uma estrutura única.

As mais-valias que os grupos fundamentalistas oferecem, em termos de mensagem, estrutura, organização e até financiamento, torna-os bastante mais atrativos a combatentes moderados afetos a pequenos grupos locais, que não detêm a capacidade nem o apoio externo necessário para fazer frente ao regime. Paralelamente, a crescente relevância das dinâmicas sectárias do conflito, em detrimento de uma vontade de mudança política, só tendem a ampliar a voz das alas mais radicais.

O corolário desta tendência revela uma potencial cisão dentro dos atores internacionais que apoiam os blocos moderado e salafista, dado que a tolerância das democracias liberais, como os Estados Unidos ou Países pertencentes à União Europeia para com a emergência de grupos fundamentalistas islâmicos em território Sírio, tem vindo a ser degradada, à medida que se multiplicam os ataques terroristas da mesma matriz no seu solo.

i) O fim da polarização da oposição sunita está dependente do assentimento dos principais atores externos.

A dificuldade da oposição em assumir uma posição conjunta até à data é parcialmente justificada pela disparidade de interesses dos atores externos ao conflito. A opção assumida por estes, em financiar diretamente diferentes grupos armados, cooptando-os na promoção daquela que é a sua visão particular para o futuro da Síria, tem desvirtuado soluções políticas futuras de cariz unificador.

Tal ficou evidenciado, logo nas primeiras tentativas de organização política dos movimentos de oposição. A influência excessiva da irmandade muçulmana no CNS, que embora apresentando uma plataforma inclusiva, assegurava que uma maioria dos votos estava do lado dos islamitas conservadores, foi um resultado das ingerências oriundas de países como o Qatar e Turquia. Face a este desenvolvimento, países como a Arábia

Saudita, Estados Unidos e seus aliados Europeus, reconheceram a diminuição da sua própria influência no movimento de oposição e retiraram-lhe a confiança política. Esta pulverização de apoio espelha as linhas de fratura regionais, com cada ator a promover os grupos que mais se aproximam da sua posição, de forma a assegurar que nenhum dos restantes adquire vantagem no contexto de uma Síria pós Assad.

Ironicamente esta transposição da competição regional que ocorre dentro do próprio bloco sunita, para a dimensão interna, enfraquece aquele que seria o objetivo principal – a transferência da Síria da esfera de influência xiita para a esfera sunita.

Note-se que, esta transposição não implica conflitos diretos no terreno, razão pela qual foi sublinhado o facto do bloco moderado e o bloco salafista operarem frequentemente em conjunto. É com base nesta capacidade de cooperação efetiva demonstrada no terreno, que se contempla o saneamento parcial das diferenças entre países afetos à esfera sunita em relação às suas políticas perante o conflito.

Na eventualidade dos restantes blocos (regime, curdo ou Estado Islâmico), isoladamente ou em conjunto, adquirirem uma posição dominante na dinâmica do conflito, o imperativo prático da sobrevivência da oposição sunita no terreno tenderá a criar os incentivos necessários para uma coalescência de posições, a nível regional, entre potências sunitas.

j) Permanência da dificuldade em obter uma visão partilhada entre movimentos rebeldes de matriz islamita sunita e os movimentos de base étnica.

As minorias étnicas têm necessariamente uma visão muito distinta dos restantes movimentos de oposição quando à futura constituição de Estado Sírio. Dado o colapso generalizado das tentativas de criar um movimento unificado que congregasse a pluralidade da oposição, e face à crescente influência dos grupos Salafistas, é expectável que as minorias étnico-religiosas não vejam com bons olhos, o crescente aumento de poder do grupo árabe – sunita. Tal pode configurar-se como um obstáculo na formação de uma solução política para o conflito.

k) O inevitável colapso do Estado Islâmico como entidade territorial.

A sustentabilidade do Estado Islâmico tem vindo a ser progressivamente degradada, desde do seu pico de atividade em meados de 2015. Os apoios não oficiais que alegadamente recebia, quer por parte do Estado Turco ou de elites árabes provenientes de países como Qatar ou Arabia Saudita, foram gradualmente erodidos, fruto em parte da pressão externa exercida, por um mundo ocidental que foi alvo de atentados e, pelo reposicionamento dos próprios Estados prevaricadores que reconheceram a eventual ameaça que o ES representa para à sua própria sobrevivência.

Em simultâneo, a própria resiliência interna da organização, tem vindo a ser comprometida. Os ganhos financeiros ocorridos durante as conquistas no Iraque foram pontuais e tenderão a esvaziar-se à medida que o tempo progride. A capacidade de potenciar as zonas petrolíferas sobre o seu controlo, que tem sido o alvo principal da campanha aérea em curso, está a ser metodicamente desmantelada colocando em causa a sustentabilidade financeira do ES, como entidade responsável pela população sobre o seu controlo.

No contexto atual, é nossa interpretação, que o fim do Estado Islâmico como entidade quase estatal já não é uma incógnita, este irá eventualmente ocorrer. No entanto, e porque este elemento pré-determinado é certamente dos mais arriscados de firmar, consta clarificar algumas das condicionantes que lhe são associadas.

Referimo-nos ao seu fim, apenas e somente como entidade que exerce controlo efetivo sobre território. O ES detém a resiliência e a capacidade para perdurar como organização terrorista. Certo é que a parte deste território que está sobre o seu controlo é comprometido de planícies desérticas, e como tal particularmente vulnerável em caso ataque militar sustentando.

Ainda outro fator relevante para a forma como será desmantelado, encontra-se na resolução do conflito no Iraque. A sua base de poder está localizada nas tribos sunitas do noroeste iraquiano, caso seja privado desse apoio, o seu colapso será mais acelerado.

V.2 Incertezas Cruciais

1- A Síria: Resolução do Processo de Fragmentação Etno-sectário.

O agravamento das tensões etno-sectárias que tem caracterizado a região do Médio Oriente nos últimos anos representa a principal força motriz subjacente à Guerra Civil em curso na Síria. Neste sentido, o futuro do conflito está intrinsecamente ligado a uma conclusão deste processo de fragmentação sectária, na sua dimensão interna.

A própria natureza da revolução Síria assim o determina. Não se compara com as revoluções ocorridas no ocidente, não só devido à subversão da natureza política do conflito, que acaba por ser substituída pelas fissuras etno-religiosas, mas também devido à afetação das milícias que se opõem ao regime, a um local ou região em particular.

O primeiro passo para a resolução deste tema passar por reconhecer que, não obstante do diferendo entre regime e bloco moderado, este terá forçosamente que se resolver através de uma solução política. A inevitabilidade deste acontecimento é consistente com o estipulado por alguns dos elementos pré-determinados que aqui foram identificados e dos quais se destaca a incapacidade de alguma facção obter uma vitória pela força das armas.

O principal entrave à formulação de um acordo político localizava-se na intransigência das forças rebeldes em negociarem qualquer tipo de solução que não incluísse a saída imediata de Bashar al-Assad do poder. Esta postura era por sua vez reforçada pela voz dos seus parceiros internacionais que promoviam a mesma narrativa.

Com o progredir do conflito é notória a inversão deste tema. Países como o Reino Unido e França que ainda em 2014 declaravam que a saída de Assad do poder era uma pré-condição para qualquer negociação, hoje modificaram a sua retórica. Não será alheio a este facto a crise migratória que presentemente se desenrola no seio da União Europeia.

Esta tendência é ainda corroborada por outros desenvolvimentos como o aparecimento do Estado Islâmico e a intervenção militar da Federação Russa. Parece claro que aparenta existir, um reconhecimento dentro dos atores externos que a negociação, sem pré-condições é a única saída para o conflito.

Também a nível interno, as próprias forças de oposição, donde se destaca o CNS e os grupos Salafistas mais moderados, deixaram cair a saída de Assad como pré-condição para o encetar de negociações, mas a sua participação não implica que estejam dispostos a aceitar seu retorno a uma posição de poder.

Pelo contrário, as fissuras criadas na população são demasiadamente profundas e, tendo em conta as razões anteriormente explanadas, não se contempla a reversão a um modelo de Estado unitário, fortemente centralizado.

Resta então determinar, qual será a configuração política que a Síria irá assumir pós negociação política. Em linha com a metodologia anteriormente explanada, trata-se de visitar as premissas de um elemento pré-determinado, neste caso a inevitabilidade de um compromisso político, fortemente pressionado por atores externos e uma fragmentação quase irreversível da população Síria, alavancada no sectarismo étnico-religioso. Assim é possível identificar dois pólos distintos na projeção desta tendência:

- a) A confirmação das linhas de fratura existentes através da sua conversão em fronteiras internacionalmente reconhecidas, ou seja, o fim de Sykes-Picot e a partição oficial da Síria.

Ou

- b) A mudança na forma de orientação política da Síria, que pode adotar um modelo político de matriz federalista, despojando o Governo central de poder real e relegando-o para segundo plano.

2- O Irão: Entre a união do Islão e a Promoção de Conflitos.

A formalização do acordo nuclear entre o Irão e os Estados Unidos veio conferir uma nova dinâmica à região, cujo impacto ainda está para ser verdadeiramente observado. Com a redução das sanções, o Irão é finalmente livre para explorar todo o seu potencial económico, algo que no seu passado mais recente não lhe tinha sido permitido.

Mais do que qualquer outro Estado, o Irão tem a capacidade de deflacionar a divisão étnico-religiosa que caracteriza o Islão atual, devido à centralidade do xiismo em Teerão. Aliás, no passado sempre procurou adotar esta estratégia. O seu estatuto de Estado duplamente minoritário (xiita no seio de sunitas, persa rodeado de árabes) determinou que procurasse difundir a narrativa de unidade dentro do Islão, de forma a garantir permitir a sua inclusão junto dos seus vizinhos árabes e minorar o risco de antagonismos. De facto, é o sunismo, especificamente as correntes mais conservadoras como o hanbalismo e suas derivadas que observam o xiismo com herético.

A tradução prática desta estratégica espelha-se na forte oposição de Teerão à existência de Israel. Ao promover este País como um inimigo de todo o Islão no Médio Oriente, cria comunidade com os restantes países da região, relegando desta forma as diferenças étnicas e sectárias para segundo plano. É neste vetor que se localiza um importante interesse Iraniano, o qual, independentemente da sua postura futura, necessita ser acautelado: a capacidade de projetar poder contra Israel através do seu satélite, o Hezbollah.

Existe, contudo, uma via diferente. Estas novas capacidades podem ser utilizadas para agravar o fosso religioso que separa os dois grandes blocos do Islão. Possíveis vetores que podem ser explorados nesse sentido englobam, a guerra no Lémen e a militarização das minorias xiitas presentes em países como a Arábia Saudita.

Uma zona chave onde se vai desenrolar a sua escolha é no Iraque. A travagem do estado islâmico e a manutenção do poder xiita naquele País são cruciais a quaisquer

aspirações regionais que emanem de Teerão. Sem o Iraque, o crescente Xiita¹²⁹ ficaria fortemente diminuído e a capacidade de projeção de poder Iraniana comprometida. Mais, limitaria as aspirações de Teerão para construção de um gasoduto que atravessasse todas as regiões ricas em hidrocarbonetos destes Países e cujo término ocorreria no mediterrâneo.

Contudo o papel do Iraque é também determinante na redução das tensões étnico-religiosas. Historicamente, Bagdade representava a linha da frente entre os Xiitas e Sunitas, entre Persas e Árabes. A sua transferência para a esfera de influência de Teerão, contribuiu para o agravar de tensões no Médio Oriente ao reacender antagonismos antigos. Caso o Irão opte por minimizar a conflitualidade regional, poderá ter que efetuar algumas cedências quanto ao futuro do Iraque.

Tornam-se assim claras as diferentes escolhas que se colocam perante a Republica Islâmica do Irão:

- a) Procurar promover a reconciliação entre Xiitas e Sunitas, num processo que simultaneamente divida os sunitas e isole a arábia saudita, impossibilitando-a de constituir um bloco militar sobre sua liderança.

Ou

- b) Conquistar mais espaço para a expansão da sua influência, agravando os antagonismos diretos com Arábia Saudita, criando para tal novos focos de conflito no golfo pérsico.

¹²⁹ Designação do Rei Abdullah da Jordânia para o Eixo Irão, Iraque, Síria, Líbano (Hezbollah)

3- A Turquia: Intervenção militar ou aceitação de autonomia Curda

O retomar da luta armada, por parte do PKK que pôs fim a dois anos de tréguas, veio colocar novas pressões sobre a Turquia. Dada a proximidade deste grupo aos curdos Sírios, e em particular com a sua força militar (YPG), Ancara vê na emergência da *Rojava* uma séria ameaça à sua segurança interna e aos seus interesses regionais.

A situação em si é agravada pelos sucessos militares que as forças curdas têm obtido ao longo do último ano. Além da aquisição de vastas quantidades de território a sul, incluindo zonas de exploração petrolífera, o YPG tem por objetivo declarado expulsar o Estado Islâmico da região que separa os cantões de Kobane (al-Arab) e Afrin (ver figura 5). O êxito desta operação implicaria o controlo efetivo de toda a zona fronteiriça norte por parte das forças Curdas. Na expectativa de travar estes avanços, foram efetuados bombardeamentos esporádicos de artilharia sobre posições avançadas do YPG, no entanto a eficácia destes tem sido limitada.

É neste contexto de ambivalência quanto a uma possível intervenção militar mais musculada por parte de Ancara que se formula a terceira incerteza crucial. Esta opção o agravamento da conflitualidade a uma normalização do relacionamento com os Curdos Sírios, o que implicaria a aceitação de algum grau de autonomia.

E existem incentivos para contemplar a via pacífica: no passado a Turquia assistiu com alguma apreensão à emergência do Curdistão Iraquiano, pós transição de regime em 2003. Naquele caso ambas as partes resolveram as suas diferenças e estabeleceram um bom relacionamento diplomático, por sua vez fortemente alavancado em trocas comerciais. Mais, esta normalização de relações desempenhou um papel importante no cessar-fogo obtido junto do PKK, provando que a afirmação da autonomia Curda não tem necessariamente que representar uma ameaça perante Ancara.

A promover a pacificação de relações com os Curdos, encontra-se também parte considerável do bloco ocidental, especificamente Estados Unidos da América e União Europeia. Através de pressões externas, estes Países têm procurado que Ancara não

coloque entraves aos avanços do YPG, dado ser esta a força que maior sucesso tem obtido no combate ao Estado Islâmico.

Já no pólo oposto, a hipótese de as forças curdas controlarem a totalidade da região fronteira norte, coloca sérios entraves à capacidade de Ancara operar como plataforma logística para as demais restantes forças presentes no terreno. Neste tema poderá contar com o apoio de outras Nações Árabes, dado que também estas recorrem à rota Turca para aprovisionarem aqueles grupos que beneficiam diretamente do seu apoio.

Mas é a possibilidade do PKK obter uma base territorial sólida ao longo de toda a região fronteira a sul que representa a maior ameaça para Ancara. O bom relacionamento com Curdistão Iraquiano está subordinado no fato do Governo daquela região ser dominado pelo KDP, partido Curdo favorável a Ancara e rival do PKK. O mesmo não se sucede com o PYD Sírio. Mais, as alegadas ligações entre o PKK e Teerão, acrescem aos receios de que os curdos possam ser instrumentalizados no contexto da competição regional que se desenrola entre ambos os Países.

É neste contexto que a escolha de Ancara poderá vir a desenvolver-se de acordo com os seguintes pólos:

- a) Intervir militarmente no norte da Síria, criando uma zona de segurança na região fronteira e entrando em conflito direto com as forças militares dos Curdos Sírios

Ou

- b) Aceitar a autonomia da região curda, negociando a sua ocupação de território, de forma a assegurar os seus interesses regionais, e possivelmente promovendo novo cessar-fogo com o PKK.

APRESENTAÇÃO DE CENÁRIOS E CONCLUSÃO

Em linha com a metodologia selecionada, o produto final deste exercício consiste na formulação de cenários que articulem as três componentes essenciais: forças motrizes, elementos pré-determinados e incertezas cruciais. Ao terem sido elencadas três destas incertezas, o número de cenários possíveis atinge os 8. Como tal, não se revela prático elaborar sobre todas estas configurações, pelo que optámos por seleccionar dois cenários para apresentar como conclusão desta dissertação.

Quanto à sua seleção, o principal critério centrou-se na polaridade das incertezas cruciais. Procurámos elaborar sobre aqueles cenários que representam os extremos de todas as configurações possíveis, na expectativa de assim conferir maior diversidade ao estudo.

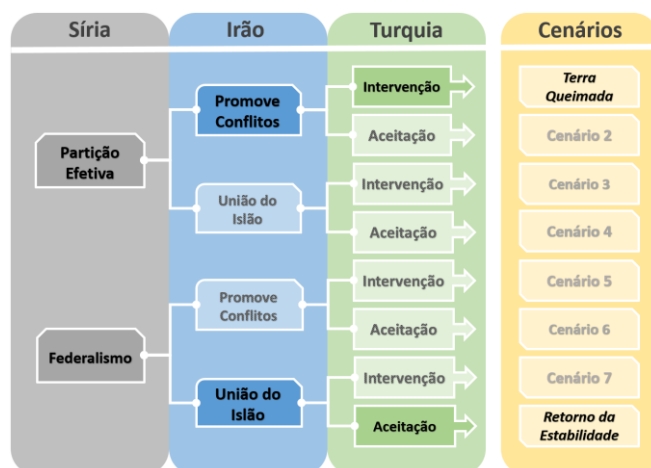


Figura 7 Configuração selecionada para a construção de cenários tendo por base as 3 incertezas cruciais identificadas

Retomando o foco do exercício, este tem por base a evolução da guerra civil Síria a um horizonte de 5 anos, mas apenas como plataforma para a análise mais aprofundada do contexto regional. Deste modo, a descrição do cenário deve centrar-se não só na evolução do conflito, mas também nas consequências deste no complexo regional de segurança onde se insere: como é que os atores são afetados, como reagem aos desenvolvimentos, e qual a configuração final da região.

Desta forma optámos por não narrar uma progressão temporal, do presente para o futuro, mas sim por nos situar-nos no término do horizonte estipulado, racionalizando retrospectivamente o percurso que levou à sua formulação, elencando os pontos de inflexão chave, e as correlações existentes entre estes. Considerámos ser esta a forma mais prática de partilhar o mapa mental que levou à sua produção.

Cenário 1: Terra Queimada

O elemento estruturante que fundamenta este cenário, localiza-se na resolução das diferenças entre os principais atores externos pertencentes ao bloco Sunita (Arábia Saudita, Qatar e Turquia) que reconhecem a necessidade de unir esforços face à contínua pressão exercida no terreno pelo regime, bloco curdo e seus aliados.

O processo iniciou-se com a Arábia Saudita. O apoio militar providenciado pela Federação Russa ao regime de Bashar al-Assad alterou de forma substancial a dinâmica do conflito, ao colocar fortes constrangimentos à capacidade operacional dos grupos rebeldes sunitas. Em resposta, Ríade optou por aumentar o seu nível de financiamento e aprovisionamento de armas, o que por sua vez implicou um diálogo mais aprofundado com a Turquia, visto que a transferência de armamento e combatentes afetos ao bloco sunita para a Síria estava fortemente dependente da sua fronteira Sul.

Paralelamente, a Turquia estava a ser confrontada com os recentes avanços por parte do bloco curdo, que ameaçava dominar todo o espaço fronteiriço do norte da Síria. A hipótese de encerramento desta linha de aprovisionamento, vital para a manutenção de uma resistência armada sunita no conflito traduziu-se no incentivo necessário para o sanear de diferenças e união de esforços entre Arábia Saudita e Turquia.

Já a cooptação do Qatar ocorre de forma natural. O interesse deste pequeno país em utilizar o conflito na Síria como vetor para exacerbar competições regionais, tinha vindo a diminuir desde a mudança na sua cúpula governativa. Dada a oportunidade de sanear tensões com a Arábia Saudita e não querendo ficar ausente dos desígnios futuros daquele território, rapidamente se demonstrou disponível cooperar nos esforços da nova coligação. Também não foi alheio à sua decisão o facto de a Turquia estar incluída como parceiro de peso, visto que ambas partilhavam da mesma visão quanto ao modelo político e ideológico a ser adotado por uma Síria sunita.

A vertente prática destes desenvolvimentos traduziu-se na criação de uma coligação entre os movimentos rebeldes moderados e Salafistas¹³⁰ a operar no território Sírio e suportada externamente pelos três Estados. A integração vertical da generalidade destes movimentos numa estrutura militar uniforme e coesa, capacitada por armamento moderno e abundante, conferiu uma nova dinâmica a esta nova coligação que rapidamente adquiriu supremacia no terreno.

No plano externo o novo movimento demonstrou a sua unidade ao apresentar uma plataforma comum para o futuro fortemente sustentada na implementação de um regime islâmico conservador de matriz sunita.

Ao moldar a sua narrativa de forma a projetar uma imagem de independência, tentou simultaneamente, distanciar-se dos seus patrocinadores externos, apaziguar receios ocidentais de fundamentalismo, e apresentar-se como um movimento orgânico, de raízes locais, cujo único objetivo é a proteção das populações sunitas da região. A fraca contestação efetiva na comunidade internacional e a supressão imediata de dissidências no terreno, acabou por consolidar a agregação destes diferentes grupos, redobrando a sua coesão de objetivo, capacidade operacional e negocial.

De forma a isolar o regime, esta nova coligação aceitou a existência de um Estado alauita centrado na província de *Latakia*, onde se localiza a base naval Russa de *Tartus*. Ao ver os seus interesses na região assegurados, Moscovo optou por terminar o seu apoio militar às forças governamentais. Paralelamente foram ainda oferecidas outras contrapartidas à Federação Russa, incluindo a redução na quota de produção de petróleo Saudita de forma a aumentar o preço do barril, o que se traduz num benefício financeiro para Moscovo.

Após a tomada de decisão Russa, também o Irão, apercebendo-se da incapacidade do regime em suportar a pressão exercida no terreno pelo bloco sunita, optou por retrainir o seu apoio, promovendo antecipadamente a negociação de um

¹³⁰ Excluídos grupos classificados internacionalmente como terroristas, entre os quais a Jabat – al Nursra

cessar-fogo entre forças governamentais e sunitas que permitisse a evacuação de grande parte dos alauitas para o seu bastião no noroeste da Síria.

O rápido colapso do regime, permitiu ao bloco sunita a concentração da sua atuação na conquista dos territórios ocupados pelo Estado Islâmico na Síria e na expectativa de se apresentar, também, às tribos sunitas iraquianas, como uma alternativa política para a sua proteção face às forças xiitas no Iraque.

Os Curdos, que até este ponto se tinham mantido isolados destes desenvolvimentos, em parte devido à proteção diplomática dos Estados Unidos, veem na possível criação de um grande estado sunita, ideologicamente conservador, que englobaria a Síria e Iraque, uma ameaça à sua existência em ambos os Estados. Como tal e em reação à rápida progressão do bloco sunita, declararam unilateralmente a independência do Curdistão Iraquiano, na expectativa de firmar fronteiras.

Este evento despoletou uma reação por parte da Turquia que interveio militarmente na província Iraquiana de *Ninawa*, ocupando-a e expulsando o Estado Islâmico da cidade de *Mosul*. Esta intervenção à muito desejada¹³¹ por Ancara foi justificada, não em nome próprio mas sim, enquadrada na coligação Sunita recentemente formada. Simultaneamente, antecipou-se a qualquer declaração de independência por parte dos Curdos Sírios, e também interveio militarmente na Síria, recorrendo para tal ao mesmo racional, e ocupando as zonas fronteiriças maioritariamente árabes e turcomanas de *Tell Abyad* e *Mabij*. Ambas as ações conferiram duas vantagens à Turquia: asseguraram a separação entre os dois Estados Curdos e melhoraram a sua capacidade de influência nos desígnios futuros do novo Estado Sunita a emergir na região, alavancando para tal a eventual integração dos territórios ocupados nesse novo Estado.

¹³¹ Legado da partição do Império Otomano e do Tratado de Sévres.

Também Israel, ao ser confrontado com a partição efetiva da Síria, optou por intervir militarmente, alegando a necessidade de proteger a minoria drusa presente no Sul da Síria de ocupação por sunitas.

Face a estes desenvolvimentos, que contrariam os interesses Iranianos tanto na Síria como no Iraque a favor de um novo poder emergente, Teerão abdica do controlo central sobre o Iraque a partir de Bagdade, e forçou uma partição efetiva do sul daquele País, transferindo para o golfo pérsico a sua competição pela supremacia regional face à Arábia Saudita, redobrando esforços na Iémen, reativando o conflito no Bahrain e, despoletando uma revolta sectária na minoria xiita presente em território Saudita.

Este Médio Oriente é fortemente caracterizado pelo conflito étnico-religioso, terrorismo e ações de guerrilha. A reação Iraniana acaba por deflagrar um fogo sectário nos países árabes que rapidamente se expande por toda a região. Também a influência externa na formação do novo Estado Sunita que engloba parte do Iraque e da Síria, transforma capitais como Ríade, Ancara e Doha em alvos preferenciais, para aqueles grupos *jiihadistas* que foram expulsos daquele território.

Por outro lado, este novo Estado também revela alguma instabilidade interna. As tensões que opõe fundamentalistas árabes alinhados com a Arábia Saudita e movimentos pan-islâmicos afetos à Turquia rapidamente se fazem sentir no seu interior, sendo exacerbadas pela reticência de Ancara em abdicar dos territórios entretanto conquistados. Esta ocupação de território no levante por etnias não árabes leva à criação de guerrilhas que expandem a sua ação a toda a região fronteiriça, penalizando duplamente a Turquia, dada a resposta curda sobre forma de um PKK reforçado e beligerante.

Cenário 8: Retorno da Estabilidade

Subjacente a este cenário encontra-se a substituição do acordo Sykes-Picott por um entendimento Russo-Americano que incluiu a resolução dos conflitos na Síria e no Iraque. Dada a contínua instabilidade no Médio Oriente e face a uma potencial propagação das suas consequências para outras partes do globo, ambas as potências, estando cientes das suas capacidades de influência sobre todos os atores envolvidos, optaram por alinhar posições de forma a estabilizar a região, e acomodar, dentro do possível os seus interesses próprios.

Neste contexto, a destruição do Estado islâmico foi designada como prioritária, o que levou a concentração de esforços militares dos EUA e seus aliados nas províncias iraquianas de *Nevawa*, *Salah ad Din* e *Diyala*, centro de gravidade daquela organização. Para tal, apoiaram-se fortemente nos Curdos Iraquianos, através da disponibilização de poder aéreo Norte-Americano, mas também de armamento militar Russo. A cooptação dos curdos Iraquianos por ambas as potências deveu-se em parte, à sua provada competência militar no combate ao ES e na relativa neutralidade demonstrada na contenda entre sunitas e xiitas. Também o bom relacionamento do governo da região curda do Iraque com a Turquia contribuiu para a aceitação a nível regional desta escolha.

De forma a evitar possíveis desentendimentos, o apoio militar conjunto efetuado pela Federação Russa e Estados Unidos na América foi diferenciado conforme o teatro de operação. Assim a Federação Russa ficou encarregada de providenciar apoio aéreo em território Sírio para expulsar o Estado Islâmico dos territórios que controlara no leste da Síria

Em termos políticos, a transposição do acordo EUA- Rússia para o contexto Sírio assumiu a forma de um compromisso entre o bloco alauita e grupos rebeldes moderados e Salafistas. Sujeitos a fortes pressões por parte das duas grandes potências, a sua formulação ficou, na fase inicial, a cargo daqueles atores regionais com elevando grau de envolvimento no conflito que acabaram por abdicar de parte das suas

pretensões próprias para o futuro da Síria, em prol da manutenção de um bom relacionamento com Estados Unidos e a Federação Russa.

O compromisso em si estabeleceu como objetivo a reconfiguração do Estado Sírio, num modelo descentralizado, tendo por base as zonas de influência naturais de cada bloco étnico-religioso. Simultaneamente, foi colocada uma forte ênfase na criação de um sólido quadro normativo que pautasse a relação entre estas unidades territoriais por forma a minorar as tensões sectárias. Esta solução foi acompanhada pela criação de estruturas próprias, suportadas por organizações internacionais, cuja imparcialidade foi aceite por todas partes, e que se encontraram devidamente capacitadas para intervir de forma eficaz, na rápida dissuasão de potenciais focos de conflito.

Na sua tradução prática este compromisso interno permitiu a reorganização de pacífica de toda a zona oeste da Síria, libertando as fações envolvidas para centrarem os seus esforços naquelas regiões ainda ocupadas pelo Estado Islâmico, ficando este a ser o único foco de confrontação militar. Este contexto criou os incentivos necessários à rápida expansão para leste, dado que o controlo efetivo do território se tornou num importante fator para a determinação de zonas de influência, tendo em vista a eventual federalização do País.

No vizinho Iraque, e em resultado direto da sua atuação na supressão do Estado Islâmico, o governo regional do Curdistão saiu reforçado com a integração na sua zona de influência da cidade de Kirkuk. O reconhecimento oficial deste evento por todas as partes envolvidas no conflito, foi alvo de forte contestação tanto por parte do bloco regional sunita como xiita, mas a pressão externa exercida pelos Estados Unidos e Federação Russa forçaram o assentimento. Aqui destacou-se o papel da Turquia na moderação deste diferendo junto do bloco regional sunita. O posicionamento de Ancara perante este tema foi certamente influenciado pelos seus fortes laços comerciais e de investimento com o Governo regional do Curdistão, que por sua vez aumentaram substancialmente após a tomada de Kirkuk, em parte graças implementação de empresas Turcas na exploração de hidrocarbonetos naquela região.

Também os Curdos Sírios que inicialmente não tinham sido incluídos no acordo Russo-Americano por imposição Turca declaram unilateralmente a criação da região autónoma da Rojava, expressando o seu desejo de integrar um Estado federal Sírio. Para tal optaram, por iniciativa própria, retirar-se daqueles territórios, entretanto adquiridos durante a campanha contra o Estado Islâmico, onde a composição étnica não era maioritariamente curda. Esta opção de não estender a sua influência a territórios de maioria árabe, contribuiu de forma significativa para o aliviar de tensões com a Turquia, levando-a a aceitar a Rojava como região federal, no contexto governativo da Síria.

O Irão, ao ver-se despromovido do apoio do seu mais relevante aliado internacional - a Rússia- e sendo incapaz de suportar sozinho ambos os regimes de Damasco e Bagdade optou por mudar de estratégia, acedendo às pressões da Federação Russa para integrar o processo negocial na Síria. Paralelamente, articulou duas estratégias para fazer valer os seus interesses, no novo contexto que se estava a formular. Em primeiro lugar procurou fomentar divisão dentro da esfera sunita com o objetivo de isolar a Arábia Saudita, colocando desta forma um travão à consolidação de um bloco militar unitário de matriz sunita que se estava a formar. Para tal implementou políticas direcionadas a reduzir as tensões sectárias na região conjugadas com aberturas diplomáticas, junto de países como a Turquia e a Jordânia.

Paralelamente, e no mesmo sentido, aceitou alterações às estruturas do poder governativo no Iraque, direcionadas a conferir maior representatividade à minoria sunita do País e reduzindo desta forma as tensões sectárias ali existentes. Esta postura teve por consequência uma redução da sua influência efetiva no governo iraquiano e naturalmente nos desígnios políticos do Iraque. Contudo, e dada a natureza federativa daquele Estado, foi possível assegurar aquele que era o maior interesse de Teerão na região: a ligação ao Líbano e através dele o acesso estratégico ao Mediterrâneo.

Esta reconfiguração do Médio Oriente acabou por lhe conferir alguma estabilidade, minorando as fissuras étnico-religiosas através da formulação de novas

fronteiras. Permanecem algumas tensões dentro dos Estados Federais do Iraque e Síria, mas a hipótese de retorno à guerra sectária serve de incentivo à manutenção da paz.

BIBLIOGRAFIA

- 3091st Foreign Affairs Council meeting. (2011, 05 23). *Council conclusions on Syria*. Retrieved from Council of the European Union: http://www.consilium.europa.eu/uedocs/cms_data/docs/pressdata/EN/foraff/122168.pdf
- Abouzeid, R. (2012, 09 18). *Syria's Secular and Islamist Rebels: Who Are the Saudis and the Qataris Arming?* Retrieved from TIME Magazine: <http://world.time.com/2012/09/18/syrias-secular-and-islamist-rebels-who-are-the-saudis-and-the-qataris-arming/>
- Action Group for Syria. (2012, 06 30). *Action Group for Syria Final Communiqué*. Retrieved from The United Nations: <http://www.un.org/News/dh/infocus/Syria/FinalCommuniqueActionGroupforSyria.pdf>
- Adal, V. (2012, 11 14). *Kurdish Muscle Flexing*. Retrieved from The Jerusalem Post: <http://www.jpost.com/Features/In-Thespotlight/Kurdish-muscle-flexing>
- Alexander, D. (2012, 10 10). *U.S. military in Jordan, has eyes on Syria chemical weapons*. Retrieved from Reuters: <http://www.reuters.com/article/us-usa-jordan-syria-idUSBRE8991O120121010>
- Aquastat - Turkey. (1997). Retrieved from FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations: <http://www.fao.org/nr/water/aquastat/countries/turkey/index.stm>
- Balanche, F. (2015, 08 07). *Syria's Kurds Are Contemplating an Aleppo Alliance with Assad and Russia*. Retrieved from The Washington Institute for Middle East Policy: <http://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/syrias-kurds-are-contemplating-an-aleppo-alliance-with-assad-and-russia>
- Barnes-Dacey, J., & Levy, D. (2013). *The Regional Struggle for Syria*. European Council on Foreign Relations.
- BBC. (2013, 02 28). *Kerry pledges \$60m in 'non lethal' aid to Syrian rebels*. Retrieved from British Broadcast Corporation: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-21612194>

- Berger, G., Bourbon-Busset, J. d., & Massé, P. (2006). *De la prospective: Textes fondamentaux de la prospective française 1955-1966*. L'Harmattan.
- British Broadcasting Corporation. (2014, 09 16). *Syria profile - Timeline*. Retrieved from BBC News - Middle East: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-14703995>
- Bunzel, C. (2015). *From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State*. Washington: The Brookings Center for Middle East Policy.
- Caillet, R. (2013, 12 27). *The Islamic State: Leaving al-Qaeda Behind*. Retrieved from Carnegie Endowment for International Peace: <http://carnegieendowment.org/syriaincrisis/?fa=54017>
- Central Intelligence Agency. (2014, 11 22). *The World Factbook*. Retrieved from Central Intelligence Agency: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>
- Chebel, M. (2007). *O Islão Explicado*. Portugal: Publicações Europa-América.
- CNN Wire Staff. (2012, 02 23). *Global meeting on Syria faces pressure*. Retrieved from CNN: <http://edition.cnn.com/2012/02/22/world/meast/syria-unrest/index.html>
- Cockburn, P. (2015). *O novo Estado Islâmico*. Self - Desenvolvimento Pessoal.
- Cohen, G. (2015, 07 20). *Israel Halts Medical Treatment for Members of Syria's Nusra Front*. Retrieved from Haaretz: <http://www.haaretz.com/israel-news/1.666961>
- Department of Defense, United States Government. (2011). *Jordan in perspective: Orientation Guide and Jordanian Cultural Orientation*. Progressive Management Publications.
- DeYoung, K. (2016, 02 11). *U.S., Russia and other powers agree on 'cessation of hostilities' in Syria*. Retrieved from The Washington Post: https://www.washingtonpost.com/world/kerry-searches-for-common-ground-on-the-syrian-conflict/2016/02/11/1bc6482c-d042-11e5-90d3-34c2c42653ac_story.html
- Fromkin, D. (1989). *A Peace to End All Peace: The Fall of the Ottoman Empire and the Creation of the Modern Middle East*. New York: Holt Paperbacks.

- Fulton, W., Holliday, J., & Wyer, S. (2013). *Iranian Strategy in Syria*. Institute for the Study of War & Critical Threats Project.
- Godet, M. (1991). *From Anticipation to Action: A handbook of strategic prospective*. Dunod, Paris: UNESCO.
- Godet, M., Durance, P., & Gerber, A. (2010). *La Prospective: Use and Misuse of Scenario Building*. Paris: Cahiers du LIPSOR.
- Heijden, K. V. (1996). *The Art of Strategic Conversation*. England: John Wiley and Sons.
- Izady, M. (2014, 11 22). *The Gulf/2000 Project*. Retrieved from Columbia University: <http://gulf2000.columbia.edu/maps.shtml>
- Jenkins, B. M. (2014). *The Dynamic's of Syria's Civil War*. RAND Corporation.
- Johnson, H. (2015, 09 17). *Kurdish Fighters: We'd Really Appreciate if you Came to Syria to Help Fight ISIS*. Retrieved from Foreign Policy: http://foreignpolicy.com/2015/09/17/kurdish-fighters-wed-really-appreciate-if-you-came-to-syria-to-help-fight-isis/?wp_login_redirect=0
- Kechechian, J. (2013, 11 08). *What is Syrian Arab Army military capability?* Retrieved from Gulf News: <http://gulfnews.com/news/region/syria/what-is-syrian-arab-army-military-capability-1.1228699>
- Kerry, J. (2014, 12 03). *Islamic State: Kerry says any Iran strikes 'positive'*. Retrieved from British Broadcasting Corporation: <http://www.bbc.com/news/world-europe-30306106>
- Khan, A. (2011, 09 08). *How the World Stacks Up on Syria*. Retrieved from PBS Frontline: <http://www.pbs.org/wgbh/frontline/article/how-the-world-stacks-up-on-syria/>
- KurdPress. (2012, 04 04). *Kurdish blocs leave SNC in protest to racial ideologies*. Retrieved from KurdPress: <http://www.kurdpress.com/En/NSite/FullStory/News/?Id=1215#Title=%0A%09%09%09%09%09%09%09%09Kurdish%20blocs%20leave%20SNC%20in%20protest%20to%20racial%20ideologies%0A%09%09%09%09%09%09%09>
- Lansford, T. (2014). *Political Handbook of the World*. SAGE Publications.
- Levitt, M. (2013). *No Good Outcome: How Israel Could be Drawn into the Syrian Conflict*. Washington: Washington Institute for Near East Policy.

- Lima, B. P. (2015). *A Síria em Pedacos*. Lisboa: Tinta da China.
- Lister, C. (2014). *Dynamic Stalemate: Surveying Syria's Military Landscape*. Brookings Doha Center.
- Luke Harding, M. C. (2012, 07 22). *Syrian rebels fight Assad troops in Aleppo* . Retrieved from The Guardian: <http://www.theguardian.com/world/2012/jul/22/syrian-rebels-fight-aleppo>
- Lund, A. (2012). *Syrian Jihadism*. Swedish Institute of International Affairs.
- Margelov, M. (2011, 06 28). *Russia's special envoy to Africa meets Syrian opposition group*. Retrieved from Associated Press Archive: <http://www.aparchive.com/metadata/youtube/51b934c335a73ed20a627d3a904a50d5>
- MARK LANDLER, M. R. (2013, 02 02). *Backstage Glimpses of Clinton as Dogged Diplomat, Win or Lose*. Retrieved from The New York Times: http://www.nytimes.com/2013/02/03/us/politics/in-behind-scene-blows-and-triumphs-sense-of-clinton-future.html?_r=0
- Matlock, M. (2008, 05 11). *Country Profile - Syria*. Retrieved from The Encyclopedia of Earth: <http://www.eoearth.org/view/article/156998/>
- MAZZETTI, M., & APUZZO, M. (2016, 01 23). *U.S. Relies Heavily on Saudi Money to Support Syrian Rebels*. Retrieved from The New York Times: <http://www.nytimes.com/2016/01/24/world/middleeast/us-relies-heavily-on-saudi-money-to-support-syrian-rebels.html>
- McCoy, T. (2014, 06 12). *ISIS just stole \$425 million, Iraqi governor says, and became the 'world's richest terrorist group'*. Retrieved from The Washington Post: <https://www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2014/06/12/isis-just-stole-425-million-and-became-the-worlds-richest-terrorist-group/>
- Moniquet, C. (2013). *The Involvement of Salafism / Wahabism in the Support and Supply of Arms to Rebel Groups Around the World*. European Parliament - Directorate-General for External Policies.
- NATO Press Release. (2012, 12 05). *NATO Foreign Ministers' statement on Patriot deployment to Turkey*. Retrieved from NATO: http://www.nato.int/cps/en/natohq/news_92476.htm

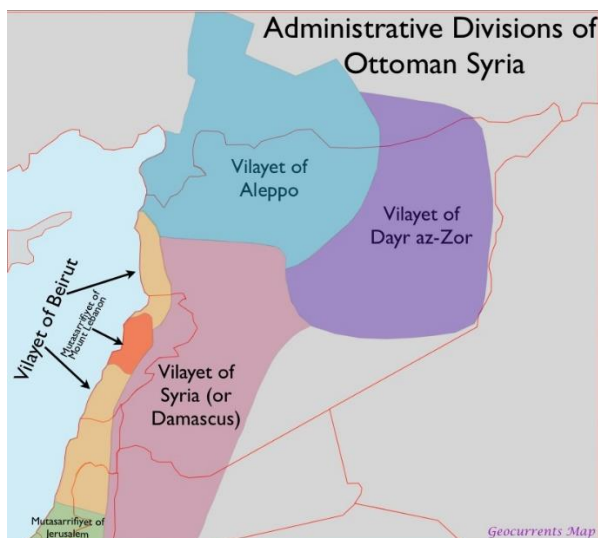
- Nicks, D. (2014, 09 12). *CIA Says ISIS Ranks May Have Tripled*. Retrieved from Time Magazine : <http://time.com/3340662/cia-isis-isil/>
- Nicks, D. (2014, 09 05). *U.S. Forms Anti-ISIS Coalition at NATO Summit*. Retrieved from Time Magazine: <http://time.com/3273185/isis-us-nato/>
- Office of the Secretary General . (2016, 02 11). *Statement of the International Syria Support Group*. Retrieved from United Nations: <http://www.un.org/sg/offthecuff/index.asp?nid=4369>
- Ohl, D., Albrecht, H., & Koehler, K. (2015, 09 24). *For Money or Liberty? The Political Economy of Military Desertion and Rebel Recruitment in the Syrian Civil Wa.* Retrieved from Carnegie Endowment for International Peace: <http://carnegieendowment.org/2015/10/24/for-money-or-liberty-political-economy-of-military-desertion-and-rebel-recruitment-in-syrian-civil-war/ilqf>
- Pascal, A., Kennedy, M., & Rosen, S. (1979). *Men and Arms in the Middle East: The Human Factor in Military Modernization*. Santa Monica: Rand Corporation.
- Perry, T. (2015, 09 25). *Syrian army source: rebels make heavy use of TOW missiles* . Retrieved from Reuters: <http://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-syria-arms-idUSKBN0TE1KJ20151125>
- Phillips, M. (2011, 08 18). *The White House*. Retrieved from President Obama: "The future of Syria must be determined by its people, but President Bashar al-Assad is standing in their way.": <https://www.whitehouse.gov/blog/2011/08/18/president-obama-future-syria-must-be-determined-its-people-president-bashar-al-assad>
- Putin, V. V. (2013, 09 11). *A Plea for Caution From Russia*. Retrieved from The New York Times: <http://www.nytimes.com/2013/09/12/opinion/putin-plea-for-caution-from-russia-on-syria.html>
- Ravid, B. (2015, 01 19). *Iranian General Killed in Reported Israeli Strike on Hezbollah in Syria* . Retrieved from Haaretz: <http://www.haaretz.com/israel-news/1.637874>
- Ribeiro, J. M. (2015). *EUA versus Chna: Confronto ou Coexistência. A Globalização e os desafios do novo Milénio*. Guerra e Paz.
- Ribeiro, J. M. (2016, Jan-Jun). *Fronteira e Competições no Horizonte 2030. XXI, Ter Opinião*, pp. 74-83.

- Salih, C. (2015). *Turkey, the Kurds and the fight against Islamic State*. European Council on Foreign Relations.
- Saul, J. (2013, 06 17). *Syrian grain imports pick up despite worsening war*. Retrieved from Reuters: <http://www.reuters.com/article/2013/05/17/syria-food-idUSL6N0DR1V920130517>
- Schwartz, P. (1991). *The Art of the Long View*. Estados Unidos da América: Doubleday.
- SHEAR, M. D., COOPER, H., & SCHMITT, E. (2015, Outubro 09). *Obama Administration Ends Effort to Train Syrians to Combat ISIS*. Retrieved from The New York Times: <http://www.nytimes.com/2015/10/10/world/middleeast/pentagon-program-islamic-state-syria.html?&hp&action=click&pgtype=Homepage&module=first-column-region®ion=top-news&WT.nav=top-news>
- Sherlock, R. (2015, 03 29). *Thousands flee Syrian city Idlib after rebel capture*. Retrieved from The Telegraph: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/syria/11502899/Thousands-flee-Syrian-city-Idlib-after-rebel-capture.html>
- Sinjab, L. (2015, 05 01). *Syria: How a new rebel unity is making headway against the regime*. Retrieved from British Broadcasting Corporation: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-32540436>
- Sly, L. (2014, 04 27). *Syrian rebels who received first U.S. missiles of war see shipment as 'an important first step'*. Retrieved from The Washington Post: https://www.washingtonpost.com/world/middle_east/syrian-rebels-who-received-first-us-missiles-of-war-see-shipment-as-an-important-first-step/2014/04/27/61ec84d8-0f53-4c9f-bf0a-c3395819c540_story.html?hpid=z1
- Sly, L. (2015, 07 23). *Turkey agrees to allow U.S. military to use its base to attack Islamic State*. Retrieved from The Washington Post: https://www.washingtonpost.com/world/middle_east/turkey-agrees-to-allow-us-military-to-use-its-base-to-attack-islamic-state/2015/07/23/317f23aa-3164-11e5-a879-213078d03dd3_story.html
- Smith, B. (2012). *Syria: No end in Sight*. Londres: House of Commons UK.
- Spencer, R. (2012, 08 11). *Aleppo 'is becoming Syria's Stalingrad'*. Retrieved from The Telegraph: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/syria/9469080/Aleppo-is-becoming-Syrias-Stalingrad.html>

- Syrian National Council. (2012, 03 27). *National Covenant for a New Syria*. Retrieved from Syrian National Council:
<http://www.syriancouncil.org/en/issues/item/618-national-covenant-for-a-new-syria.html>
- Taştekin, F. (2015, 06 22). *Kurds eye new corridor to Mediterranean*. Retrieved from Al Monitor: <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/06/turkey-syria-kurdish-corridor-in-the-making-kobane.html#>
- Teitelbaum, J. (2001). *The Rise and Fall of the Hashimite Kingdom of Arabia*. London: C. Hurst & Co.
- The President of the United States. (2011, 08 22). *Executive Order 13582: Blocking Property of the Government of Syria and Prohibiting Certain Transactions With Respect to Syria*. Retrieved from United States Department of Treasury :
https://www.treasury.gov/resource-center/sanctions/Programs/Documents/syria_eo_08182011.pdf
- U.N. Security Council. (2012, 04 21). *Security Council Establishes UN Supervision Mission in Syria, with 300 Observers to Monitor Cessation of Violence, Implementation of Special Envoy's Plan*. Retrieved from The United Nations: <http://www.un.org/press/en/2012/sc10618.doc.htm>
- U.N. Security Council. (2012, 04 14). *Security Council Unanimously Adopts Resolution 2042 (2012), Authorizing Advance Team to Monitor Ceasefire in Syria*. Retrieved from The United Nations: <http://www.un.org/press/en/2012/sc10609.doc.htm>
- US State Department. (2010, 03 11). *Country Background Information - Syria*. Retrieved from Bureau of Near Eastern Affairs:
<http://www.state.gov/outofdate/bgn/syria/158703.htm>
- Westall, S. (2014, 11 18). *Assad's army stretched but still seen strong in Syria's war*. Retrieved from Reuters: <http://www.reuters.com/article/2014/09/18/us-syria-crisis-military-idUSKBN0HDOM420140918>

ANEXO 1

MAPAS DA REPÚBLICA ÁRABE SÍRIA



Mapa 1 Organização do território Sírio sobre administração Otomana

Fonte: Martin W. Lewis/GeoCurrents



Mapa 2 Organização do território Sírio durante o mandato Francês

Fonte: Unimaps



Mapa 3 Divisão Administrativa da República Árabe Síria

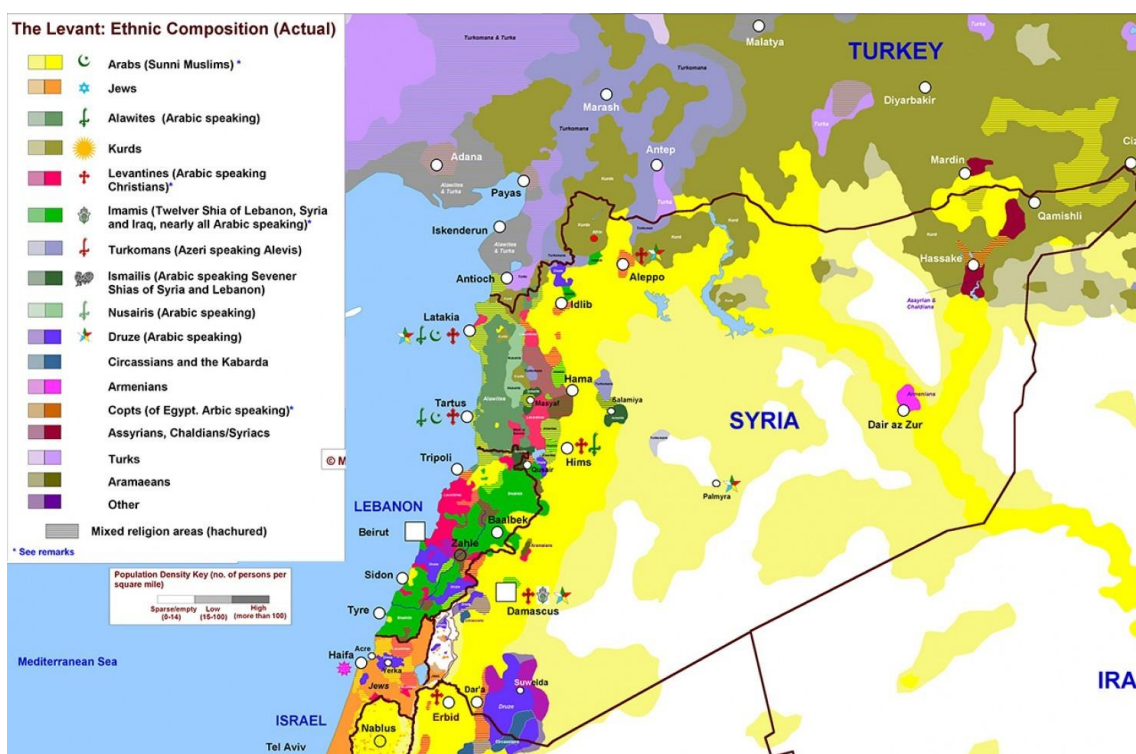
Fonte: Perry-Castañeda / University of Texas

ANEXO 2

DEMOGRAFIA, TERRITÓRIO, RELIGIÃO E ETNIA

		Etnia							
	População	Árabes	Persas	Curdos	Azeris	Egípcios	Turcos	Judeus	Outros
Irão	81 824 270		61,0%	10,0%	16,0%				13,0%
Turquia	79 414 269			18,0%			73,0%		9,0%
Iraque	37 056 169	75,0%			20,0%				5,0%
Arábia Saudita	27 752 316	90,0%							10,0%
Síria	17 951 639	90,3%		9, 2%					0,5%
Jordânia	8 117 564	98,0%							2,0%
Israel	8 049 314	25,0%						75,0%	
Qatar	2 194 817	40,0%	10,0%						50,0%

Tabela 1: População e distribuição étnica dos principais Países do Médio Oriente



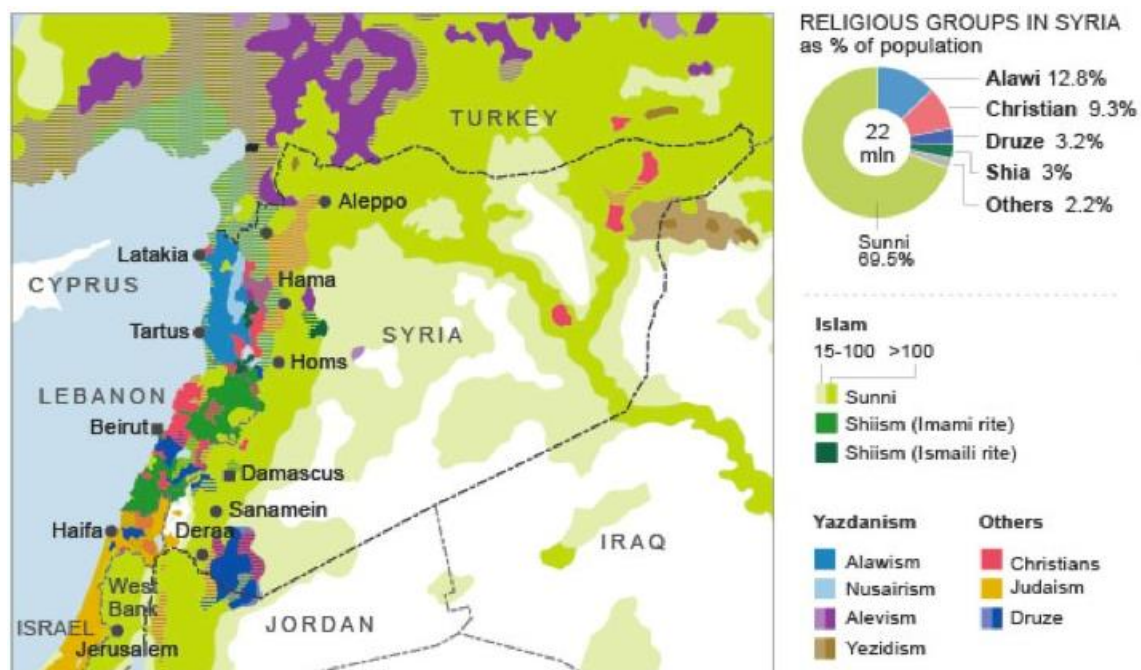
Mapa 1 Distribuição étnica no território da República Árabe Síria

Fonte: Gulf 2000 Project / Middle East Institute, Universidade de Columbia USA

		Religião				
	População	Sunitas	Xiitas	Cristãos	Judeus	Outros
Irão	81 824 270	5%	95%			
Turquia	79 414 269	70,0%	29,0%			1,0%
Iraque	37 056 169	35,0%	65,0%			
Arábia Saudita	27 752 316	84,0%	15,0%			1,0%
Síria	17 951 639	72,8%	16,0%	10,0%		2,2%
Jordânia	8 117 564	97,0%		2,0%		1,0%
Israel	8 049 314	17,0%	1,0%		75%	7,0%
Qatar	2 194 817	70,0%	6,5%	8,5%		14,0%

Tabela 2: População e distribuição religiosa dos principais Países do Médio Oriente

Nota: Sobre a categoria “Xiitas” foram consideradas todas as vertentes do islão que se revêm na corrente Xiita – incluindo *Sufistas*, *Alauitas*, *Drusos*.



Mapa 2 Distribuição religiosa no território da República Árabe Síria

Fonte: Gulf 2000 Project / Middle East Institute, Universidade de Columbia USA

	Demografia e Território		
	População	Território km2	População por km2
Irão	81 824 270	1 648 195	51
Turquia	79 414 269	783 562	104
Iraque	37 056 169	438 317	74
Arábia Saudita	27 752 316	2 149 690	13
Síria	17 951 639	185 180	97
Jordânia	8 117 564	89 342	89
Israel	8 049 314	20 770	377
Qatar	2 194 817	11 586	183

Tabela 3: População, Território e População por km2 dos principais Países do Médio Oriente

Fontes utilizadas no Anexo 2:

- Central Intelligence Agency. (2015, 11 22). The World Factbook. Retrieved from Central Intelligence Agency: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>
- Cockburn, P. (2014, 11 06). Turkish Shias in fear of life on the edge. The Independent. Retrieved from <http://www.independent.co.uk/news/world/europe/turkish-shias-in-fear-of-life-on-the-edge-8862645.html>
- Neria, C. (. (2014, 11 23). Egypt's Shiite Minority: Between the Egyptian Hammer and the Iranian Anvil. Retrieved from Jerusalem Center for Public Affairs: <http://jcpa.org/article/egypts-shiite-minority-between-the-egyptian-hammer-and-the-iranian-anvil/>

ANEXO 3

DADOS ECONÓMICOS DA RÉPUBICA ÁRABE SÍRIA

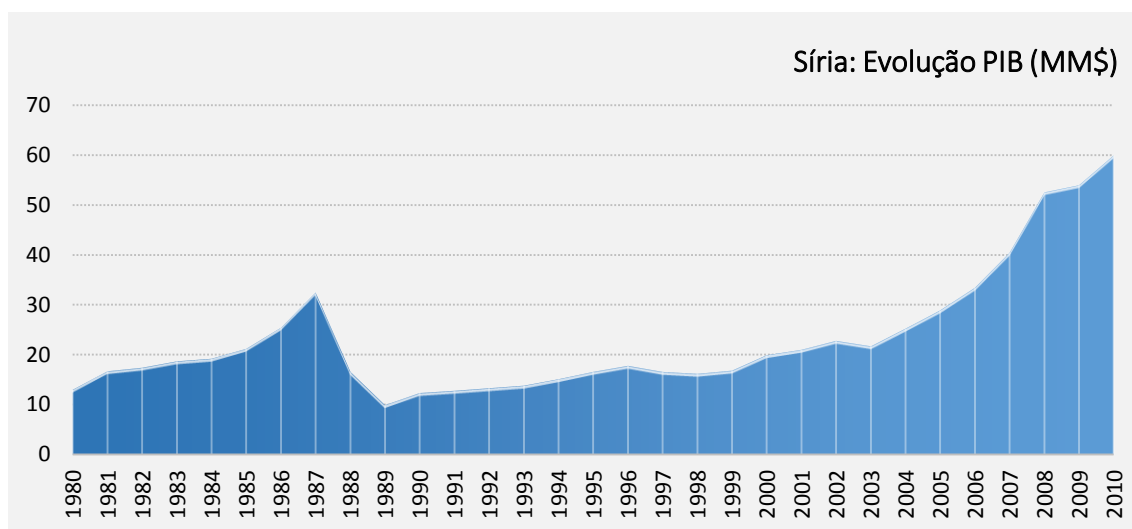


Tabela 1: Evolução do PIB da República Árabe Síria (1980 – 2010) em mil milhões de dólares, a preços constantes

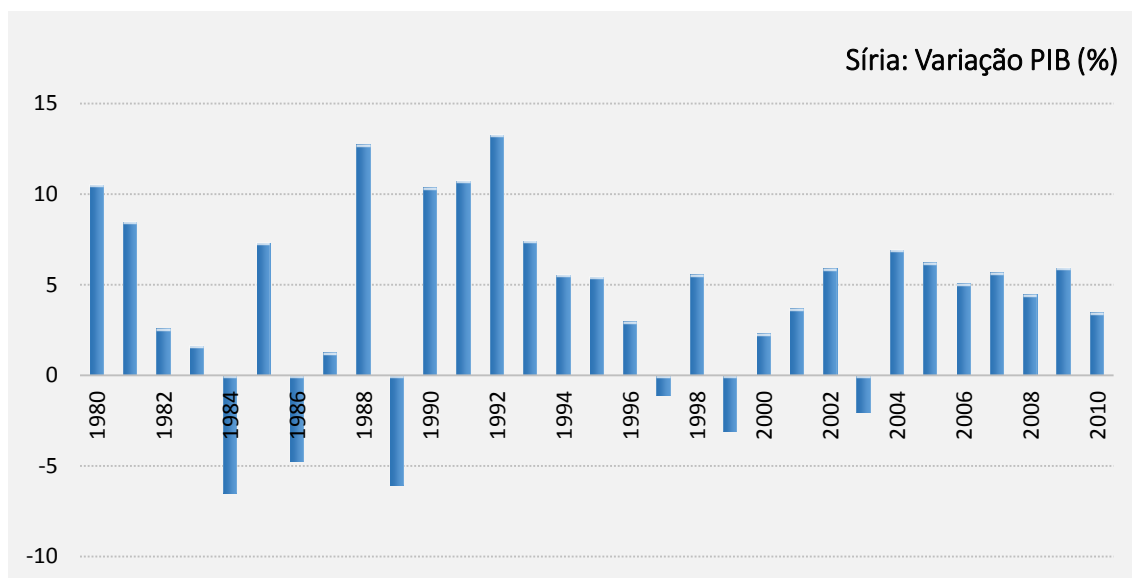


Tabela 2: Variação do PIB da República Árabe Síria (1980 – 2010) em percentagem

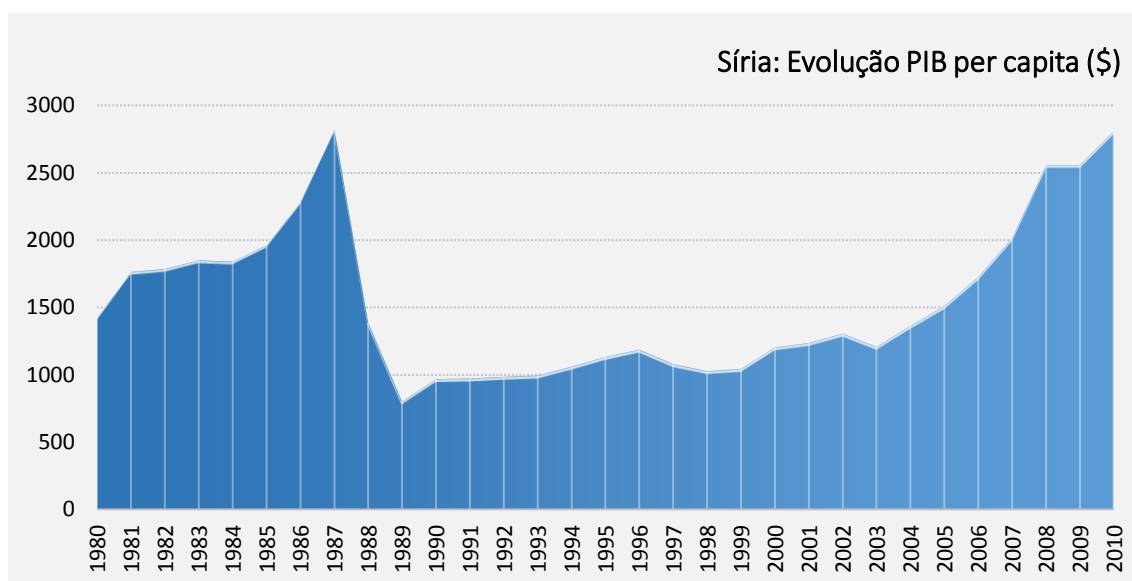


Tabela 3: Evolução do PIB *per capita* da República Árabe Síria (1980 – 2010) dólares, a preços constantes

Fontes utilizadas no Anexo 3:

- International Monetary Fund. (2014, 11 22). Retrieved from World Economic Outlook Database - 2014: <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2014/01/weodata/index.aspx>
- The World Bank. (2014, 11 22). Data Catalog. Retrieved from The World Bank: <http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PC>

ANEXO 4

PRODUÇÃO, RESERVAS E PREÇO DO GÁS NATURAL E PETRÓLEO

	Gás Natural (E6m3)		
	Produção Anual	Reservas	Diferencial
Irão	162 600	33 600 000	0,48%
Qatar	133 200	25 100 000	0,53%
Arábia Saudita	103 200	8 200 000	1,26%
Síria	7 870	240 700	3,27%
Israel	6 860	283 000	2,42%
Iraque	880	3 600 000	0,02%
Turquia	632	6 088	10,38%
Jordânia	230	6 031	3,81%

Tabela 1: Produção e Reservas de Gás Natural dos principais Países da região do Médio Oriente

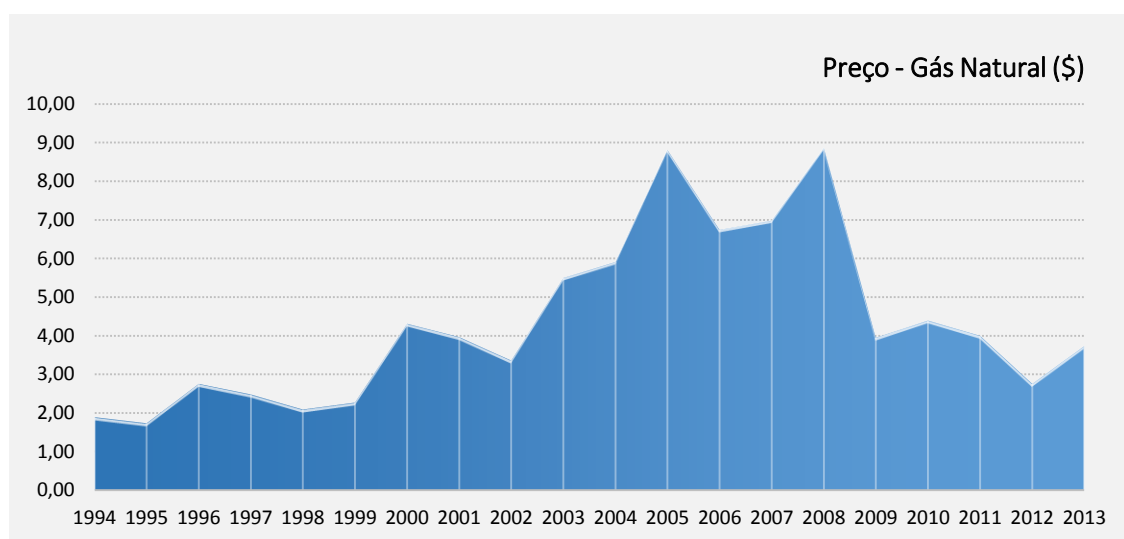


Gráfico 1: Preço do Gás Natural em dólares por mil milhões de BTU – Nymex

Petróleo (Mbbl)			
	Produção Anual	Reservas	Diferencial Anual
Arábia Saudita	11 730 000	269 913 000	4,35%
Irão	3 594 000	157 300 000	2,28%
Iraque	2 979 000	140 300 000	2,12%
Qatar	1 631 000	25 382 000	6,43%
Síria	400 400	2 500 000	16,02%
Turquia	52 980	262 000	20,22%
Israel	3 806	2 000	190,30%
Jordânia	0	1 000	0,00%

Tabela 2: Produção e Reservas de Petróleo dos principais Países da região do Médio Oriente

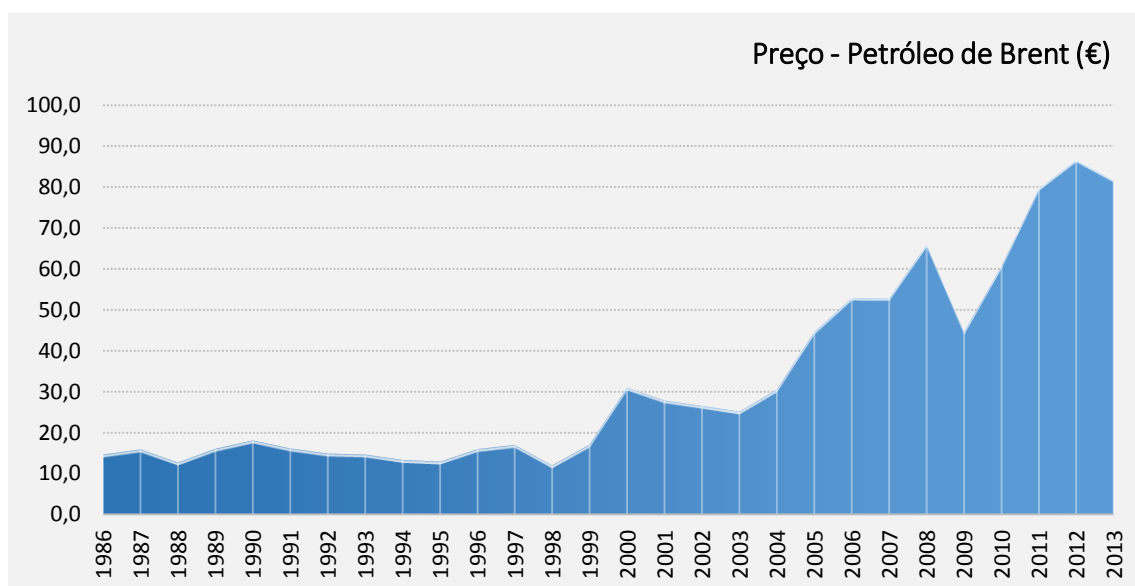
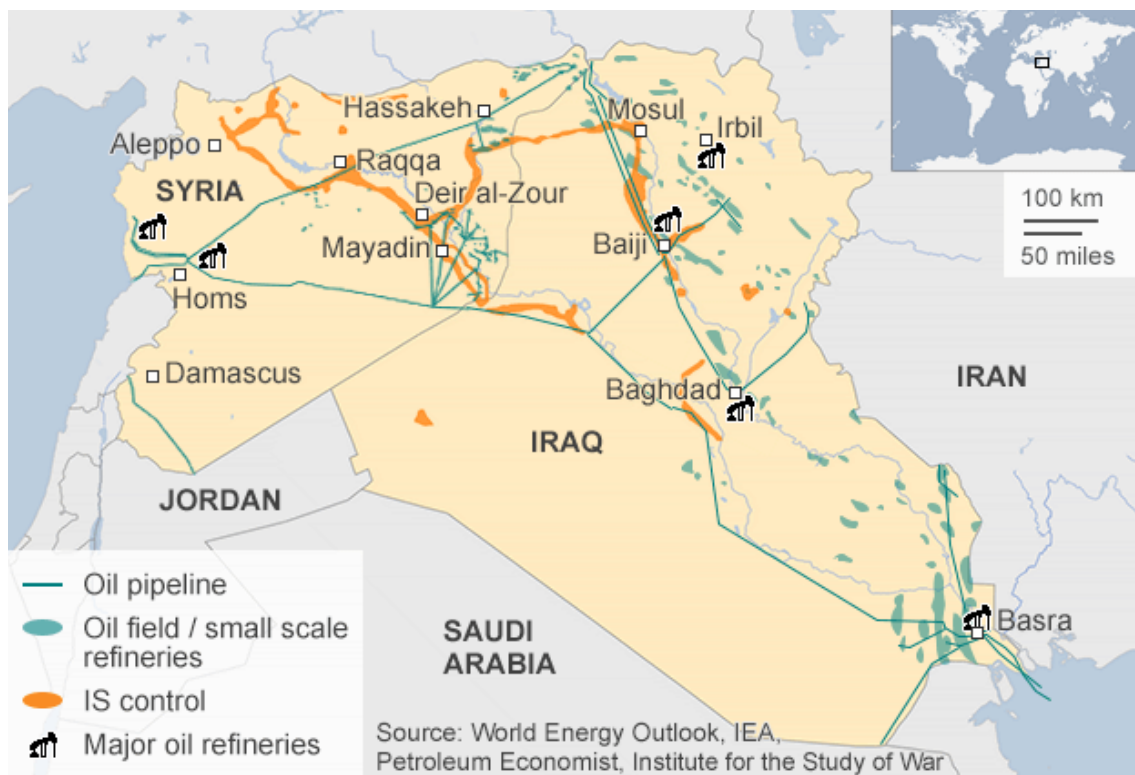


Gráfico 2: Preço do Barril de Petróleo em Euros – Brent



Mapa 1: Distribuição Territorial de campos de petróleo e oleodutos – Síria e Iraque.

Fonte: World Economic Outlook 2014

Fontes utilizadas no Anexo 4:

- British Petroleum. (2014). BP Energy Outlook 2035.
- European Central Bank. (2014, 11 21). Brent Oil Price. Retrieved from European Central Bank Statistical Data Warehouse: <http://sdw.ecb.europa.eu/browse.do?node=2120782>
- Federal Reserve Bank of St. Louis. (2014, 21 10). Natural Gas Price: Henry Hub, LA. Retrieved from Economic Research Program: <http://research.stlouisfed.org/fred2/series/GASPRICE/downloaddata>
- Organization of the Petroleum Exporting Countries. (2014, 11 21). OPEC share of the world crude oil reserves. Retrieved from OPEC Data analysis: http://www.opec.org/opec_web/en/data_graphs/330.htm
- U.S. Energy Information Administration. (2014, 11 22). Reserve Analysis. Retrieved from EIA Statistics and Analysis: <http://www.eia.gov/countries/index.cfm?view=reserves>

ANEXO 5

DADOS RELATIVOS ÀS DESPESAS MILITARES

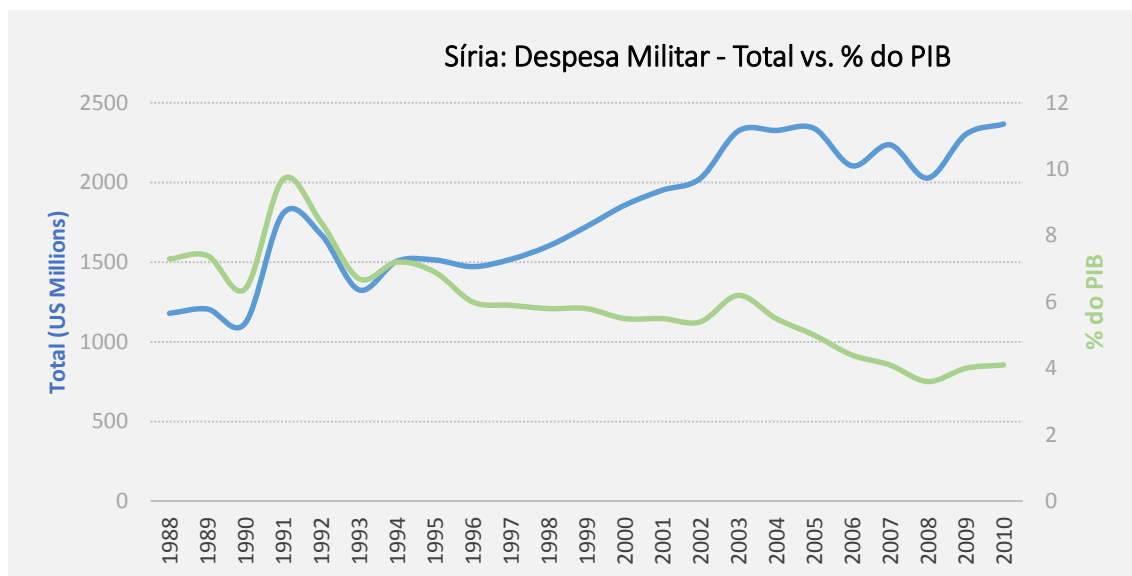


Gráfico 1: Despesa Militar Total da República Árabe Síria em milhões de dólares e afetação do PIB a essa despesa. Preços constantes (US\$ Millions)

	Despesa Militar Regional (m\$us)												
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Arábia Saudita	27339	29118	25562	25751	28628	34495	39294	45264	44425	45655	47511	48531	54218
Turquia	20773	19043	20261	18287	16689	15799	16511	15924	16119	17275	16976	17690	17906
Israel	14478	15346	17267	17279	16514	15898	16940	16447	15796	15933	15398	15163	15536
Irão	10161	11229	8588	9907	12541	15518	16818	14260	10868	10107	9250	9570	7106
Iraque	1726	1746	1783	1805	1882	2541	1824	2724	3401	3225	3782	5905	5693
Síria	1 856	1 951	2 025	2 322	2 326	2 339	2 104	2 236	2 027	2 301	2 366	2 495	1 852
Qatar	1212	1227	1252	1263	1164	1229	1320	1700	2193	1938	1913	1979	1469
Jordânia	835	820	794	916	850	845	924	1262	1456	1507	1400	1340	1382

Tabela 1: Evolução da Despesa Militar (em milhões de dólares, ajustados à inflação)

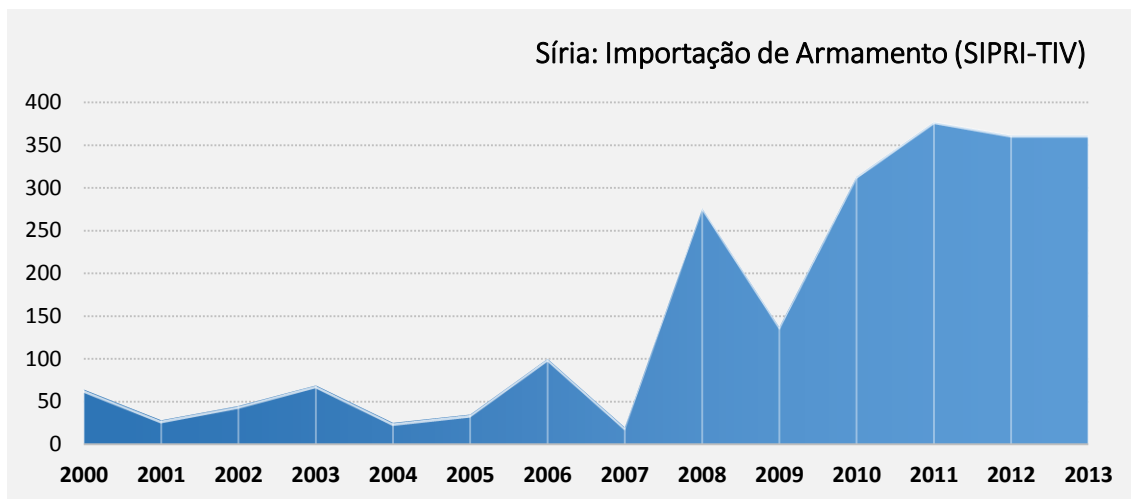
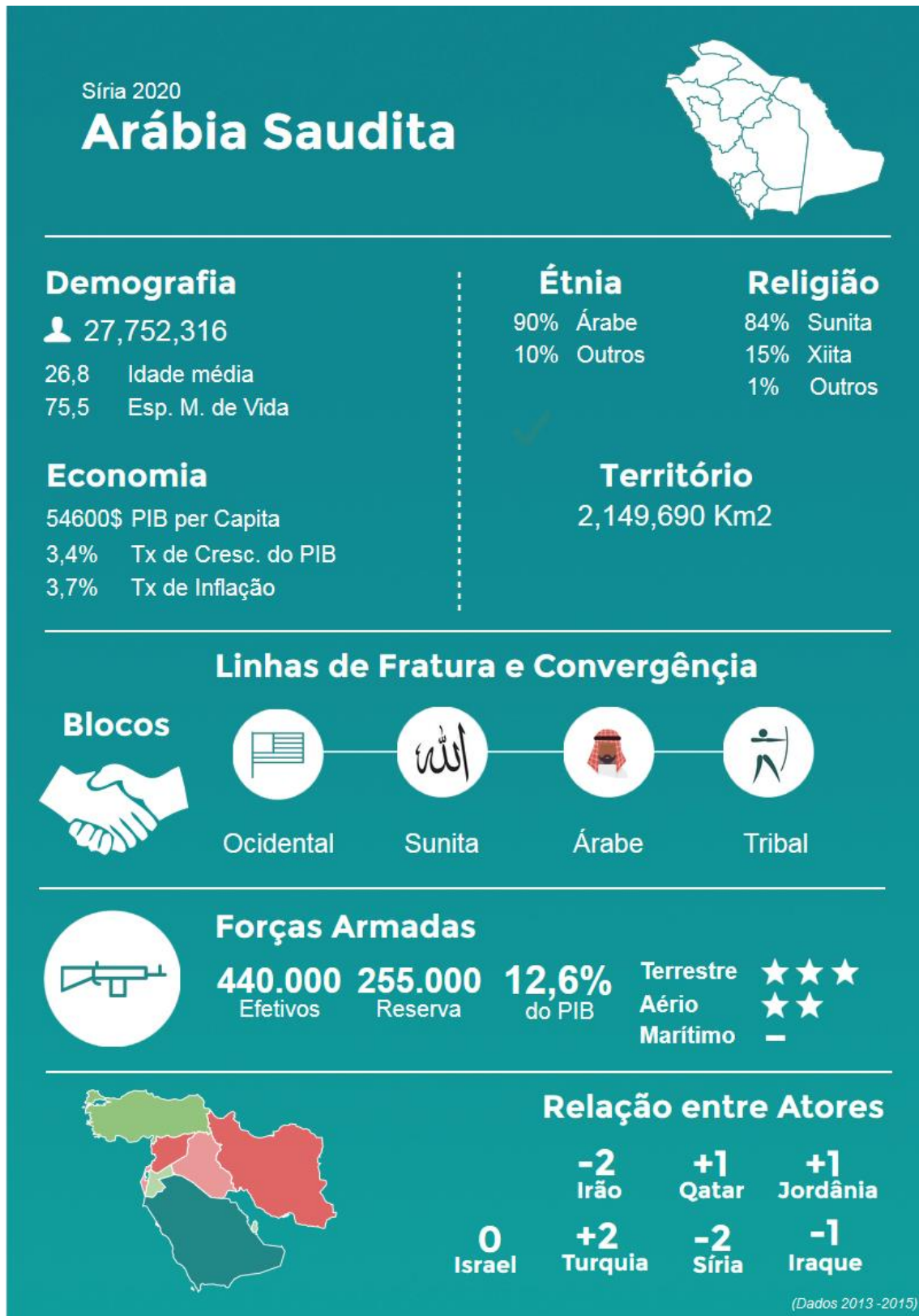


Gráfico 2: Importações de material militar pela República Árabe Síria (Unidade SIPRI-TIV)

Fontes utilizadas no Anexo 5:

- Groof, M. d. (2013). Arms Transfers to the Syrian Arab Republic. Bruxelles: GRIP - Groupe de recherche et d'information sur la paix et la sécurité.
- Stockholm International Peace Research Institute. (2010). Military Spending and Arms Procurement in the Gulf States. SIPRI.
- Stockholm International Peace Research Institute. (2012). Trends in World Military Expenditure. SIPRI.
- Stockholm International Peace Research Institute. (2014). Military Expenses Database. SIPRI.
- Wezeman, P. D. (2014). Arms Transfers to Syria. Stockholm International Peace Research Institute.

ANEXO 6 - QUADROS DE REFERÊNCIA



Síria 2020

Jordânia



Demografia

 8,117,564
26,8 Idade média
75,5 Esp. M. de Vida

Economia

12400\$ PIB per Capita
2,9% Tx de Cresc. do PIB
-0,7% Tx de Inflação

Étnia

98% Árabe
2% Outros

Religião

97% Sunita
2% Cristã
1% Outros

Território

89,342 Km2

Linhas de Fratura e Convergência

Blocos



Ocidental



Sunita



Árabe



Real



Forças Armadas

110.700
Efetivos

60.000
Reserva

4,7%
do PIB

Terrestre ★
Aéreo ★
Marítimo —



Relação entre Atores

	-2 Irão	+1 Qatar	-1 Israel
+1 Arábia Saudita	+1 Turquia	-2 Síria	-1 Iraque

(Dados 2013 -2015)

Síria 2020

Turquia



Demografia

 79,414,269
30,1 Idade média
74,57 Esp. M. de Vida

Economia

20500\$ PIB per Capita
3% Tx de Cresc. do PIB
7,5% Tx de Inflação

Étnia

73% Turcos
18% Curdos
9% Outros

Religião

70% Sunita
29% Xiita
1% Outros

Território

783,562 Km2

Linhas de Fratura e Convergência

Blocos



Ocidental



Sunita



Forças Armadas

639.551 Efetivos
378.700 Reserva

2,3%
do PIB

Terrestre ★★
Aéreo ★★
Marítimo ★



Relação entre Atores

	-2 Irão	+1 Qatar	+1 Jordânia
+2 Arábia Saudita	-1 Israel	-2 Síria	-1 Iraque

(Dados 2013 -2015)

Síria 2020

Qatar



Demografia

 2,194,817
32,8 Idade média
78,6 Esp. M. de Vida

Economia

145000\$ PIB per Capita
4,7% Tx de Cresc. do PIB
1,6% Tx de Inflação

Étnia

40% Árabe
18% Indiana
18% Paquistanesa
10% Persa
14% Outros

Religião

70% Sunita
8,5% Cristã
14% Outros

Território

11,586 Km2

Linhas de Fratura e Convergência

Blocos



Ocidental



Sunita



Árabe



Tribal



Forças Armadas

11.000
Efetivos

0
Reserva

1,5%
do PIB

Terrestre ★
Aéreo ★
Marítimo —



Relação entre Atores

	-2 Irão	+1 Israel	+1 Jordânia
-1 Arábia Saudita	+1 Turquia	-2 Síria	-1 Iraque

(Dados 2013 -2015)

Síria 2020

Israel



Demografia

 8,049,314

29,6 Idade média

82,27 Esp. M. de Vida

Economia

34300\$ PIB per Capita

2,5% Tx de Cresc. do PIB

-0,6% Tx de Inflação

Étnia

75% Judaica

25% Árabe

Religião

75% Judeísmo

18% Islâmica

7% Outros

Território

20,770 Km2

Linhas de Fratura e Convergência

Blocos



Ocidental



Forças Armadas

176,500
Efetivos

445,000
Reserva

5,5%
do PIB

Terrestre

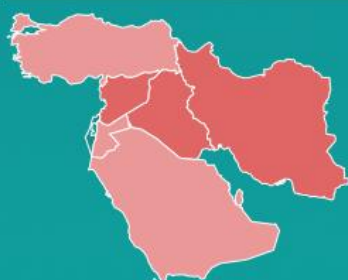
★★★

Aéreo

★★★

Marítimo

★★



Relação entre Atores

-2
Irão

-1
Qatar

-1
Jordânia

-1
Arábia Saudita

-1
Turquia

-2
Síria

-2
Iraque

(Dados 2013 -2015)

Síria 2020

Irão



Demografia

 81,824,270
28,8 Idade média
71,2 Esp. M. de Vida

Economia

17800\$ PIB per Capita
0,8% Tx de Cresc. do PIB
15,3% Tx de Inflação

Étnia

61% Persas
16% Azeri
10% Curdos

Religião

95% Xiitas
5% Sunitas

Território

1,648,195 Km²

Linhas de Fratura e Convergência

Blocos



Eixo Russo
Iraniano



Xiita



Forças Armadas

545,000 Efetivos
1,800,000 Reserva
2,8% do PIB

Terrestre ★★
Aéreo ★★
Marítimo ★★



Relação entre Atores

-2	-2	-2
Israel	Qatar	Jordânia
-2	+2	+2
Arábia Saudita	Turquia	Síria
		Iraque

(Dados 2013 -2015)

Síria 2020

Iraque



Demografia

 37,056,169
19,7 Idade média
74,85 Esp. M. de Vida

Economia

15500\$ PIB per Capita
0% Tx de Cresc. do PIB
1,8% Tx de Inflação

Étnia

75% Árabe
20% Azeri
5% Outros

Religião

65% Xiitas
35% Sunitas

Território

438,317 Km²

Linhas de Fratura e Convergência

Blocos



Eixo Russo
Iraniano



Xiita



Forças Armadas

210,000
Efetivos

514,000
Reserva

8,7%
do PIB

Terrestre ★
Aéreo ★
Marítimo —



Relação entre Atores

-2	-1	-1
Israel	Qatar	Jordânia
-1	-2	+2
Arábia Saudita	Turquia	Síria
		+2
		Irão

(Dados 2013 -2015)

Dados relativos ao Território, Demografia, Etnia e Religião retirados de:

- Central Intelligence Agency. (2015, 11 22). The World Factbook. Retrieved from Central Intelligence Agency: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>

Dados relativos às forças armadas retirados de:

- Central Intelligence Agency. (2015, 11 22). The World Factbook. Retrieved from Central Intelligence Agency: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>
- Stockholm International Peace Research Institute. (2014). Military Expenses Database. SIPRI.
- Stockholm International Peace Research Institute. (2012). Trends in World Military Expenditure. SIPRI.

Nota: A formulação das linhas de fratura e convergência, e relação entre atores foram elaboradas pelo autor em linha com o disposto no Capítulo II Dimensão Externa do Conflito